



**RATIO - FACULDADE TEOLÓGICA E FILOSÓFICA
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

SANDRA MARIA CAVELOZO RICARDO

**AS DIFERENÇAS SOCIAIS ENTRE O HOMEM E A MULHER
DURANTE A VELHICE NA PERSPECTIVA DOS(AS) IDOSOS(AS)
QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES DO CRAS – BOM JARDIM**

FORTALEZA

2016

SANDRA MARIA CAVELOZO RICARDO

**AS DIFERENÇAS SOCIAIS ENTRE O HOMEM E A MULHER DURANTE A
VELHICE NA PERSPECTIVA DOS(AS) IDOSOS(AS) QUE PARTICIPAM DAS
ATIVIDADES DO CRAS - BOM JARDIM**

Monografia submetida à aprovação do Curso de Bacharelado em Serviço Social pela Faculdade Teológica Ratio, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof^a. Ms. Virzangela Mendes

FORTALEZA

2016

SANDRA MARIA CAVELOZO RICARDO

**AS DIFERENÇAS SOCIAIS ENTRE O HOMEM E A MULHER DURANTE A
VELHICE NA PERSPECTIVA DOS(AS) IDOSOS(AS) QUE PARTICIPAM DAS
ATIVIDADES DO CRAS- BOM JARDIM**

Monografia como pré-requisito para obtenção do título de Bacharelado em Serviço Social, outorgado pela Faculdade Teológica Ratio, tendo sido aprovada pela banca examinadora composta pelos professores.

Data de aprovação: 08/12/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Virzângela Paula Sandy Mendes
(Orientadora)

Prof.^a Ms. Maria de Fátima Farias de Lima
(Faculdade Ratio)

Prof. Ms. Francisco de Assis Alencar Mota
(Faculdade Ratio)

Dedico esse trabalho aos meus queridos pais, o da terra, José Antônio e o do céu, Jesus Cristo, os quais me ajudaram sem medir esforços. Sem a ajuda de ambos não teria conseguido concretizar esse sonho.

AGRADECIMENTOS

Não poderia iniciar o segmento que compete aos agradecimentos sem menção a Deus, pois antes de tudo foi ele que me proporcionou a oportunidade de iniciar esse curso e que me ajudou e, sobretudo me sustentou em todos os momentos, mesmo quando eu quis desistir, quando imaginava que não teria capacidade de concluir, ele acreditou em mim, e me deu forças e sabedoria para continuar. Obrigada por tudo Senhor, bendito sejas por sua misericórdia divina que ampara e me acolhe todos os dias.

A minha mãe Maria Gorete que me incentivou quanto a matrícula do curso na faculdade, que se preocupava com a minha participação nas aulas me impulsionando a estudar e concluir o curso por mérito e com êxito. Mãe, a sua falta no meu cotidiano é imensa. Obrigada por tudo!

Ao meu querido e especial pai José Antonio Ricardo que sempre esteve presente nos melhores e piores momentos, que se orgulha muito com a concretização desse sonho. Pai, todo o meu esforço e dedicação eu ofereço a você. Amo-te mais do que a minha própria vida.

À minha maravilhosa e amada amiga Cleidimar Sousa Silva, que foi uma das pessoas que mais me incentivou e que acredita profundamente na minha capacidade. Ela esteve presente em todos os momentos de tristezas, angustias e sobretudo alegrias ao que se refere a minha vida acadêmica. Obrigada amiga, sua amizade para mim é um grandioso presente de Deus.

À minha amiga Yasmim Lima que me apoiou e me incentivou a continuar quando eu quis desistir, que carrega entre si a nobreza de sempre rezar por mim. Obrigada minha querida, eu nunca irei esquecer-me dos momentos em esteve ao meu lado.

À minha generosa e inteligentíssima amiga Judivania Vital que me apresentou o Curso. Que sempre esteve disposta a sanar minhas dúvidas e que torce por minhas conquistas acadêmicas. Obrigada, minha querida!

A minha querida e talentosa Joanne Louyse que me ajudou na concretização das lembranças dos(as) idosos(as) no término da pesquisa.

Às minhas irmãs Sarah Maria Cavelozo Ricardo e Cristiana Cavelozo por fazerem parte dos momentos de tristeza e alegrias. Obrigada pelo amor e cumplicidade de ambas, amo vocês infinitamente, e tudo que almejo e anseio para mim, eu desejo em dobro para vocês.

Não poderia deixar de mencionar os meus amigos Wellington Araujo, Thais Freitas, Ligia Aguiar e Dalva dos Santos, vocês se tornaram muito especiais ao longo da minha trajetória acadêmica, a nossa cumplicidade desde início do curso sempre foi muito grande, aprendi muito com vocês, e guardarei comigo todos os ensinamentos, momentos de brincadeiras, as nossas loucuras nos seminários, enfim.. sempre irei lembrar de vocês. Amo cada um na sua particularidade, antes amigos, agora amigos e companheiros de profissão.

Ao Renê Rocha e ao Rômulo Figueiredo por terem sido tão solícitos. Meninos, tenho por vocês um carinho imenso, e sinto que é recíproco. Obrigada por toda ajuda.

À querida e especial Daniela Simões que compartilhou comigo todos os momentos de angústia e desespero quanto à concretização desse trabalho, e que me ajudou. Amiga tu és especial, muito obrigada!

À minha amiga Ana Paula Gomes Brito pelas palavras de incentivo.

Aos(às) Educadores(as) Sociais do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) Robinson Aragão e Gleydiane Freitas que me forneceram informações sobre os sujeitos dessa pesquisa e por terem sido muito atenciosos(as). Obrigada!

À querida Aurélia Brito por todo apoio e atenção a mim dedicado durante a pesquisa na instituição Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

À minha querida e amada professora Kelly Meneses que fez uma vasta contribuição na concretização do projeto dessa pesquisa, sem a contribuição dela, jamais teria conseguido obter satisfação em relação à elaboração desse trabalho. Obrigada querida, você é uma das minhas inspirações como profissional e como pessoa.

Aos meus amigos Daniel Lopes e Jessica Vieira por terem se disponibilizado a me ajudar no momento em que precisei.

À Flávia Barros que durante algum tempo escutou as minhas lamurias em relação à pesquisa.

À minha maravilhosa e querida orientadora Virzângela Mendes que prontamente aceitou a me orientar, que sempre foi muito solícita, sempre me incentivou e acreditou na minha capacidade. Obrigada professora, sem a sua ajuda e orientação jamais eu teria conseguido.

Ao inteligentíssimo e culto professor Assis Mota por ter se disponibilizado participar da banca examinadora.

À querida professora Fátima que mesmo sem me conhecer aceitou o convite de participar da banca examinadora. Obrigada, professora!

E eu não poderia deixar de mencionar os(as) idosos(as) participantes da pesquisa, pela recepção e sobretudo por suas contribuições. Vocês me ensinaram muito, e não apenas como pesquisadora, mas também como pessoa, vocês me ensinaram a ser mais humana. Guardarei todas as palavras, os olhares gentis, os abraços espontâneos, e a simplicidade. Vocês são uma escola ambulante, são minhas pérolas de estudo. Deixo aqui registrado a minha sincera gratidão a todos(as).

E para finalizar faço memória a minha querida avó Maria Ricardo a quem tanto amei e amo. Ah! Se todos(as) pudessem compreender a nobreza da maturidade!

Viver é envelhecer, nada mais.

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

O envelhecimento populacional é uma realidade mundial, isso acontece porque o ritmo de pessoas que nascem é inferior aos que morrem, e isso gradativamente contribuiu e contribui para os elevados números de pessoas idosas na sociedade. A estimativa de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2009) para o ano 2020 é de 27,2 milhões de idosos(as). Considerando essa realidade, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar as diferenças sociais entre o homem e a mulher durante a velhice na perspectiva dos(as) dos idosos(as) que participam do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Esse serviço é oferecido no Centro de Referência da Assistência Social(CRAS), situado no bairro Bom Jardim na cidade Fortaleza. Os objetivos específicos foram caracterizados em compreender os significados que os(as) idosos(as) atribuem à velhice; a velhice na atualidade; e os significados dos termos: idoso e velho. A metodologia desta pesquisa é de natureza qualitativa, pois os objetivos estiveram relacionados com as questões subjetivas dos(as) sujeitos. Fizemos pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo no intuito de coletarmos as respostas pretendidas dessa pesquisa. Diante dos resultados, consideramos que as diferenças sociais entre o homem e mulher idosa existem e foram apontados pelos entrevistados que: as mulheres são mais ativas, se cuidam mais, no entanto, carregam entre si o peso de uma velhice mais estereotipada em relação à velhice masculina. Ao que se refere aos significados das atribuições à velhice, consideramos que significados mencionados pelos(as) entrevistados(as) são negativos. Sobre as vivência do contexto atual, em consonância com a população idosa, constatamos que houve mudanças, algumas consideradas benéficas, devido as políticas sociais voltadas para os idosos(as), todavia, em relação ao “tratamento” da sociedade perante aos(as) idosos(as) muitas circunstâncias precisam ser modificadas. E sobre as designações de velho e idoso, constatamos que esses termos tem significados diferentes para os(as) idosos(as), no qual o termo idoso na maioria das vezes foi considerado uma denominação mais respeitosa, e o termo velho, uma ofensa.

Palavras-chave: Velhice. Pessoa Idosa. Relações de Gênero.

ABSTRACT

Population aging is a global reality because the rhythm of birth is lower than those who die, and this has gradually contributed to and contributes to the high numbers of older people in society. The estimate according to the Brazilian Institute of Geography and Statistics, IBGE (2009) for the year 2020 is 27.2 million elderly people. Considering this reality, the present research had as general objective to analyze the social differences between men and women during old age from the perspective of the elderly people who participate in the Service of Coexistence and Strengthening of Ties (SCFV). This service is offered at the Reference Center for Social Assistance (CRAS), located in the Bom Jardim neighborhood of Fortaleza. The specific objectives were characterized in understanding the meanings that the elderly attribute to the old age; Old age in the present; And the meanings of the terms: elderly and old. The methodology of this research is qualitative nature, since the objectives were related to the subjective questions of the subjects. We did bibliographic research and field research in order to collect the intended answers of this research. Given the results, we consider that the social differences between elderly men and women exist and were pointed out by the interviewees that: women are more active, they take better care, however, they carry the weight of a more stereotyped old age in relation to male old age. Regarding the meanings of attributions to old age, we consider that the meanings mentioned by the interviewees are negative. On the experience of the current context, in consonance with the elderly population, we noticed that there were changes, some considered beneficial, due to social policies aimed at the elderly, however, in relation to the "treatment" of society before the many circumstances need to be modified. And on the designations of the old and the elderly, we find that these terms have different meanings for the elderly, in which the term elderly was most often considered a more respectful denomination, and the old term an offense.

Keywords: Old Age. Elderly Person. Gender Relations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Grupo de idosos do CRAS.....	24
Figura 2 - Palestra sobre gerontologia.....	27
Figura 3 - Apresentação e solicitação de conversa/entrevista com o grupo de idosos.....	28
Figura 4 - Momento de recreação na piscina.....	37
Figura 5 - Oficina socioeducativa.....	37
Figura 6 - Festas (CRAS)	38
Figura 7 - Momento final	98

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Gráfico 1 - Proporção de idosos de 60 anos ou mais nas macrorregiões do Brasil (2009)	21
Gráfico 2 - Proporção de idosos com idade de 60 anos ou mais e de 65 anos ou mais (Brasil - 1999/2009).....	22
Gráfico 3 – Previdência social.....	47
Gráfico 4 – População de 60 ou mais, Brasil (2000-2020)	52
Tabela 1– Recursos disponíveis no CRAS	35
Tabela 2 – População feminina residente no Brasil	54
Tabela 3 – População masculina residente no Brasil	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Aprender brincar e Crescer
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CCI	Centro de Convivência de Idosos
CF 88	Constituição Federal de 1988
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
MDS	Ministério de Desenvolvimento Social e Agrário
NOB-SUAS	Norma Operacional Básica do Sistema único de Assistência Social
PNAD	Pesquisa de Amostra de Domicílios
PNAS	Política Nacional de Assistência
PAIF	Proteção e Atendimento Integral à Família
PAIFI	Proteção e Atendimento Especializado as Famílias e Indivíduos.
PNSPI	Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa
SETRA	Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social e Combate à Fome
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SUAS	Proteção Social Básica de Sistema Único de Assistência
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 PERCURSO METODOLÓGICO	21
2.1 A definição do objeto.....	21
2.2 Trajeto metodológico e a inserção em campo	24
2.3 Definição do campo de pesquisa	32
2.4 Apresentação dos sujeitos.....	35
3 NOTAS CONCEITUAIS SOBRE OS(AS) IDOSOS(AS) NA CONTEMPORANEIDADE	43
3.1 Definindo o termo idoso, velho e velhice	43
3.2 Políticas Públicas voltadas para idosos(as).....	57
3.3 Serviço de convivência fortalecimento de vínculos para idosos(as)	68
4 A VIVÊNCIA DE HOMENS E MULHERES IDOSAS ATENDIDAS NO CRAS BOM JARDIM: ACHADOS DA PESQUISA DE CAMPO	73
4.1 Atribuições à velhice: apontamentos dos(as) Idosos(as) sobre os Significados Atribuídos à Velhice	73
4.2 As diferenças sociais entre o(a) homem e a mulher idosa.....	77
4.2.2 “O homem é como se fosse um “bicho” brabo do mato”: relatos dos homens idosos sobre as diferenças sociais entre o homem e a mulher idosa	83
4.3 A Velhice na Atualidade: relatos dos(as) entrevistados(as)	88
4.4 O Termo Velho e Idoso de acordo com as abordagens dos(as) entrevistados(as).....	93
4.4.1 “Velho é pano de chão”: abordagens dos(as) entrevistados(as) em relação aos termos velho e idoso.....	93
4.4.2 “O termo idoso é suave, não denigre tanto a pessoa.”: apontamentos dos(as) participantes da pesquisa sobre a designação do termo Idoso	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento de homens e mulheres é um fator natural e cultural que sempre existiu na sociedade, requerendo bastante atenção e, sobretudo, mais pesquisas a serem desenvolvidas em todos os segmentos para que haja um acompanhamento mais profundo e/ou um aparato especificado tanto do poder público, quanto da sociedade no contexto geral.

Segundo o Estatuto do Idoso, em seu Artigo 3º, está descrito que é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar atendimento ao idoso com absoluta prioridade. Nesse sentido, é direito do idoso e obrigação da sociedade, tratar-lhe com total prioridade, e, ainda, assegurar-lhe os direitos básicos como: saúde, lazer, educação, esporte, liberdade, trabalho, alimentação, cultura, cidadania, dignidade e ao respeito à convivência familiar e comunitária.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2009), o número de pessoas idosas tem aumentado em todos os países, o número ultrapassa o ritmo de pessoas que nascem, acarretando diversas situações que modificam as estruturas de gastos do país. E, nesse sentido, há certa preocupação por parte do Estado.

No Brasil, a situação não é diferente, segundo a Pesquisa de Amostra de Domicílios – PNAD (2009) havia cerca de 21 milhões de pessoas com idade acima de 60 anos. Ainda segundo o IBGE, em 2004, a estimativa de idosos acima de 60 anos ou mais era de 9,7%; em 2009 era de 11,3%, no mesmo período, todavia com a faixa etária acima de 65 anos a estimativa é inferior: em 2004 era de 6,7% e em 2009 era de 7,8%. Um fator questionador é que nesse mesmo período foi coletado que 64,1% das mulheres ocupavam a posição de pessoa de referência no domicílio.

Em relação à renda domiciliar *per capita* para pessoas acima de 60 anos de idade é de que 43,2% ganham até 1 salário mínimo, 29,0% ganham de 1 a 2 salários mínimos, 22,9% mais de 2 salários. Sobre o âmbito da previdência, 57,9% são aposentados, 11,4% são pensionistas, 8,1% são aposentados e pensionistas.

Quanto à questão da escolaridade ainda é considerado um nível baixo para ambos os sexos com estimativa de que apenas 30,7% tinham menos de um ano de instrução. 50,2% da

população acima de 60 anos têm menos de 4 anos de estudo, 32,3% têm entre 4 a 8 anos de estudo, e 17,4% têm 9 anos ou mais de estudo.

Ao que se refere aos aspectos de gênero, a população do sexo feminino ultrapassa aos que são do sexo masculino. A população masculina representa apenas 44,2% da população, sendo que no sexo feminino o número estimado é de 55,8, de acordo com o PNAD (2009).

Ainda de acordo com o IBGE (2009) a questão de gênero tem bastante influência, a população do sexo feminino tem mais dificuldade de fazer exercícios físicos (como caminhar), 15,9% tinha dificuldades de andar 100 metros contra 10,9% dos homens. Entretanto, a expectativa de vida da mulher é superior ao do homem, segundo a pesquisa a mulher vive em média 77 anos, e o homem 69.

Acreditamos que embora as políticas públicas e leis sejam de um teor universal e homogêneo, a velhice é relativa, heterogênea, singular, onde cada um(a) expressa sua forma particular de ser idoso(a), embora hajam semelhanças biológicas quanto aos anos que foram vivenciados e, sobretudo são as diferenças de gênero que nortearam todo o processo da pesquisa. Partindo dessa realidade, surgiu a seguinte indagação: quais as diferenças sociais entre o homem e a mulher na perspectiva dos idosos que participam das atividades no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), do bairro Bom Jardim?

O contexto no qual iremos abordar as diferenças na velhice implica em um estudo novo, pautado na investigação de histórias vivenciadas por pessoas com idade a partir de 60 anos, no qual o principal objetivo foi analisar as diferenças do homem e da mulher no processo de envelhecimento, como dito anteriormente, na perspectiva dos idosos que participam das atividades oferecidas no CRAS, situado no bairro Bom Jardim.

Em Fortaleza, segundo a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social e Combate à Fome (SETRA), existem 26 CRAS que, além de todos os serviços de assistência social, têm incluso em seus segmentos de trabalho, o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para idosos (SCFV).

Os objetivos específicos dessa pesquisa foram compreender os significados que os(as) idosos(as) atribuem à velhice; compreender as percepções dos idosos(as) sobre ser homem e ser mulher na atualidade; e, por último, compreender a importância que eles(as) atribuem aos significados dos termos: velho(a) e idoso(a).

O motivo pelo qual eu escolhi esse tema foi por afinidade e carinho para e com os idosos e isso me impulsionou a pesquisar sobre essa fase da vida humana. Já a escolha do campo foi por conta da logística, e por ser mais acessível. O fato de eu já ter feito o estágio supervisionado nessa instituição facilitou quanto às questões dos idosos(as) ficarem mais a vontade com minha presença, além disso, já conhecia os Educadores Sociais que me ajudaram com algumas informações sobre o grupo.

O intuito da pesquisa foi obter respostas que ajudassem na compreensão de todos, para que facilitasse o conhecimento das pessoas, ou pelo menos tentar adentrar a essência dos fatos, e sair da base angustiante do senso comum, que diz: “pessoas velhas não merecem atenção, o que merecem é uma rede e esperar a morte”. Precisamos urgentemente desconstruir esse conceito, apenas com muitos estudos e conseqüentemente pesquisas, teremos a desconstrução desses aspectos impregnados na sociedade.

Pesquisas que abordem a temática sobre o processo de envelhecimento dos homens e das mulheres são estudos sempre fundamentais, já que o envelhecimento é algo que naturalmente acontece, entretanto, o foco principal dessa pesquisa foi o âmbito social, pelo qual tentamos compreender as diferenças do homem idoso e da mulher idosa, os significados que os(as) idosos(as) atribuem à velhice e, entre outros fatores que já foram mencionados nos parágrafos anteriores, trata-se de um campo de estudo que exige estudo e que carece de pesquisas para que haja uma concentração de conhecimentos sobre esse segmento, e conseqüentemente, modificações no contexto social que gerem políticas públicas, que impulsionem a igualdade de gênero, sobretudo na velhice.

No que se refere à pesquisa científica, a classificação pode variar entre pesquisa qualitativa, quantitativa, quali-quantitativa e quanti-qualitativa. Cada uma dessas variações dispõe de um conceito diversificado e objetivos diferentes sobre a pesquisa científica. Cabe aqui descrever a definição da pesquisa qualitativa, pois essa contemplou os critérios do presente trabalho monográfico.

Como citado anteriormente, a pesquisa é de natureza qualitativa, pois os objetivos foram relacionados com as questões subjetivas por meio de observação e diálogos com os sujeitos participantes. O conceito de pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2010), responde a questões subjetivas, ou seja, as questões particulares, ela se ocupa nas Ciências Sociais como um fato que não pode e não deveria ser substituído pelo método quantitativo, este trabalha com os resultados, diversidade de opiniões, motivos, aspirações, crenças, valores

e atitudes. Essa junção de fenômenos deve ser entendida como parte da realidade social, pois os seres humanos são e agem de forma diversificada, ou seja, se distinguem não só por agir, mas por pensar sobre suas ações, sobre o que fazem, e pela interpretação que faz dentro da realidade social compartilhada com seus semelhantes. “Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática” (MINAYO, 2010).

Tivemos a principal intenção, de coletar respostas da realidade social, sobre a problematização existente na sociedade contemporânea, com características relacionadas à subjetividade, como já foi descrito anteriormente, entretanto, sem o reducionismo unificador, haja vista que a realidade além de complexa é dinâmica.

Antes de citarmos os(as) autores(as) que fundamentaram a nossa pesquisa, faz-se necessário citarmos a conceituação de pesquisa bibliográfica: a pesquisa bibliográfica, segundo Cervo (et al., 2007) procura dar respostas a um problema a partir de teorias publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. Pode ser concretizada de forma independente, mas também como parte de uma pesquisa descritiva ou experimental. Nos dois casos a intenção é compreender e analisar as contribuições da realidade sob os aspectos culturais ou científicos do passado sobre determinado problema, assunto, ou uma determinada temática.

O embasamento bibliográfico da pesquisa tem como base os seguintes autores Barros (2010), Bruchine (2000), Cervo (et al., 2007), Minayo (2010) etc. Se faz necessário enfatizarmos que nessa pesquisa o embasamento foi realizado nas seguintes políticas: Constituição Federal (1988), Política Nacional de Assistência Social (PNAS, 2009); Estatuto do Idoso (2011), Pesquisa de Amostra de Domicílios (PNAD, 2009), IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010) e LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social (2001) dentre outras.

O campo de pesquisa é o CRAS que fica localizado no bairro Bom Jardim, onde, segundo o Educador Social dessa instituição, existem 86 idosos inscritos, 11 idosos do sexo masculino e 75 do sexo feminino. Para a pesquisa, os encontros acontecem duas vezes por semana, no período da tarde às terças-feiras e às quintas-feiras, de 14 as 16h, e são trabalhadas diversas atividades com o intuito de contribuir para a uma ampla formação cultural, como danças, teatro, reuniões, palestras com temáticas que sejam dos interesses dos idosos etc. Ao

que tange à pesquisa de campo Minayo (2010, p. 61) relatam “o trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador e a realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os ‘atores’ que conformam a realidade e, assim constroem um conhecimento empírico”.

O instrumento o qual utilizamos foi o questionário com perguntas abertas. Foi necessário o uso de gravador de voz. E em seguida, todas as falas foram prescritas, analisadas, sobretudo interpretadas, no intuito de realizarmos uma categorização. Assim sendo, fizemos interpretação das respostas obtidas, com base no método hermenêutico. É necessário enfatizarmos que foi passado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo assim os preceitos éticos.

Como descrito anteriormente, à análise dos dados teve como base o método hermenêutico. Iremos fazer uma breve explanação sobre como se configura o tipo de análise hermenêutico, com base aos relatos de Alves (2014, s/p).

A hermenêutica é a arte e o método de interpretar significados expressos textualmente. Como disciplina, a hermenêutica estuda e sistematiza os processos para construção e justificação dos sentidos de um texto ou de um análogo ao texto (artefatos, cultura material, ritual, organização e outros). A ideia tradicional de hermenêutica de interpretação visava revelar o conteúdo do texto. Nessa concepção, cada palavra possuía um sentido fixo dado pelo autor, sustentado às vezes pela etimologia. Nessa abordagem, o papel do hermeneuta seria meramente encontrar o sentido “certo” do autor. [...] A hermenêutica serve como uma ferramenta eficaz para compreender o ser humano e a relação entre as pessoas expressa pela cultura. Assim, é empregada na interpretação de qualquer texto, mas sendo crucial para o direito, teologia e literatura. [...] A base do círculo hermenêutico é movimentar a leitura do todo para as partes e das partes para o todo. Nesse processo, um texto é lido várias vezes de uma forma dialética entre compreensão (síntese, polo não metodológico, o que o texto diz) e interpretação (análise, polo metodológico, o que se pode concluir com o texto). O autor em si é uma parte do mundo e sua abstração oriunda da leitura é uma teoria totalizante. Nesse processo reflexivo, se produz a interpretação e o sentido.

Sabemos que a interpretação, seja ela relacionada com as teorias ou com a subjetividade dos sujeitos que compõem a realidade, é totalmente fundamental. Nesse sentido, cabe ao pesquisador utilizar-se de métodos e/ou formas que lhes deem um aparato para que assim seja realizada a pesquisa científica. O método de coleta hermenêutico que traduz a arte de interpretar significados expressos, foi utilizado nessa pesquisa, tendo em vista a obtenção de êxito quanto aos resultados. Como mencionado anteriormente, também utilizamos a técnica de observação. Ao que tange o conceito da técnica de observação:

A observação participante pode ser considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos e consideram não apenas uma estratégia no conjunto da investigação das técnicas de pesquisa, mas como um método que, em si mesmo, permite a compreensão da realidade. Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com finalidade de realizar uma investigação científica (MINAYO, 2010, p. 70).

No segundo capítulo está descrito o percurso metodológico com os seguintes subtópicos: a definição do objeto, o trajeto metodológico e a inserção em campo, a definição do campo de pesquisa e apresentação dos sujeitos. No terceiro capítulo abordamos notas conceituais sobre os idosos(as) na contemporaneidade com os respectivos subitens: definição do termo idoso, velho(a) e velhice, as políticas públicas voltadas para os(as) idosos(as), e o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para idosos (SCFVI).

No quarto e último capítulo está descrito a vivência de homens e mulheres idosos(as) atendidos(as) no CRAS, no qual detalhamos os resultados da pesquisa de campo com as seguintes classificações: atribuição que os(as) idosos(as) fizeram sobre a velhice; as diferenças sociais entre o homem e a mulher idosa baseadas nos relatos dos(as) participantes entrevistados; A velhice na Atualidade e as definições dos termos velho e idoso.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

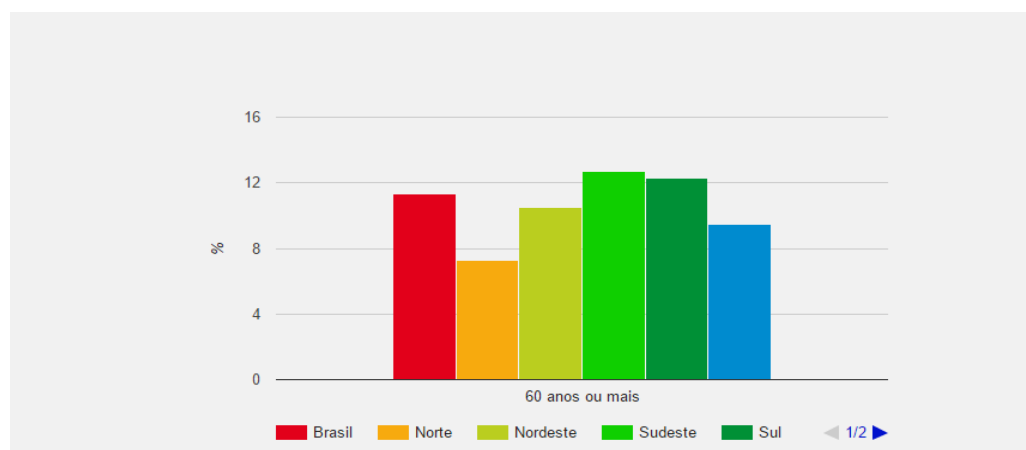
2.1 A definição do objeto

Discutir, pesquisar, abordar a temática sobre idosos(as) na sociedade, no contexto contemporâneo, é um fator crucial, tanto para compreendermos como os idosos se socializam e como se configura a sua estabilidade na sociedade, quanto para entender as principais dificuldades vivenciadas por eles.

Em pleno século XXI ainda temos casos de idosos(as) que sofrem por abandono, nos quais nem mesmo as famílias sabem como de fato “tratá-los”. Os(as) idosos(as) são pessoas que merecem respeito, não pelo fato de serem mais velhos, mas porque são seres humanos que diferem-se pela longevidade do tempo que já foi vivenciado.

Ainda de acordo com o IBGE (2009), a população idosa no Brasil está crescendo, principalmente nos países emergentes, e delimitando a questão para a realidade do Brasil, o crescente número de idosos está no Sul do país, sem dúvida os estados pertencentes a essa região tem uma ênfase maior, entretanto o crescente número de idosos é uma realidade nacional, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Proporção de idosos de 60 anos ou mais nas macrorregiões do Brasil (2009)

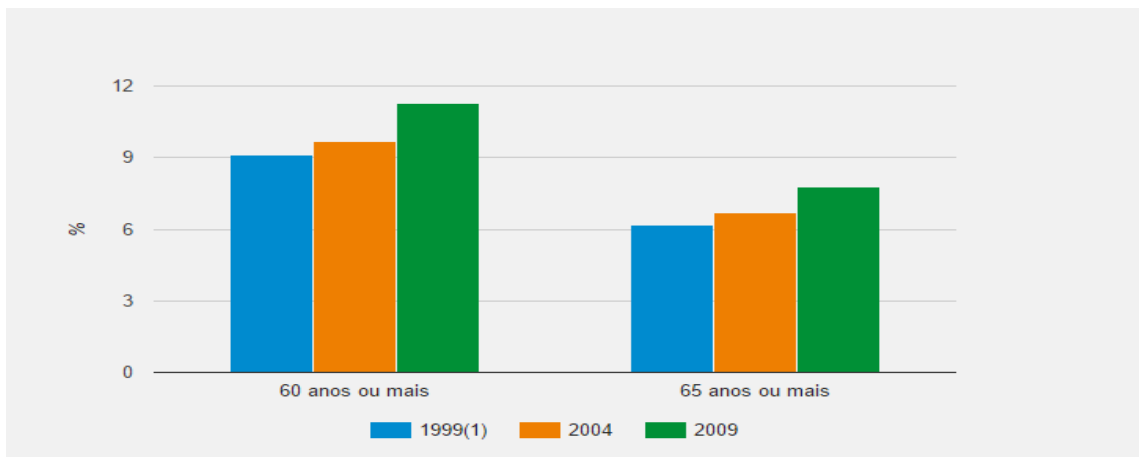


Fonte: IBGE, 2009.

E de acordo com o Gráfico 1, consideramos que o Brasil corresponde a 11,3%, Norte: 7,3%, Nordeste: 10,5%, Sudeste: 12,7% Sul: 12,3% e Centro-Oeste: 9,5%. Vejamos a

seguir um gráfico que demonstra o quantitativo em porcentagens, do qual representa um aumento da população idosa nos anos de 1999 a 2009:

Gráfico 2 - Proporção de idosos com idade de 60 anos ou mais e de 65 anos ou mais (Brasil - 1999/2009)



Fonte: IBGE, 1999/2009.

De acordo com o Gráfico 2 podemos considerar que os(as) idosos(as) com 60 (sessenta) anos de idade ou mais correspondem a quase 15% da população nacional, e os(as) com mais de 65 anos chegam a quase 10% da população. Partindo dessa realidade nacional, surgiu a seguinte indagação: quais as diferenças sociais existentes entre o homem e mulher idosa ao recorte dos participantes do SCFV para idosos no CRAS situado no bairro Bom Jardim?

Essas diferenças são caracterizadas na sociedade com nuances diferenciadas e que precisam ser analisadas, nesse sentido, tivemos a principal intenção de analisarmos essas diferenças e, sobretudo discutir, tomando como eixo as principais diferenças existentes entre o homem e a mulher idosa.

Os significados que cada pessoa atribui à velhice têm um caráter particular e que na maioria das vezes se configura como um teor negativo, portanto de acordo com essas suposições tivemos como um dos objetivos específicos analisar os significados que os(as) idosos(as) próprios(as) atribuem a velhice.

E ao que tange as circunstâncias contemporâneas, sabemos que muitas situações mudaram, inclusive ao que se refere à vivência dos(as) idosos(as), muitas políticas foram criadas a partir da Constituição Federal de 1988, como Estatuto do Idoso etc. e, nesse sentido,

analisamos como um dos objetivos específicos a velhice na atualidade de acordo com os relatos dos entrevistados.

No que se referem os aspectos dos termos “idoso” e “velho” tem-se, muitas vezes, classificações carregadas de preconceitos e estereótipos que traduz em uma não aceitação da velhice e essa traz consigo consequências fortemente ligadas à negação dos aspectos da velhice. A utilização do termo “idoso” na sociedade é considerado como uma classificação atual, se comparado ao termo “velho”. A sociedade passou a utilizar o termo “idoso” para tentar amenizar e/ou suavizar os aspectos da velhice. De acordo com essa realidade, tivemos como uma das propostas, que se configura como o último objetivo dessa pesquisa, analisar os significados dos termos “idoso” e “velho”.

E sobre a proximidade do pesquisador com o objeto dessa pesquisa, se faz necessário dizermos o motivo pelo qual escolhemos essa temática e também a escolha do campo. Antes de iniciarmos, gostaríamos de pedir autorização ao leitor para utilizarmos o pronome pessoal na primeira pessoa do singular, pois eu vou abordar um pouco da minha experiência enquanto estagiária da instituição onde foi realizada a pesquisa.

No ano de 2015 fiz o estágio supervisionado no CRAS e, para a minha surpresa, fui informada que na instituição tinha como um de seus serviços oferecidos o grupo de convivência para idosos(as). Logo, conclui que essa seria a instituição a qual eu iria realizar a pesquisa. A partir de então comecei a indagar os(as) Educadores Sociais e também a minha Supervisora de Estágio sobre as informações do grupo, que seriam: os horários, os dias que eles(as) se reúnem, as principais atividades etc. A curiosidade me cercava e sentia-me um pouco triste porque a carga horária a qual exerci na instituição como estagiária não me permitiu ter muito contato com os(as) idosos(as) porque eram apenas duas horas diárias, todavia, ainda participei do grupo duas vezes, a primeira vez foi na festa junina do grupo, em junho de 2015, e a segunda vez foi no meu último dia de estágio. Nesse último dia fiz questão de passar a tarde com eles(as), eu tinha em mente que iria retornar no ano seguinte, entretanto a ansiedade em observá-los(as) perpassava.

Enquanto estudante de Serviço Social essa temática sempre me instigou saber mais, ir além do que está posto na superficialidade. Sempre tive muita afinidade com os idosos (as), e muito carinho, isso contribuiu para a escolha desse tema. Os idosos(as) precisam que as políticas públicas sejam reajustadas constantemente, pois vivemos em uma sociedade

complexa e dinâmica, e essas políticas só terão exatidão e uma completa abrangência se baseada em de estudos e pesquisas e estiver atendida às mudanças da sociedade.

Como relatado na introdução desse trabalho, a população idosa tem se elevado bastante, e as estimativas segundo o IBGE (2010) para os próximos anos é de essa população seja a maioria entre as pessoas residentes no Brasil. A seguir iremos abordar o passo a passo de como a pesquisa foi feita, os dias em que fui ao campo.

2.2 Trajeto metodológico e a inserção em campo

No dia 22 de setembro de 2016 fiz a minha primeira visita no grupo, fui recebida com muito carinho e atenção pelos educadores sociais, sobretudo pelos(as) idosos(as). Quando cheguei à instituição a técnica em administrativo me apresentou a pedagoga, ela por sua vez, me questionou qual era o objetivo da pesquisa, eu prontamente lhe respondi.

Em seguida fomos até ao salão onde os(as) idosos(as) estavam reunidos(as), olhei para todos os rostos, sentia-me feliz e ao mesmo instante apreensiva, era um misto de sentimentos inarráveis, todavia, aos poucos fui me acostumando com a ideia da aproximação direta com os(as) idosos(as). A seguir, a imagem¹ que representa alguns dos participantes do SCFV.

Figura 1 - Grupo de idosos do CRAS



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

¹ A instituição e os(as) Educadores(as) Sociais autorizaram a exibição das imagens.

No momento inicial do grupo, o educador social me chamou à frente, e pediu para que eu me apresentasse, eu sem dúvida, estava um pouco nervosa, mas consegui me apresentar, falei meu nome, meu curso e o motivo pelo qual estava no grupo, posteriormente finalizei com a frase: espero que me acolham com muito carinho! Logo, fui surpreendida com uma salva de palmas.

Algo me chamou bastante atenção: a educação dos(as) idosos(as), o respeito entre eles(as). Todos quando chegaram se cumprimentaram, lembro-me que uma das idosas chegou atrasada, acredito que uns dez minutos depois do horário inicial do grupo, ela passou por todos(as), os(as) abraçou e lhes fez o cumprimento de boa tarde, quando ela se sentou na cadeira notou que havia um rostinho diferente, meio sem graça e muito apreensiva, era eu, ela se levantou da cadeira e foi me cumprimentar e disse: “Desculpe, minha filha, eu não tinha lhe visto, viu? Boa Tarde” me abraçou, e em seguida voltou ao seu lugar. Achei aquilo incrível, ela nunca tinha me visto antes, e aquele abraço foi reflexo de uma recepção do qual eu nunca havia vivenciado em nenhum lugar.

Antes dos(as) educadores iniciarem as atividades, foi cantado uma música de ‘boas vindas’, posteriormente uma música que retrata o tema idoso(a). Todos(as) cantaram, parecia um coral, eram muito harmoniosos, alegres. Meu olhar era de encanto, entretanto eu não podia demonstrar meus sentimentos, afinal eu estava ali como pesquisadora, e logo contive as emoções para não dispersar minha observação.

Como já foi relatado, os encontros acontecem em dois dias da semana, nas terças-feiras e quintas-feiras, a partir das 14hs. Cada dia é um tema diversificado, e nesse dia, a temática era “A tarde do brega”. As músicas foram selecionadas pelos próprios idosos(as), todos sentados em forma de círculo escutavam as músicas, a maioria delas lhes remetiam ao passado, percebi em suas expressões uma certa nostalgia. Uns fechavam os olhos e pareciam que haviam voltado ao tempo, outras pediam para que trocasse, porque queriam uma música mais animada. O Educador Social ouviu e prontamente passou para outra música.

Vale ressaltar que a cada música colocada o Educador Social fazia uma introdução sobre a época em que aquela música tinha feito sucesso, articulava com os tipos de roupas que usavam na época, e diante disso percebi o comprometimento e empenho do Educador para com o grupo, com certeza esse comprometimento contribui para a interação dos(as) idosos(as).

Depois do momento de lembranças, emoções, descontrações e danças, no momento final do grupo, o Educador Social os(as) indagou “se vocês não soubessem suas idades, quantos anos vocês teriam?” primeiramente uma idosa respondeu “eu teria cinco anos” e o Educador perguntou o porquê, ela respondeu “porque essa época eu brincava com meus irmãos mais novos, foi a época mais feliz da minha vida”. Em seguida ele fez a pergunta novamente e outra idosa respondeu “eu teria quinze anos, pois foi a época em que descobri meu primeiro amor” depois ele repetiu a pergunta mais uma vez sobre a idade, e finalmente um idoso participou respondendo: “eu teria cinquenta anos” logo o educador questionou o motivo da escolha dessa idade, a esposa do idoso que havia respondido, que também é participante do grupo interferiu e disse “essa foi a idade em que ele parou pra pensar na vida, a idade em que finalmente ele adquiriu maturidade, e se aquietou”.

Percebi que as idosas são mais participativas, elas são mais atentas às atividades, falam mais, conversam entre si, e são a maioria também.

Os homens são mais reservados, às vezes dormem, mas são muito observadores. Nesse dia participaram trinta e duas mulheres e apenas três homens.

É importante citar, que os instrumentos utilizados foram claros, adequamos a linguagem a dos os(os) dos(as) idosos(as), ou seja, evitamos os termos técnicos. Um exemplo que pode ser citado seria ao invés de utilizarmos o termo “entrevistas”, utilizamos “conversas”, por exemplo “vocês aceitam conversar um pouco comigo?”, pois imagino que se eu falasse “vocês concordam em participar de uma entrevista?” eles ficavam assustados, receosos, conseqüentemente negavam a participar das entrevistas. Diante dessa realidade tive que alterar o vocabulário.

A segunda visita foi realizada no dia 29 de setembro de 2016. Teve a comemoração em referência ao dia do(a) idoso(a), na qual essa data é comemorada nacionalmente no dia 1º de outubro. Nesse dia em que estive presente, também foi comemorado o dia dos aniversariantes referentes aos meses: julho, agosto e setembro. Tinham presentes em torno de 43 idosas e 7 idosos, todos vestidos a caráter, a festa tinha como o tema Anos 60. Todos(as) super animados(as). O ambiente estava todo decorado, as músicas tocadas foram escolhidas pelos os(as) próprios(as) idosos(as). A instituição ofertou a comida da festa e os(as) idosos(as) complementaram com a bebida, levando os refrigerante e os sucos.

Depois da distribuição da comida e bebidas, ao som das músicas dos anos 60, teve sorteio de presentes, lembrando que não foi a instituição(CRAS) que os ofereceu, mas os(as) próprios(as) idosos(as) que se organizaram entre si, e levaram. Alguns presentes eles(as) levaram para serem sorteados aleatoriamente e outros eles(as) levaram no intuito de presentear uma pessoa específica.

Chamou-me atenção o amor e carinho de uma idosa para uma amiga, também participante do grupo. Ela por sua vez, levou o presente e foi à frente do grupo chamou a amiga e entregou-lhe, em seguida fez a seguinte declaração: “Eu te entrego esse presente, com todo o meu amor, e muito obrigada pela amizade. E a vocês que estão escutando eu dou o meu coração, porquê a amizade é isso, é coração, é entrega”. Mais uma vez tive que conter minhas emoções. Percebi que nesse grupo além do companheirismo entre os(as) participantes, há um “laço” de carinho e amizade.

Além das várias contribuições em que o SCFV pode interferir na vida dos(as) idosos(as), diante dessa cena, concluo que o SCFV possibilita também ampliação das questões de afeto. E, foi lindo presenciar isso.

Na terceira visita, dia 6 de outubro de 2016, tinha uma convidada especial, a prof^o Camila Queiroz (especialista em gerontologia), ela foi convidada pela Educadora Social para palestrar sobre as diversas formas de envelhecer. A seguir o momento no qual estou me referindo:

Figura 2 - Palestra sobre gerontologia



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Nesse dia todos(as) estavam atentos ao que ela falava, a professora ficou encantada com a participação e engajamento dos(as) idosos(as). Todavia, antes da professora começar a palestra, pedi autorização a Educadora Social para falar com idosos (os).

Ela prontamente autorizou e me apresentei novamente, pois havia percebido que algumas pessoas não estavam quando eu fiz minha apresentação pela primeira vez. Falei meu nome, o motivo pelo qual eu estava no grupo, e os(as) indaguei sobre a possibilidade deles participarem de uma entrevista, para a minha tristeza, ninguém se posicionou, posteriormente reformulei a pergunta e disse: gente, é só uma conversa, a qual pretendo saber um pouco sobre a vivência de vocês. Duas ou três levantaram as mãos. A seguir está ilustra-se esse momento.

Figura 3 - Apresentação e solicitação de conversa/entrevista com o grupo de idosos



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Fiquei extremamente preocupada, temia a resistência deles(as) em participar das entrevistas. Contudo, a Educadora Social me informou que eles amam conversar, gostam de serem escutados, isso me aliviou mais e, logo conclui que o fato de eu ter feito a pergunta na frente de todos(as), a resistência em responder sim, se deu pela questão de timidez.

Depois da minha fala, passei o microfone para a professora Camila e ela iniciou sua palestra, vale salientar que a professora também era idosa. Fez uma rica palestra, iniciou falando a sua trajetória, disse a relevância da autonomia, os(as) indagou sobre algumas situações, e posteriormente iniciou sua fala que designava as diversas formas de envelhecer.

Ela, por sua vez, se surpreendeu com a interação de um dos participantes, ele demonstrava ser altamente informado sobre os aspectos que compõe as informações sociais da atualidade, sobre o Estatuto do Idoso etc. Teve momentos em que os(as) idosos(as) se dispersavam entre si, com conversas paralelas, ele levantou de sua carteira, foi até a frente e disse: “Gente, façam silêncio, para quando chegarem em casa vocês terem alguma coisa para falar sobre a palestra”. Com essa atitude ele surpreendeu não somente a professora, mas a mim também.

Ao término da palestra, fui diretamente perguntar algumas idosas sobre a possibilidade na semana seguinte iniciar as entrevistas com elas. Algumas aceitaram, outras não. É importante salientar que eu levava uma agenda em todas as visitas, e na primeira visita eu pus a agenda no colo para iniciar as anotações, ali entre eles mesmos, entretanto, percebi que eles ficaram observando, logo guardei a agenda, pois não queria que eles se sentissem fiscalizados. E assim fiz em todas as visitas, levei a agenda, pois poderia ocorrer o caso de eu precisar fazer alguma anotação, contudo fazia anotações sem que os(as) mesmos(as) percebessem.

A visita seguinte aconteceu dia 11 de outubro de 2016 e nesse dia foi o primeiro dia de entrevista. O diálogo foi realizado com os participantes do sexo masculino, todos foram muito solícitos. Nesse dia eu cheguei 30 minutos mais cedo, para falar com algum responsável sobre a possibilidade de me cederem uma sala para que eu pudesse realizar as entrevistas. A Educadora Social me disponibilizou uma sala, em seguida esperei os(as) idosos(as) para iniciar as entrevistas. Eu estava preocupada, pois a assiduidade do sexo masculino no SCFV é inferior ao feminino. Nas visitas realizadas, fiz a contagem dos(as) participantes, e a presença das mulheres sempre ultrapassava, eram 34 mulheres e apenas 4 homens, em outras visitas eram 30 mulheres e 5 homens. Enfim, é uma realidade que precisa ser pesquisada, porque as mulheres são mais participativas? Eis aí uma indagação sem respostas, no momento.

Nesse dia fui surpreendida com a presença de seis participantes homens, no grupo. A minha abordagem foi simples, individualmente eu perguntei se eles aceitavam conversar comigo em uma sala particular sobre uma pesquisa que eu estava realizando, prontamente eles aceitavam. Eu os abordei um por um, os levavam até a sala e ao chegar à sala, fazia a minha apresentação novamente, salientava o objetivo da pesquisa, passava o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e pedia-os para que assinassem, e em seguida começava a entrevista.

Cada entrevista durou de 15 a 20 minutos. Consegui fazer as entrevistas com todos os seis homens idosos presentes no grupo. Eles foram bem objetivos, responderam todas as perguntas com precisão. Alguns fugiam um pouco do assunto, mas logo voltavam. Eles deixaram transparecer sinceridade em suas falas e isso com certeza contribuiu nos resultados da pesquisa.

No dia 18 de outubro 2016 foi o segundo dia de entrevista, essa foi a vez de entrevistar as mulheres. Como eu havia feito a entrevista com 6 participantes homens, nesse dia também entrevistei 6 participantes mulheres. As mulheres, por sua vez foram mais emotivas, quase todas choraram. Nesse momento me senti triste porque em algumas eu pude perceber o seu sofrimento e a não aceitação perante a velhice. Algumas foram precisas, responderam as perguntas com exatidão, outras fugiam um pouco do assunto, assim como os homens, mas como as perguntas eram abertas, eu as deixei a vontade, sabia que todas as falas citadas ali, seriam válidas. As entrevistas demoraram 1 hora e 40 minutos.

Vale salientar que o procedimento utilizado foi o mesmo, todas as falas de ambos os sexos foram gravadas e foram transcritas no capítulo seguinte. O detalhamento das falas e a interpretação delas também estarão postos no próximo capítulo.

Sobre as técnicas e instrumentos de coletas dos dados da pesquisa, estiveram explícitas nessa pesquisa como descrito algumas vezes, a observação e a entrevista. Esta técnica, de acordo com Minayo (2010, p. 64), é “a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes”. Segundo Minayo (2010) a entrevista pode ser considerada um diálogo com finalidades e se classifica pela organização, como: sondagem de opinião, semiestruturada, aberta, focalizada, projetiva e não estruturada.

Utilizamos a técnica de entrevista não estruturada com objetivo de coletarmos opiniões dos entrevistados, pois essa se adequou melhor aos objetivos da pesquisa e, conseqüentemente, tivemos um retorno considerável. Esse tipo de entrevista foi designada da seguinte forma: perguntas abertas em que os(as) idosos(as) puderam ficar a vontade sobre

suas respostas e ainda usufruímos de um gravador de voz, para que posteriormente pudéssemos ouvir com mais calma e interpretar as falas dos(as) idosos(as).

Ao que se refere aos aspectos éticos, primeiramente foi fundamental a clareza para com os entrevistados sobre os princípios éticos da pesquisa, informando-lhes que todas as informações foram mantidas em sigilo, como citado anteriormente houve necessidade de gravar as falas, fizemos anteriormente o pedido de permissão aos participantes. Foi passado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que os entrevistados assinassem, esse termo foi expresso em duas vias, uma para o investigador e o outro para os entrevistados.

Sobre essas dimensões éticas Minayo (2010) salienta que existem algumas práticas que necessitam ser levadas em consideração: a apresentação do investigador, a menção do interesse da pesquisa, a apresentação de credencial institucional, a explicação dos motivos da pesquisa, a justificativa da escolha do entrevistado e a garantia de anonimato. Todas essas considerações sobre a questão ética foram utilizadas.

Com base o pensamento de Cervo (et al., 2007, p. 83): “o pesquisador entra, nesse momento, em uma das fases decisivas da elaboração do trabalho científico. Trata-se da coleta e do registro de informações, em primeiro lugar da análise e da interpretação dos dados reunidos e, finalmente, da classificação deles.”

É importante ressaltar que depois das entrevistas fiz questão de retornar ao grupo na semana seguinte e levei lembrancinhas para presentear-los(as), como forma de gratidão. Eles(as) ficaram surpresos(as), me olhavam com uma certa admiração, não sei ao certo, mas eles me pareciam se sentirem importantes diante da minha presença e eu fiquei muito feliz e não sabia ao certo como agradecer a contribuição que eles(as) haviam feito para a minha pesquisa. No entanto, muito emocionada, entreguei as lembrancinhas olhando no rosto de cada um e eles(as) ficaram emocionados(as). O que mais me chamou atenção foi o gesto deles(as), era algo tão simples, para tamanha felicidade. Enfim, a contribuição que os(as) idosos(as) do SCFV do CRAS Bom Jardim fizeram foi muito rica e certamente essa riqueza refletiu na minha vida para além deste trabalho monográfico.

Para finalizar esse tópico é importante ressaltar que todos os conceitos e termos citados aqui, como referidos no decorrer de todo o processo metodológico, foram embasados

por estudiosos, e foram colocados em práticas, assim sendo, contribuiu para a obtenção do êxito sobre os resultados da pesquisa.

2.3 Definição do campo de pesquisa

O campo de pesquisa escolhido para a execução desta pesquisa foi o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), localizado na Rua João Correia, 2023 – Bom Jardim, Fortaleza. O CRAS foi criado logo após a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) ser aprovada e foi inaugurado, em 2004, pelo prefeito Juraci Magalhães e pelo Governador Lúcio Alcântara.

Segundo a funcionária mais antiga da instituição, o local onde o CRAS está situado antes era uma creche, porém sua estrutura foi adaptada para receber a população. Sua área de abrangência são os bairros: Bom Jardim, Granja Lisboa, Santa Cecília e Granja Portugal. A capacidade de atendimento do CRAS varia de acordo com o porte do município e com o número de família em situação de vulnerabilidade social.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), a função do CRAS é prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidades e riscos sociais nos territórios, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, e da ampliação do acesso aos direitos de cidadania. Segundo o MDS os objetivos e metas do CRAS são:

Promover o acompanhamento sócio-assistencial das famílias ligadas à área de abrangência do Grande Bom Jardim; Potencializar a família como unidade de referência, fortalecendo vínculos internos e externos de solidariedade; Contribuir para o processo de autonomia e emancipação social das famílias, fomentando seu protagonismo; Desenvolver ações que envolvam diversos setores, com o objetivo de romper o ciclo de reprodução da pobreza entre gerações; Atuar de forma preventiva, evitando que as famílias tenham seus direitos violados, recaindo em situações de risco.

A capacidade de atendimento do CRAS varia de acordo com o porte do município e com o número de família em situação de vulnerabilidade social, conforme estabelecido na Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social (NOB-SUAS).

Estima-se a seguinte capacidade de atendimento por área de abrangência do CRAS: em território referenciado por até 2.500 famílias, capacidade de atendimento até 500

famílias/ano, em território referenciado por até 3.500 famílias, capacidade de atendimento até 750 famílias/ano.

Segundo a assistente social que atua no CRAS em evidência, a maioria das vezes são demandas espontâneas, o usuário vai até o CRAS em busca de algum serviço, geralmente se trata de questões relacionadas ao Programa Bolsa Família, devido ao bloqueio do cartão ou quando o benefício é cancelado ou pela exclusão do beneficiário, há casos, também, que querem apenas atualizá-lo ou quando querem fazer alguma inscrição para receber os *kits* oferecidos pelo CRAS, são eles *kit* enxoval e cesta básica.

Na instituição é desenvolvida a política de assistência social que de acordo com a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), pode ser definida como direito do cidadão e dever do estado, em que está inserida na política de seguridade social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas da população.

A instituição está inserida na Proteção Social Básica que segundo o Art. 6º no Inciso I da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) considera-se um conjunto de serviços, programas e benefícios da assistência social que visa a prevenir situações de vulnerabilidade e risco social por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

O principal programa ofertado pelo CRAS é o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), cuja execução é obrigatória e exclusiva. Este consiste em um trabalho de caráter continuado que visa fortalecer a função de proteger das famílias, prevenindo a ruptura de vínculos, promovendo o acesso e usufruto de direitos e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida (LOAS, 1993).

O PAIF é o principal programa de proteção social básica, do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), tem por perspectiva o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, o direito à proteção social básica e à ampliação da capacidade de proteção social e de prevenção de situações de risco no território de abrangência do CRAS.

Tem também o grupo de idosos que é um programa que busca melhorar a condição de sociabilidades destes e a redução do número de idosos institucionalizado na comunidade. Todos esses grupos são realizados durante dois dias da semana cada um, com a carga horária

de duas horas, em que são desenvolvidas diversas atividades entre dança, coral, oficina de arte, entre outros.

É realizada na última quinta-feira de cada mês a oficina socioeducativa com as famílias que estão em descumprimento das condicionalidades do Programa Bolsa Família, fornecendo informações sobre o que realmente é o programa, buscando fortalecer junto aos usuários a importância do cumprimento das condicionalidades tanto na área da educação como da saúde. Tem também o Programa do Leite, em que o CRAS é responsável por distribuir leite para as pessoas que chegam com encaminhamento do posto de saúde, estes chegam atestando desnutrição.

Entre os principais pilares da Assistência Social no Brasil estão a Constituição Federal de 1988, que dá as diretrizes para a gestão das políticas públicas, e a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), de 1993, que estabelece os objetivos, princípios e diretrizes das ações.

O Serviço Social tem sua origem vinculada à instituição desde que a mesma foi fundada, pois os(as) Assistentes Sociais são fundamentais para a execução, gestão e planejamento dos programas e projetos socioassistenciais. Atualmente, conta com duas Assistentes Sociais, as quais ingressaram na instituição através de uma seleção pública com a duração de dois anos.

A Política Social implementada na instituição é a Política de Assistência Social, ordenada pelo um sistema descentralizado que é responsável pela organização e oferta de serviços de Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência (SUAS).

A Política Nacional de Assistência Social (PNAS) é uma política que junto com as políticas setoriais considera as desigualdades socioterritoriais, visando ao seu enfrentamento, à garantia dos mínimos sociais, ao provimento de condições para atender à sociedade e à universalização dos direitos sociais. O público dessa política são cidadãos e grupos que se encontram em situação de risco, e esta política deve garantir amparo a todos, que dela necessitam, e sem contribuição prévia à provisão dessa proteção.

A Política de Assistência Social permite a padronização, melhoria e ampliação dos serviços de assistência no país, respeitando as diferenças e contextos locais. Os recursos disponíveis para a realização do trabalho das Assistentes Sociais são a sala de atendimento, os

computadores, os instrumentais utilizados, a equipe que compõe a instituição. E financeiramente é através do Piso Básico fixo, que consiste em valor básico de cofinanciamento federal, em complementaridade aos financiamentos do município de Fortaleza. Segue a ilustração em um quadro sobre os recursos disponíveis no CRAS.

Tabela 1– Recursos disponíveis no CRAS

1 SALA	PARA ATIVIDADES
1SALA	PARA ATENDIMENTOS
2	BANHEIROS (FUNCIONÁRIOS)
2 SALAS	PARA CADASTROS
1 SALA	COORDENAÇÃO
1 SALA	ACOLHIMENTO
1	SALÃO
1	PÁTIO
1	COZINHA
2	BANHEIROS PÚBLICOS
1 SALA	RECEPÇÃO
1 SALA	ALMOXARIFADO
1 SALA	DE MATERIAL DE EXPEDIENTE
1 SALA	DOS EDUCADORES SOCIAIS
1 SALA	PROGRAMA (LEITE)
1 SALA	DISPENSA
2	BANHEIROS (SALÃO)
1 SALA	ATENDIMENTO GERAL
1	VARANDA
25 SALAS	TOTAL

Fonte: Elaborada pelo autor, 2016.

A Tabela 1 detalha os recursos que são utilizados com os usuários da instituição, a estrutura ainda deixa muito a desejar, entretanto aos poucos está ocorrendo algumas mudanças estruturais, e essas mudanças contribuí para o bom funcionamento da instituição.

Dentre os serviços oferecidos pelo CRAS, estão inseridos os grupos de vínculos e fortalecimento de vínculos. Há grupos de crianças, adolescentes e idosos.

2.4 Apresentação dos sujeitos

Os sujeitos da pesquisa, como já mencionado anteriormente, foram os(as) idosos(as) que frequentam o SCFV. Atualmente há 86 idosos(as) inscritos, sendo 75 do sexo feminino e 11 do sexo masculino.

Sobre os aspectos descritivos dos(as) participantes do grupo, na completude das suas características sociais de ambos os sexos, citarei a seguir as descrições que envolvem as questões sociais como: estado civil; aposentadoria; o local onde residem; engajamento em projetos sociais etc.

A maioria reside no bairro Bom Jardim, outros(as) moram nas proximidades este, como: Canindezinho, Granja Portugal e outros bairros que compõem a Regional V.

Além da assiduidade dos(as) idosos(as) no SCFV, eles(as) também participam de outros Projetos Sociais, tais como: “Cidadania Ativa” em que é oferecido na instituição as ações “Aprender, Brincar e Crescer” (ABC), o projeto Ginástica do Corpo de Bombeiros, dentre outros.

Ao que se referem às questões afetivas, 90% dos(as) são viúvos(as), apenas 7% são casados e 3% mantêm relacionamentos amorosos. Alguns dos casais participam juntos das atividades no SCFV.

Ao que tange a vida ativa dos(as) idosos(as), uma das educadoras sociais relatou que “fica impressionada com a vitalidade deles, a maioria tem mais de 70 anos de idade.” Isso leva-me a crer que o engajamento nos projetos sociais contribuem também na qualidade de vida dos(as) idosos(as) nos aspectos relacionados a saúde física.

Além de todas as atividades socioeducativas que o SCFV tem incluso em uma de suas atividades os momentos de lazeres. Os(as) idosos(as) gostam muito de participar desses momentos, eles(as) ficam esperando por esses lazeres ansiosamente, e o mais especial dessas questões é o envolvimento e a participação deles(as). Segue a seguir uma imagem que retrata um desses momentos.

Figura 4 - Momento de recreação na piscina



Fonte: Acervo de fotos – CRAS.

Ao que tange as questões de aposentadoria, 80% dos participantes do SCFV são aposentados. Apenas 10% são autônomos e exercem alguma atividade profissional e 10% dos(as) idosos recebem ajuda dos familiares para sobreviverem.

Além da contribuição sobre os aspectos relacionados ao fortalecimento de vínculos, o SCFV contribui com também para estimulação da criatividade com várias oficinas socioeducativas.

Figura 5 - Oficina socioeducativa



Fonte: Acervo de fotos – CRAS.

Segundo informações passadas pelo o Educador Social: uma das atividades preferidas pelos(as) idosos(as) é a dança. Além das atividades que foram descritas anteriormente, vale salientar que existe uma cooperação e organização quanto às festas temáticas, como nas festas juninas. *A priori*, a organização é feita pelos funcionários, entretanto, sem cooperação dos(as) idosos(as) as festas não seriam possíveis. Nesse sentido todos(as) trabalham juntos e concluem suas atividades com êxito. A seguir uma imagem que resgata um dos momentos de descontração com a dança.

Figura 6 - Festas (CRAS)



Fonte: Acervo de fotos – CRAS.

De acordo com o facilitador de oficinas do CRAS, as idosas são mais assíduas, e participam das atividades oferecidas com mais intensidade, como danças, coral, passeio etc. Como pode ser observado na Figura 6, a maioria dos(as) participantes são do sexo feminino. Tivemos a pretensão de entrevistar dez idosos(as), cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Contudo, como se tratou de uma pesquisa qualitativa fiz a entrevista até o momento em que obtive saturações de respostas. Foi feito com seis mulheres idosas e seis homens idosos.

É relevante citarmos aqui o perfil particular de cada participante da pesquisa. Foram garantidos através do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) os preceitos éticos sobre a questão do anonimato, portanto iremos apresentá-los(as) por números arábicos, por exemplo entrevistado 1, entrevistada 2 etc. Primeiramente os perfis das seis mulheres e em seguida dos seis participantes homens.

A entrevistada 1 tem 65 anos de idade, ainda não é aposentada, sobrevive apenas com o benefício do Bolsa Família no valor de 85 reais, é solteira, não tem filhos e há 8 anos frequenta o CRAS. Sobre a trajetória de vida, ela relatou: “morava com minha irmã, ela era

maravilhosa, faleceu, aí eu fiquei na casa dela, nunca casei e moro só”. Ela reside no bairro Bom Jardim há mais de 20 anos, em sua fala ela deixou transparecer que se sente solitária, e enfatizou a importância do SCFV para a vida dela, local no qual ela pode conversar e se distrair. Sobre o tempo livre em casa, ela disse: “assisto televisão, converso com a vizinha, e assim vou levando a vida” podemos concluir diante do perfil dela, que ela enfrenta uma imensa dificuldade de morar só, carrega entre si o peso da solidão, e não aceita a velhice.

A entrevistada 2 possui 65 anos e ainda não é aposentada, é separada, tem seis filhos, e frequenta o SCFV há 1 ano. Sobre os aspectos financeiros ela passa por muitas dificuldades, alguns dos filhos estão em situação de rua. Ela ainda não possui o cartão de passe-livre e, conseqüentemente, se locomove a pé, pois não tem condições de pagar passagens. Relatou que a trajetória de vida sempre foi muito sofrida, quando casada apanhava do marido, ela ainda nos falou que se sente muito velha, que não gosta de se olhar no espelho, sofre com problemas de depressão. Sobre o tempo livre em casa ela disse: “eu procuro o que fazer, varro casa, limpo a casa, faço tudo, não consigo ficar parada”. É uma pessoa ativa e independente, apesar das dificuldades enfrentadas em seu cotidiano.

A entrevistada 3 tem 66 anos, aposentada, viúva, mora só, tem 1 filho, trabalha com vendas e frequenta o SCFV há 8 anos. Mora no bairro Bom Jardim desde 1970, é aposentada, mas trabalha com vendas Natura e Avon. Ela relatou que gosta muito de morar só atualmente, ama a liberdade que tem. É importante citarmos que ela nos informou que gosta muito das atividades oferecidas no CRAS para os(as) idosos(as), segundo ela, é uma participante do SCFV muito assídua. Ao que se refere ao seu tempo livre, ela disse que desconhece tempo livre, ela informou que está sempre fazendo alguma atividade: “não tenho tempo pra nada”. Ou seja, felizmente é uma idosa muito ativa.

A entrevistada 4 possui 75 anos de idade, aposentada, separada, mora só, tem 5 filhos e frequenta o SCFV há 11 anos. Sobre sua trajetória de vida, ela disse:

A minha vida é boa, sou aposentada, às vezes saio, vou para onde eu quero, não tem quem me impeça. Gosto muito da minha vida [...] a velhice pra mim não impede de eu fazer nada, me sinto bem, tenho mais liberdade. Antes eu só vivia doente, praticamente morava nos hospitais. (Entrevistada 4)

Ela abordou sobre a questão da qualidade de vida, que hoje em dia ela se cuida mais, participa de outros projetos sociais como a “ginásticas dos bombeiros”, ela enfatizou a importância desses projetos na vida dos(as) idosos(as) atualmente. Ao que tange o período em

que ela se encontra em casa, ela disse: “faço as coisas de casa, às vezes vou visitar minha mãe, mas sempre tento ocupar meu tempo, porque já tive depressão”. Então a ocupação nos projetos sociais contribui também diretamente na sua saúde psicológica.

A entrevistada 5 tem 68 anos de idade, não é aposentada, é solteira, mora só, teve dois filhos mas já morreram, trabalha como cozinheira e frequenta o CRAS há 3 anos. Sobre seu percurso de vida, ela relatou: “cheguei a Fortaleza eu tinha 11 anos de idade, trabalhei nas casas, depois fui trabalhar na casa de um governador. Depois sai de lá e consegui comprar minha casinha, passei por muita necessidade, passei muita fome”. Hoje em dia ela trabalha como cozinheira, não é um trabalho fixo, devido a isso ela passa por muitas dificuldades financeiras. Relatou a trajetória de vida com lágrimas nos olhos. Sobre suas atividades corriqueiras ela relatou: “quando eu to em casa eu num paro não, eu limpo a casa, varro o quintal, cuido das galinhas, dos pintinhos. Vou à igreja, participo do grupo do Centro Cultural”. Percebemos que a entrevistada tem uma vida ativa e procura sem está fazendo atividades que ocupe seu tempo, além do trabalho profissional que ela realiza como cozinheira.

A entrevistada 6, e a última entre as mulheres, tem 68 anos de idade, aposentada, solteira, mora só, e não tem filhos. Atualmente namora, ela relatou que gosta muito de sair conversar, há muito tempo reside no bairro Bom Jardim. Sobre seu tempo livre em casa, ela explanou: “faço as coisas de casa”, ou seja, ela sempre se mantém ocupada, seja nos afazeres doméstico, ou na participação dos Projetos Sociais.

Ao que tange os perfis dos entrevistados homens, o entrevistado 1 tem 71 anos, mora com a esposa e 1 filha, é aposentado e trabalha com reciclagem e participa do grupo há um mês. Sobre sua trajetória de vida, ele disse: “viaja muito, algumas vezes trabalha com reciclagem mora em Fortaleza há 15 anos”. Ele tem alguns filhos que moram em outros lugares, e deixou transparecer uma grande satisfação em visitá-los. Seu tempo livre se resume a essas viagens e ele também relatou que:

Quando eu estou em tempo livre, faço as coisas de casa, é arrumando, varrendo, espanando. Outras vezes fico assistindo televisão ou vou na casa do vizinho. Ajudo nos afazeres de casa, faço tudo, faço café, comida, engomo roupa se for preciso. E sempre fui assim. Se todos homens pensassem assim como eu, não tinha muita separação e nem desgaste na vida familiar. (Entrevistado 1)

Podemos verificar que o relato anterior foi uma exceção entre os relatos dos entrevistados ao que se refere aos afazes domésticos. Chamou bastante atenção quando ele

disse: “se todos homens pensassem assim como eu, não tinha muita separação e nem desgaste na vida familiar”. É importante citarmos que concordamos com ele sobre esse viés de pensamento ao que se refere o desgaste sobre recorte familiar.

O entrevistado 2 tem 74 anos, aposentado, viúvo e mora com a nova esposa, tem dois filhos, frequenta o grupo há um ano. Sobre o tempo livre em casa ele disse apenas que: “limpo o quintal, às vezes ajudo minha esposa”. Enfatizou também que gosta muito de participar das atividades do SCFV. : Morava em Piauí, mora em Fortaleza há 20 anos.

O entrevistado 3 tem 61 anos, aposentado, tem 3 filhos, trabalha como serralheiro em casa e frequenta o SCFV há 4 anos. Sobre seu tempo livre em casa, ele disse: “assisto televisão, ouço rádio e às vezes quando não tenho nada pra fazer ajudo minha esposa a fazer alguma coisa”. Mesmo aposentado ele realiza atividade profissional como serralheiro em casa.

O entrevistado 4 tem 71 anos, aposentado, casado, mora com a esposa e 1 filho e não realiza nenhuma atividade profissional. Sobre a ocupação de seu tempo ele disse: “realizo atividade física desde 1998, o tempo que eu me aposentei, é o que mais gosto de fazer. Eu quero morrer dançando forró (risos)”. Ele é tido como exemplo no SCFV, é altamente ativo em relação às atividades físicas.

O entrevistado 5 tem 65 anos, viúvo, tem dois filhos, ainda não é aposentado e faz “bico” como padeiro. Em relação a sua ocupação nas horas vagas, ele disse: “faço exercícios, gosto muito de ler, leio a bíblia, revistas, assisto jornais para ficar mais informado”. Deixou-nos transparecer que é estudioso, curioso e gosta muito de se manter informado sobre as questões atuais da sociedade.

O último entrevistado, 6, tem 72 anos, é aposentado, casado, tem quatro filhos, trabalha com eventos e há 10 anos participa do SCFV. Aos 18 anos tirou a habilitação de motorista de carro, em seguida passou a trabalhar de motorista. Ele relatou que ama dirigir, e quando está com tempo livre leva a esposa para passear. Ele disse: “nunca deixei de dirigir, quando a mulher quer sair, eu levo pra sair. Gosto muito de artesanato. Todo mês *nós faz* dois eventos: um no Garrote e outro nas praias, aí com isso o tempo no instante passa”. Ele sempre mantém seu tempo ocupado, e com isso podemos concluir que sua vida lhe é satisfatória.

Os(as) idosos(as) na contemporaneidade vivenciam uma realidade dialética. Com a inclusão dos projetos Sociais, assim como o SCFV, que pode em suma, contribuir na

socialização entre eles(as), e de acordo com a realidade vivenciada pelos os(as) idosos(as) no próximo tópico iremos discutir e analisarmos os aspectos que envolvem os(as) idosos(as) na contemporaneidade.

3 NOTAS CONCEITUAIS SOBRE OS(AS) IDOSOS(AS) NA CONTEMPORANEIDADE

3.1 Definindo o termo idoso, velho e velhice

Fazer uma definição sobre esses termos pode parecer algo simples ou até redundante, entretanto, essas definições são complexas, e como citado anteriormente, existem diferenças que, no entanto, aparentam ser de fácil compreensão mas não são, e carecem de esclarecimentos para que assim não ocorra definições errôneas. Sobre a definição da velhice Beauvoir (1970) salienta que “quando se trata de nossa espécie, não é fácil circunscrevê-la. Ela é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda, consequências psicológicas”. Portanto, nesse sentido, é necessário antes de tentarmos definir esses termos levar em consideração todos os aspectos heterogêneos e particular de cada ser.

Antes de iniciarmos as discussões sobre os respectivos termos abordados anteriormente, é relevante citarmos a situação em que presenciamos na primeira visita no grupo de idosos(as). Ao chegarmos ao campo, nos deparamos com uma cena um tanto quanto instigante: no momento inicial o grupo, o Educador Social cantou uma música, e essa música obtinha o termo “anciã”, uma das participantes, no término da música, fez a seguinte indagação “oh, meu filho, troca essa palavra ‘anciã’ da música, pois aqui não tem anciã não, anciã são os centenários, e aqui não tem ninguém com mais de cem anos não. Somo todos jovens de espírito”. O educador social acatou o pedido, e disse que iria pensar em uma palavra para que pudesse ser trocada. Diante dessa situação concluímos que os(as) idosos(as) se importam muito com as conotações e termos utilizados pelas pessoas.

De acordo com Manzano, o termo “idoso” foi criado na França em 1962, e pode ser designado às pessoas com idade igual ou acima de sessenta anos, esse termo substituiu os termos “velho” e “velhote”, foi reconhecido no Brasil logo depois. A autora ainda cita que os idosos são sujeitos do envelhecimento.

Alguns estudiosos se opõem quanto a esses termos, pois acham que existem várias formas de envelhecer, e o conceito de idoso ou velhice só os estigmatiza. Roldão (2005) cita em dois de seus artigos que “atualmente não podemos falar em ‘a velhice’ ou ‘o idoso’ em nosso país, na verdade o que existe hoje são diferentes formas de envelhecer”.

A citação de Roldão (2005) sobre as diferentes formas de envelhecer pode estar relacionada com as questões psicológicas, culturais e sociais, pois no que envolve as questões subjetivas da sociedade contemporânea, apesar dos anos que foram vivenciados, há quem não se reconheça com nenhum dos termos citados, por esse motivo concordamos com a autora, quando ela cita que há diferentes formas de envelhecer.

Para complementar a citação de Roldão (2005), vejamos o que Bourdieu (1983) salienta: “o que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas”.

Na sociedade é comum designarmos às pessoas com idades mais avançadas, termos como: “velho”, “idoso”, “terceira idade”, “anciãos”, entre outros, vejamos a seguir como de fato surgiram alguns desses termos:

[...] Parece-nos que a conotação negativa do vocábulo “velho” seguiu um processo semelhante ao da França, ainda que seja mais recente, datando dos anos 60. Isso porque o objeto velhice só entrou na cena brasileira há bem pouco tempo. Ainda que existam outros termos classificatórios para a velhice no uso corrente, o termo que designava até essa época, a pessoa envelhecida era sobretudo “velho”. Empregado de maneira geral esse termo não possuía um caráter especificamente pejorativo, como *vieux ou vieillard français*. [...]. Os ecos vindos da Europa sobre a mudança da imagem da velhice chegam as terras brasileiras no final da década de 60, e como na França, certos documentos oficiais, bem como a grande maioria das análises sobre a velhice, recuperam a noção de idoso (*personne âgée*). Entretanto, não era palavra de muito uso (PEIXOTO, 2000, p. 77).

Ainda segundo a autora o termo idoso não é uma palavra de muito uso, apesar de fazer parte do vocabulário português. “Velho” e “Idoso” podem se confundir, mas o termo “idoso” segundo a autora ressoa como algo mais respeitoso e o termo velho tem uma conotação mais negativa ao designar. Por esse motivo a autora conclui: “a categoria idoso invade todos os domínios e o termo “velho” passa a ser sinônimo de decadência, sendo banida dos textos oficiais” (PEIXOTO, 2000).

Quanto à questão da perspectiva de vida ainda de acordo com o IBGE (2010), a estimativa para os próximos 20 anos indicam que a população idosa poderá exceder 30 milhões de pessoas ao final desse período, chegando a representar 13% da população.

Isso é um fator preocupante para a sociedade, pois a população jovem precisa ser superior, devido à questão financeira do nosso país.

A sociedade ao longo do tempo vem nomeando as fases da vida como a infância, adolescência, juventude, fase adulta, e velhice, todavia vimos que a velhice existe mais de um nome e/ou conceito, tentando assim suavizar ou amenizar a realidade biológica da existência humana.

As sociedades, em diferentes momentos históricos, atribuem um significado específico às etapas do curso de vida dos indivíduos: infância, juventude, maturidade, velhice. Também estabelecem as funções e atribuições preferenciais de cada grupo de idade na divisão social do trabalho e dos papéis na família. Essas atribuições são em boa parte arbitrária, porque nem sempre se firmam numa materialidade ou num cronológico de base biológica quanto às reais aptidões e possibilidades, e sim em relações construídas num tempo social essencialmente dinâmico, mutável (BARROS, 2000).

Essa divisão, não trás em si, uma capacidade de colocar as reais aptidões das pessoas, fazendo então o uso das nomenclaturas para segmentar as pessoas na sociedade. E como a autora citou anteriormente, essas atribuições nem sempre traduzem a realidade, pois as relações são construídas na sociedade em um tempo totalmente dinâmico.

Diante dessa realidade, podemos concluir que a sociedade capitalista em meio a tantos objetivos, tenta classificar essas fases influenciando ao individualismo. Bourdieu (1983) assinala: “As classificações por idade (más também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar”.

Essas classificações na sociedade se dão de uma forma totalmente exacerbada, definem o período de começar a estudar, o momento de começar a trabalhar, de votar, de ser votado etc.

Da mesma forma, a sociedade faz uma definição quanto o tempo certo de ingressar no mercado de trabalho, essa por sua vez, marca a fase adulta, assim como a aposentadoria marca a fase da maturidade à velhice. Barros (2000) contempla “do mesmo modo que a participação do jovem no mercado de trabalho o assinala como adulto responsável, um dos momentos cruciais da passagem da maturidade à velhice dá-se com aposentadoria reenvio do trabalhador ao privado e à inatividade oficial”.

Não podemos citar os aspectos contemporâneos sem as influências sociais do passado. Segundo Mascaro (1997), na Idade Média a vida era muito difícil, principalmente para os(as) idosos(as) que não pertenciam à classe dos senhores feudais. A tarefa árdua das operações no campo afastava os idosos das atividades e a grande maioria dos homens idosos

estava excluída da vida pública. Existia na sociedade da Idade Média uma semelhança entre o poder patriarcal e as estruturas monásticas, os filhos tinham respeito pelos mais velhos, assim sendo, eles obedeciam aos idosos como obedeciam a Deus. Contudo, era difícil chegar à velhice, muitos idosos(as), por serem excluídos, afastavam-se para mosteiros ou retiros para esperar a morte chegar. Ser viúvo na sociedade era algo raro na alta Idade Média, por consequência da alta mortalidade masculina ocasionada pela violência na vida pública e privada. Os(as) idosos(as) com faixa etária de 65 a 70 anos não eram muitos(as), todavia, quando eles(as) chegavam a essa idade, eram considerados os(as) proprietários(as) e chefe de família.

Ainda segundo Mascaro (1997), a situação das mulheres idosas era mais complicada, o destino que aguardava as idosas era a solidão e a pobreza e se, porventura encontrassem acolhida na casa de um filho, sentiam-se desamparadas e desprestigiadas.

Vale salientar que durante a Idade Média e até o século XVIII, os(as) idosos(as) eram pouco numerosos(as), a vida era muito difícil e quem sobrevivia tinha que contar com apoio e solidariedade da família ou com a caridade pública dos senhores feudais e da Igreja. A vida dos idosos ainda continuou sendo muito difícil no início do capitalismo e no século XIX.

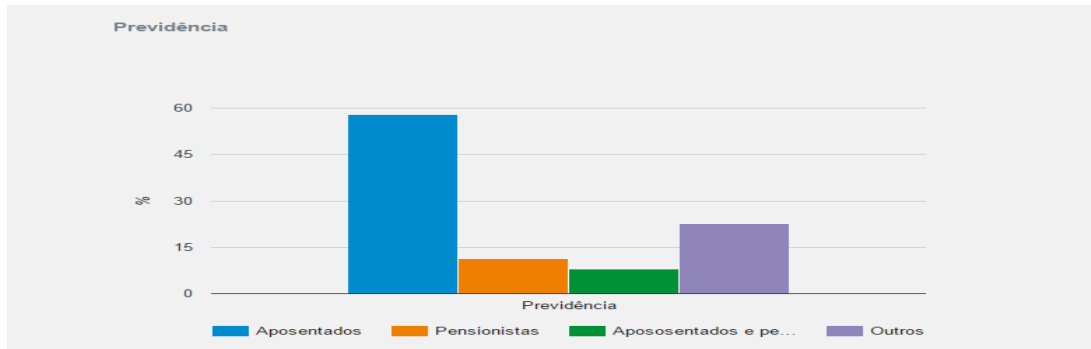
De acordo com a realidade atual, o envelhecimento na sociedade é um fator eminentemente contemporâneo, isso se dá pelo fato de a taxa de natalidade ser superior à de mortalidade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010):

Em vários países, as populações estão envelhecendo. Estudos mostram que o número de pessoas idosas cresce em ritmo maior do que o número de pessoas que nascem, acarretando um conjunto de situações que modificam a estrutura de gastos dos países em uma série de áreas importantes.

Na sociedade contemporânea, o quantitativo de pessoas velhas a cada dia aumenta, isso segundo os dados do IBGE (2010), conseqüentemente a essa realidade contemporânea, se faz necessário estudos, pesquisas a serem desenvolvidas e políticas a serem aperfeiçoadas, sobretudo implantadas. E em meio a essa realidade é comum nos depararmos com vários conceitos, estereótipos e até preconceitos para nos referirmos às pessoas com idades a partir de sessenta anos. Ao que se refere à questão da previdência, mais de 50% dos idosos são aposentados, 12% são pensionistas, 10% são aposentados e pensionistas.

Gráfico 3

Gráfico 3 – Previdência social



Fonte: IBGE, 2009.

Mesmo diante do quantitativo citado anteriormente das pessoas idosas que são aposentadas e pensionistas, muito delas exercem alguma outra atividade que lhes servem como fonte de renda. Isso ocorre também devido ao tempo ocioso, onde procuram ocupar seu tempo no trabalho, primeiramente vejamos o que Marx diz sobre o que é o trabalho.

O trabalho humano é a característica que diferencia o homem dos animais a partir do momento em que este cria instrumentos para facilitar a realização das tarefas complexas e, cria uma linguagem para se comunicar. Nesta fase, o trabalho é instrumento de desenvolvimento e socialização dos seres humanos, sendo assim, o trabalho é determinante do homem na construção de si próprio e da sociedade. O trabalho tem como determinante as relações sociais, intimamente ligadas à práxis humana, dando sentido à transformação de bens necessários a sua própria manutenção (MARX; ENGLÉS, 1983 apud TRENDO S/D, p. 49).

Como afirma Marx, o trabalho tem como determinante as relações sociais, intimamente ligadas à práxis humana, e não é porque a pessoa chegou à velhice que não estejam mais aptos ao trabalho, ou não queira mais exercer alguma função profissional. Vale salientar, como foi colocado anteriormente, que o processo de envelhecimento é relativo, sobretudo singular, a aposentaria é um direito, todavia, nem todos que usufruem dela são obrigados a “viver” apenas dessa renda. Vejamos o que o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas IPEA (2001) diz a respeito:

[...] idade e educação mostraram ter um peso importante, apresentando a idade um efeito negativo e a educação, positivo. Acredita-se que essas duas variáveis refletem condições de saúde, o que, na verdade, deve ser um dos determinantes mais importantes da oferta de força de trabalho do idoso. A participação do idoso brasileiro no mercado de trabalho é alta, considerando os padrões internacionais. Isso está relacionado a uma particularidade muito específica do mercado de trabalho brasileiro: a volta do aposentado ou a sua não saída do mercado de trabalho. (IPEA, 2001)

Compreendemos que a idade e, sobretudo, a educação é um fator importante, infelizmente a idade tem um efeito negativo, entretanto a educação é de teor positivo. Acredita-se que essas variáveis refletem diretamente na questão da saúde, que é, ou deve ser um fator determinante no que se refere ao âmbito do trabalho.

Segundo Peixoto (2000): “[...] o objeto velhice só entrou na cena brasileira há bem pouco tempo. Ainda que existam outros termos classificatórios para a velhice no uso corrente, o termo que designava, até essa época, a pessoa envelhecida era, sobretudo ‘velho’”. A época em que a autora está se referindo é a década de 1960, pois a partir dessa época o termo idoso foi impregnado na sociedade.

Sobre a questão da expectativa de vida, de acordo com Barros (2000) referida no parágrafo anterior nos descreve que vivemos a realidade de um país dividido entre classes sociais, pobres e ricos, na região do Nordeste, onde a economia da subsistência impera, a expectativa de vida é de cinquenta e dois anos, em comparação ao Sul que apresenta os mais elevados índices de industrialização, melhores condições de vida, melhores salários, a expectativa de vida tem um teor mais elevado e sobe para setenta e dois anos. Para finalizar ela ressalva “o prolongamento da vida das pessoas envelhecidas pressiona o alargamento das faixas de idade mais jovens e, assim, a criação de novas denominações: a quinta idade (pessoas com mais de 85 anos) já se sobrevoa o céu francês, enquanto a 4ª idade cairá em breve as terras brasileiras”.

Sobre o envelhecimento de acordo com Pitanga (2006) destaca que é preciso esclarecer que o envelhecimento não diz respeito apenas aos velhos, mas sim é algo relacionado as questões físicas, sociais e psicológicas na qual é inevitável, e irreversível.

Nesse aspecto, compreendemos que o processo do envelhecimento é algo natural, que acontece desde nascimento, e em consequência a isso, compreendemos que essa questão relacionada ao envelhecimento é algo progressivo, e não estático. A autora ainda afirma: “envelhecer é, desse modo, um processo inerente à vida, com todo seu ímpeto criador, constitutivo e produtivo.” Em outras palavras é um processo natural, inerente ao homem no decorrer de sua existência. Mascaro (2004), semelhantemente salienta que

a velhice é, portanto, uma fase natural da vida e não há como fugir deste ciclo: nascimento, crescimento, amadurecimento, e morte. [...] O processo de envelhecimento e a fase da velhice fazem parte de nossas experiências de ser vivo. Além disso, os idosos são “personagens” reais e também fictícios em nossa vida pessoal, afetiva e intelectual.

O processo de envelhecimento é inerente ao homem, como bem citado pela autora anteriormente, é um ciclo natural da vida e não há possibilidades de fugir. Os(as) idosos(as), de acordo com Mascaro (2004) são por sua vez “atores” reais, e concomitantemente fictícios na vida particular, afetiva, e também sobre as questões que estão relacionadas ao intelecto.

Pitanga (2006) ressalva que “o envelhecimento não é algo estanque, pelo contrário, é um processo dinâmico e contínuo de transformação, que vai acontecendo durante a vida do sujeito, situando-lhe em temporalidade”. Ela está se referindo a questão do tempo de vida da pessoa que está totalmente relacionado à história de sua vida social. Para reforçar essa descrição, Beauvoir (1970) salienta que

a velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Um tal paradoxo desconhece a essencial verdade da vida; esta é um sistema instável no qual, a cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é sinônimo de morte. Mudar é a lei da vida (BEAUVOIR, 1970, p. 17).

Como dito pela autora anteriormente, o processo de mudança em relação a vida é algo natural, e todos(as) estão sujeitos a essas mudanças e é um sistema instável, onde a todo momento como disse Beauvoir: “o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é sinônimo de morte, mudar é a lei da vida.

Ao que tange o termo idoso, esse por sua vez começou a ser utilizado a partir da década de sessenta do século XX, e de acordo com esse contexto surgiram algumas indagações: o que é ser idoso na sociedade contemporânea? Trata-se apenas da separação da vida adulta à velhice? Ou essa fase trata-se apenas do reconhecimento da sociedade perante a lei, sobre o direito a aposentadoria e as prioridades nos estabelecimentos, em virtude das leis?

De acordo com o dicionário *Dicio* “idoso é um indivíduo que possui muitos anos de vida. A sociedade reconhece uma pessoa idosa, quando esta a passa a ter a idade igual ou superior a 65 anos.” Vejamos a seguir o que Oliveira (et al., 2012) diz sobre a caracterização do ser idoso, e assim eles respondem as indagações feitas anteriormente:

A existência social do idoso representa que este não é apenas um indivíduo, sujeito biológico, que se restringe a um processo de evolução do nascimento até a morte, pois como afirma Bazo (1996), “a velhice, mais que um conceito biológico, é uma construção social”. E por se tratar de uma construção social, deve revestir-se de valor. Porém na maioria das vezes o valor atribuído é negativo, frisando a

incapacidade, fragilidade ou inadequação do idoso frente à sociedade (OLIVEIRA, 2012, p. 11).

Como os autores citaram acima, o(a) ser idoso(a) e o/ou ser velho(a) perpassa pelas questões biológicas, pois essas características são atreladas às circunstâncias da construção social, e por se referir à construção social, essa por sua vez, pode ter caráter negativo, focando na incapacidade, ‘sensibilidade’, e fragilidade perante a sociedade, que em suma, ao invés disso deveria revestir-se de respeito e valor.

Sobre o conceito idoso na sociedade contemporânea Peixoto (2000, p. 73) explica “a introdução da noção menos estereotipada ‘idoso’ foi bastante criticada por alguns especialistas do tema, como Lenoir (1984), para quem o termo idoso não é tão preciso quanto velho, mesmo que seja mais respeitoso”. O autor afirma que o termo idoso não é uma instância tão objetiva, ou seja, tão preciso quanto o termo velho, mesmo que a conotação do termo idoso possa ter uma representação de respeito.

Oliveira (et al., 2012) salienta que “este sujeito teve sua representatividade no mercado de trabalho e também na sua família, enquanto pai, mãe ou chefe da mesma. Porém, com o passar dos anos, estes papéis vão se perdendo”. Nas relações sociais percebemos que os papais ao longo dos anos estão se invertendo, filhos nos papéis de pais, pais nos papéis de filhos e esses papéis são por sua vez, construídos socialmente, culturalmente.

Vejamos a seguir as definições desmistificadas sobre o conceito de velho, idoso e velhice, de acordo com o pensamento de Manzano (2013, s/p).

O envelhecimento deve ser entendido como um processo natural da vida que traz consigo algumas alterações sofridas pelo organismo, consideradas normais para esta fase. Envelhecemos desde o momento em que nascemos. Logo, como cita o autor Messy (1999, p.18), “*se envelhece conforme se vive*”. Pelo termo idoso, podemos entender todo e qualquer indivíduo acima de 60 anos de idade. Este conceito foi criado na França em 1962, substituindo termos como velho e velhote e foi adotado no Brasil em documentos oficiais logo depois. O idoso é o sujeito do envelhecimento. O termo velhice é considerado para uns como o último ciclo da vida, que independe de condições de saúde e hábitos de vida, é individual, e que pode vir acompanhado de perdas psicomotoras, sociais, culturais e etc.; já outros acreditam que a velhice é uma experiência subjetiva e cronológica. Acreditamos que a velhice seja como uma construção social que cria diversas formas diferentes de se entender o mesmo fenômeno, dependendo de cada cultura.

Diante disso podemos concluir que a velhice é um processo natural da vida e que ao decorrer dos anos implica nas alterações sofridas pelo organismo, e isso é considerado algo natural em nossa sociedade, todavia, a sociedade em si, tenta negar esse processo, colocando

em tese a insistência pela juventude, tentando ao máximo negar o envelhecimento, usando até o uso do termo idoso com o intuito de suavizar e/ou amenizar a velhice. E como foi referido pela autora acima, o idoso é o sujeito do envelhecimento, é um termo contemporâneo comparado à existência humana, esse conceito foi criado na França há 60 anos e fez a substituição dos termos velhos e velhotes. Como colocado, o idoso é sujeito da velhice e para alguns é considerado o último ciclo da vida, é algo pertinente a singularidade, ou seja é individual e está relacionado as perdas psicomotoras, perdas sociais, e até mesmo culturais. Ao que se refere à velhice ela um retrato da construção social, onde há várias possibilidades divergentes de compreender o mesmo fenômeno, é algo relativo. Portanto, como relatado no início desse capítulo essas diferenças compõe uma carga despreziosa ao que se refere às pessoas com idade igual ou superior a 65 anos, pois na realidade, sobretudo no senso comum essas diferenças não são percebidas.

Articulando essas definições ao pensamento de Barros (2000), ela ressalva que fazer uma definição sobre velhice é difícil porque ao que tange os indivíduos eles são semelhantes e diferentes ao mesmo tempo.

Ela reitera que idades iguais ou a mesma geração são insuficientes para uma definição concreta, e essa não por si só não pode garantir características constitucionais, ao que se refere a resistência corporal, saúde, intelecto etc. A autora retrata que o envelhecimento não é um processo homogêneo, e sim algo particular, em virtude da singularidade de cada pessoa.

Para reforçar o pensamento de Barros (2000), vejamos o que semelhantemente Peixoto (2000) ressalva: “Os termos ‘velho’ e ‘velhote’ podem ou não estar carregados de conotações negativas, mas quando isso acontece são empregados para reforçar uma situação de exclusão social”

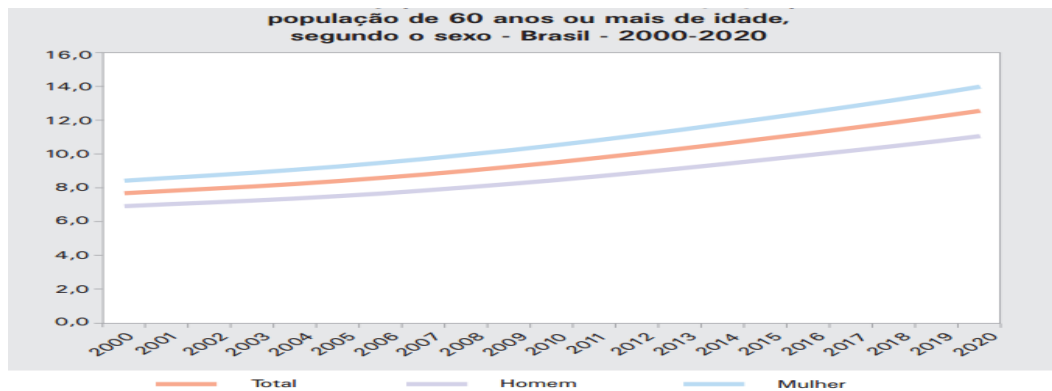
A autora ainda descreve que a noção de velho é, pois, totalmente relacionada com a decadência e por sua vez, é confundida com a incapacidade para exercer alguma atividade ao que se refere ao trabalho. A autora ainda salienta que: “ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres”.

A importância do empoderamento dessas diferenças é extremamente relevante, haja vista de uma sociedade que segundo dados do IBGE (2000) a estimativa indicam que nos próximos vinte anos essa população poderá exceder trinta milhões de pessoas, fazendo assim

a representação de 13% da população. E essa representatividade a cada dia aumenta, ainda segundo os dados do IBGE (2000) a população idosa vem gradativamente ganhando proporção superando até a quantidade de crianças. De 15% em 1980 passou a 21% em 1991 e atingiu 28%, em 2000. Assim, embora a taxa de fecundidade seja classificada como a principal dinâmica da demográfica brasileira em relação aos(as) idosos(as), são os longevos que gradativamente estão evoluindo.

A seguir fizemos uma ilustração em forma de gráfico para representarmos a questão do crescimento populacional da pessoa idosa, podendo assim comprovar seu crescimento com base nas informações do IBGE (2000).

Gráfico 4 – População de 60 ou mais, Brasil (2000-2020)



Fonte: IBGE/Fundo de População das Nações Unidas UNFPA/BRASIL (BRA/98/P08).

Os homens velhos como representado no Gráfico 4, no ano de 2000 correspondia 6% da população e a estimativa é de que em 2020 essa população poderá atingir 9,6% da população. Ao que tange ao quantitativo de mulheres velhas, em 2000 esse público correspondia a 8,2% da população e assim como os homens esse número evoluiu e a estimativa poderá atingir 14,1% da população.

Já foi mencionado que o número de pessoas com idade a partir de sessenta anos vem crescendo exacerbadamente em nível mundial, e infelizmente as pessoas ainda não conseguiram se atentar a essa realidade. São pessoas que precisam assim como qualquer outra, da atenção do Estado, que necessita, sobretudo, ser enxergadas com uma pessoa política e não como lixo social descartável.

O envelhecimento populacional assim como mencionado no Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada IPEA (2004) é acompanhado do envelhecimento do próprio indivíduo e também do crescimento das famílias onde existem no mínimo um(a) idoso(a) em cada família.

De acordo com IPEA (2004) o crescimento da população idosa é ocasionado pela alta fecundidade nos anos de 1950 e 1960, e comparando aos dias atuais, houve uma redução nos números de mortalidades dos(as) idosos(as). IPEA (2002) aponta sobre o mesmo assunto que

por um lado, a queda da fecundidade modificou a distribuição etária da população brasileira, fazendo com que a população idosa passasse a ser um componente cada vez mais expressivo dentro da população total, resultando no envelhecimento pela base. Por outro, a redução da mortalidade trouxe como consequência o aumento no tempo vivido pelos idosos, isto é, alargou o topo da pirâmide, provocando o seu envelhecimento (IPEA, 2002, p. 26).

Compreendemos que o fato das pessoas não se reproduzirem mais como nos antepassados, contribuiu diretamente na evolução do número de idosos(as) no Brasil, e em consequência a essa realidade, podemos observar que os(as) idosos(as) tornou-se um componente cada vez mais expressivo dentro da sociedade.

Em outro aspecto, não menos relevante, podemos concluir que a redução da mortalidade trouxe consigo o aumento do tempo vivido da população idosa, e como citado por IPEA (2004): “alargou o topo da pirâmide, provocando o seu envelhecimento”.

Vejamos o que o portal do envelhecimento (2014) relata semelhantemente: “[...] esse aumento não é só a melhoria da qualidade de vida, que ampliou a expectativa de vida dos brasileiros, mas também a queda na taxa de fecundidade dos últimos 50 anos, que passou de 6,2 filhos nos anos 1960 para 1,77 (estimativa) em 2013”.

Ou seja, são duas questões que justificam o aumento da população idosa no Brasil, que se configuram na melhoria de vida dos(as) idosos(as) em consequência também ao avanço da tecnologia e a questão da taxa de fecundidade, que diminuiu com o passar dos anos, fato esse ocasionado pelas mudanças sociais da sociedade brasileira.

Como citado anteriormente, o número de pessoas idosas no país vem a cada dia aumentando, já descrevemos os possíveis motivos que levaram a essa realidade atual,

sabemos que essa situação crescente não é algo nacional pois dados estatísticos demonstram que essa realidade é a nível mundial.

A seguir veremos o quantitativo de mulheres idosas residentes no Brasil na contemporaneidade, de acordo com o IBGE (2010).

Tabela 2 – População feminina residente no Brasil

Tabela 1378 - População residente, por situação do domicílio, sexo e idade, segundo a condição no domicílio e compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio	
Brasil	
Variável = População residente (Pessoas)	
Situação do domicílio = Total	
Sexo = Mulheres	
Idade = 60 a 69 anos	
Condição no domicílio e o compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio = Total	
Ano = 2010	
	6.084.830

Fonte: IBGE, 2010.

Podemos observar na Tabela 2 o número de mulheres idosas no Brasil, tanto na situação urbana como no âmbito rural, que tem idades de 60 a 69 anos. Foi demonstrado que existem 6.084.830 mulheres idosas no Brasil, um número elevado, e que tem possibilidades de alterações para os próximos anos.

E como foi colocado o número de mulheres idosas no Brasil na contemporaneidade, é relevante a demonstração dos homens idosos residentes no Brasil. Segue abaixo a ilustração do quantitativo de homens idosos com idade entre 60 a 69 anos, de acordo com o IBGE (2010).

Tabela 3 – População masculina residente no Brasil

Tabela 1378 - População residente, por situação do domicílio, sexo e idade, segundo a condição no domicílio e compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio	
Brasil	
Variável = População residente (Pessoas)	
Situação do domicílio = Total	
Sexo = Homens	
Idade = 60 a 69 anos	
Condição no domicílio e o compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio = Total	
Ano = 2010	
	5.265.100

Fonte: IBGE, 2010.

O total de homens idosos com as mesmas características das mulheres idosas que residem no âmbito rural ou urbano, com idade entre 60 a 69 anos é inferior ao número de mulheres residentes no Brasil, compondo então o número de 5.265.100 pessoas idosas do sexo masculino no Brasil.

Sobre a questão da escolaridade foram adquiridos consideráveis avanços da população brasileira, entre os anos de 1940 a 2000, teve um acréscimo da população alfabetizada. Ao que se refere aos(as) idoso(as), podemos considerar a população feminina se destacou como aponta IPEA(2004): “A proporção de idosos alfabetizados teve um aumento significativo, mais intensamente entre as mulheres. Entre os homens, o aumento foi de 59% e, entre as mulheres, de 146%. Em 1940, 74,2% da população idosa feminina eram analfabetos e, em 2000, essa fração caiu para aproximadamente 1/3.”

As autoras apontam ainda, que apesar das mulheres idosas terem se destacado no início do período entre 1940 a 2000, atualmente o número de homens idosos alfabetizados são superiores as mulheres idosas, representando o número de 68,9% e as mulheres são 63,4%.

E sobre a questão de tempo médio de estudo de acordo com o IPEA (2004) a situação também se elevou com significativas mudanças entre os anos de 1960 a 2000. Dois aspectos tem se destacado nesse período, entre a população de 15 à 59 anos as mulheres têm se destacado, e entre os idosos(as) como colocado anteriormente, os homens são os que se destacam, conseqüentemente a isso podemos concluir que há uma maior frequência maior no âmbito escolar.

Sobre os aspectos que envolvem a saúde da população idosa de acordo com o IPEA 2004, é importante iniciarmos esse assunto com o destaque nas questões da transição epidemiológicas, sua caracterização configura-se na redução da mortalidade infantil por doenças infectocontagiosas e parasitárias, posteriormente o nível de mortalidade diminui também nos níveis de idades mais avançadas e o padrão de morte é modificada.

A estimativa de vida dos idosos, ainda segundo o IPEA (2004), se elevaram, os homens passaram de 58,5 anos para 67,5 anos entre os anos de 1980 a 2000, e as mulheres de 65 anos para 76 anos.

Como podemos observar a estimativa de vida entre as mulheres é superior aos homens. Esse acréscimo na idade é resultado da redução da mortalidade infanto-juvenil, essas

mudanças também contribuíram para a queda da mortalidade adulta, que a partir de 1990 contribuiu também para os(as) idosos(as). Toda essa progressão contribuiu para o aumento de vida da população brasileira ao nascer.

Na contemporaneidade a tecnologia e, sobretudo a medicina também contribuiu para o aumento da expectativa de vida dos(as) idosos(as). O nível de mortalidade infanto-juvenil era elevado devido às doenças que não tinha tratamento, ou seja, a medicina ainda não tinha encontrado formas de combater as doenças como na atualidade, ao passar dos anos com o avanço da medicina e também da tecnologia podemos assinalar que essas por sua vez contribuíram diretamente para avanço das idades dos(as) longevos.

Para complementar o que foi abordado anteriormente, sobre o avanço da medicina e a contribuição da tecnologia Maciel (2012) descreve:

Atualmente, estamos inseridos em um período marcado por grandes transformações tecnológicas que estão contribuindo para o aumento da expectativa de vida e, sucessivamente, para o aumento inquestionável da população idosa. O idoso passou a ser um sujeito mais ativo e participativo na sociedade necessitando e buscando fazer parte dos benefícios trazidos pelo universo tecnológico que se apresenta. [...] A medicina, com suas descobertas possibilitaram maior prolongamento da vida, paralelamente, doenças vinculadas a esse envelhecer foram surgindo e hoje intensificam os estudos para propiciar ao público da terceira idade um vivenciar mais saudável (MACIEL et al., 2012, p. 1-3).

Consideramos que os avanços vivenciados no mundo tecnológico são marcados por profundas modificações e essas, como abordado anteriormente, contribuem para a melhoria de vida da população, sobretudo, dos longevos, que na atualidade vem cada vez se destacando e conseqüentemente tornando-se um(a) sujeito ativo e participativo na sociedade. A medicina com o avanço de suas descobertas, como bem citado por Maciel (2012) é responsável e, sobretudo, possibilita maior prolongamento da vida, concomitantemente a essa realidade do avanço da medicina, foram e vão surgindo novas doenças, e atualmente a intensificação dos estudos médicos são colocados para proporcionar ao público uma vivência da velhice mais saudável, perante as doenças que infelizmente a medicina e tecnologia não conseguiram solucionar.

Diante da realidade sobre o que tange o avanço da tecnologia e, sobretudo a evolução da medicina, podemos citar as políticas sociais que contribuem para a garantia de saúde básica para todos, e entre outras políticas que foram conquistadas.

No próximo tópico desse capítulo, iremos fazer uma breve contextualização sobre como se configura as políticas sociais, como e quando foram originadas na sociedade,

focalizando a sua gênese e colocando em questão os retrocessos e avanços na atualidade. Tentaremos também explicar os seus objetivos e diretrizes, sobretudo as políticas sociais que envolvem e são destinadas aos (as) idosos(as) na contemporaneidade.

3.2 Políticas Públicas voltadas para idosos(as)

Para iniciarmos a discussão sobre políticas públicas com ênfase aos idosos(as), é crucial antes fazermos uma explanação sobre as políticas públicas no contexto geral, entendermos suas nuances e diretrizes e, sobretudo compreendermos como essas políticas públicas se originou na sociedade e como elas se configuram atualmente.

As Políticas Públicas originou na sociedade com o intuito de assegurar as pessoas, em favor de seus direitos garantidos constitucionalmente, é um conjunto de ações, atividades e programas com a participação de instituições públicas ou privadas. De acordo com Teixeira (2002): “‘Políticas públicas’ são diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado”. Nesse sentido, compreendemos que as políticas públicas são questões inerentes ao poder público, que contém regras e procedimentos com a ‘ligação’ do poder público e a sociedade. O autor ainda reitera que “são, nesse caso, políticas explicitadas, sistematizadas ou formuladas em documentos (leis, programas, linhas de financiamentos) que orientam ações que normalmente envolvem aplicações de recursos públicos”.

As políticas públicas nesse sentido traduzem formas, como citado pelo autor, sistematizadas em leis, que visa em sua instância assegurar as pessoas quanto aos seus direitos, são programas, como o “Bolsa Família” e Linhas de financiamento que são modificadas em ações que na maioria das vezes necessita de recursos públicos.

Ainda segundo o Teixeira (2002) vejamos como se traduzem as políticas públicas na sociedade:

As políticas públicas traduzem, no seu processo de elaboração e implantação e, sobretudo, em seus resultados, formas de exercício do poder político, envolvendo a distribuição e redistribuição de poder, o papel do conflito social nos processos de decisão, a repartição de custos e benefícios sociais. Como o poder é uma relação social que envolve vários atores com projetos e interesses diferenciados e até contraditórios, há necessidade de mediações sociais e institucionais, para que se possa obter um mínimo de consenso e, assim, as políticas públicas possam ser legitimadas e obter eficácia (TEIXEIRA, 2002, p. 2).

De acordo com o autor, ao que tange às políticas públicas, para que se tenha legitimidade e eficácia, há necessidade da mediação social e institucional, pois ao se tratar das questões de poder, nessas envolvem diversos atores com objetivos diferenciados e em consequência a isso há contrariedade, por isso a necessidade das mediações.

E as políticas públicas ainda de acordo com o autor traduzem formas e atividades do poder público relacionando a distribuição redistribuição de poder, o papel do conflito da sociedade nos casos de decisões, e a repartição de custos e benefícios sociais.

Nesse contexto, é necessário abordarmos a diferença da política pública e política governamental, por essa por sua vez em muitas situações ambas podem ser confundidas, por serem estatais, entretanto a política governamental para ser pública é necessário para quem serão destinados seus resultados e benefícios. Vejamos o que Teixeira (2002) semelhante aborda “Nesse sentido, cabe distinguir “Políticas Públicas” de “Políticas Governamentais”. Nem sempre “políticas governamentais” são públicas, embora sejam estatais. Para serem “públicas”, é preciso considerar a quem se destinam os resultados ou benefícios..”

Ao que se refere às políticas públicas se faz necessário à participação da sociedade civil, pois na maioria das vezes trata-se de seus próprios interesses e sua participação e publicidade tornam-se fundamental.

Os objetivos das políticas públicas ainda segundo Teixeira (2002) é tentar responder as demandas sociais, prioritariamente ao que diz respeito aos segmentos marginalizados da sociedade, considerados como sujeitos que vivem em vulnerabilidade social. Visam também na efetivação e ampliação dos direitos sociais que em sua instancia passa a ser reconhecido institucionalmente. E também existem objetivos que estrategicamente são usados para desenvolver novas alternativas de empregos, assim sendo, esse objetivo de cunho econômico visa compensar os gastos feitos em outras políticas.

Agora, vamos discutir um pouco sobre as modalidades das políticas públicas, entender como se procede a suas diretrizes classificações. De acordo com Teixeira (2002), quanto à natureza das políticas existe a estrutural e conjuntural, a estrutural busca interferir com as questões financeiras como: renda, emprego e propriedade. E a conjuntural tenta abrandar uma situação temporária. Quanto à abrangência dos benefícios, existem os segmentais, fragmentados e universais, os segmentais são apenas para uma parte da população caracterizada por alguma determinação como: idade, gênero etc. Os fragmentados são

designados aos grupos sociais segmentados. E por fim o universal, que são para todos. Para entendermos as questões atuais sobre as políticas públicas se faz necessários entendermos alguns aspectos que serão melhores elucidados por Teixeira (2002):

Identidade – iniciativas de proposições para responder questões constituem um elemento importante no processo de formação de identidade coletiva dos atores sociais. Plataformas Políticas - as políticas públicas expressam o sentido do desenvolvimento histórico-social dos atores sociais na disputa para construir a hegemonia; refletem, pois, as concepções que têm do papel do Estado e da sociedade civil, constituindo programas de ações que respondem as suas carências e demandas. Políticas Públicas - O Papel das Políticas Públicas Mediações Institucionais – as políticas públicas traduzem mediações entre interesses e valores dos diversos atores que se defrontam em espaços públicos para negociar soluções para o conjunto da sociedade ou determinados grupos sociais. Dimensão Estratégica - as políticas públicas diretamente ligadas ao modelo econômico e à constituição de fundos públicos assumem aspecto estratégico, quando se constituem referência e base para a definição de outras políticas ou programas em determinadas áreas. (TEIXEIRA, 2002 p. 4-5)

Entendemos que é crucial a formação da identidade dos atores que compõem a sociedade, é necessário compreender também a sua classe pertencente no meio social. Mas afinal, o que é política pública? Não podemos pensar que essa por sua vez é capaz de preencher ou solucionar todos os problemas referentes às expressões da questão social, ainda existe muito para ser ampliado e implementado.

Vejamos o que Oliveira (2000) semelhantemente, salienta: “as políticas públicas não representam uma força sobrenatural que irá solucionar todos os problemas sociais instantaneamente. Existem limitações, porém não se deve também apenas pautar-se nestas para justificar a falta de ação”. Assim sendo, podemos concluir que as políticas públicas são instrumentos de ação do Estado.

Nesse contexto, é importante salientar as políticas assistencialistas no momento pós- guerra que segundo Oliveira (et al., 2000), trouxeram avanços, entretanto se consolidaram devido ao capitalismo moderno.

De acordo com Oliveira (et al., 2000 apud FREITAS, 2005) o surgimento do bem estar social na sociedade, trouxe em sua gênese a garantia de materializar direitos básicos como a vida, alimentação de saúde. Posteriormente a esse momento as ações assistenciais e a filantropia começaram a desaparecer e conseqüentemente passou a ser visto como direitos da cidadania, todavia nesse período, as ações ainda eram vista como atitudes oriundas de um estado bom. Ainda segundo os autores citado acima, o bem estar social não se manteve por muito tempo, o sistema capitalista repudia a ideia de prover as políticas sociais,

consequentemente houve um fortalecimento do estado mínimo ao designar os direitos da população. E quando essas ações não provêm de sustentação verídica, ou seja, no meio em que as promessas não cumpridas, nasce o Estado Democrático de Direito, que busca em sua instância a efetivação de direitos constitucionais, com um teor mais amplo e dinâmico com ênfase no desenvolvimento humano.

Como descreve Batista (2008 apud OLIVEIRA et al., 2000) “as políticas promovidas pelos Estados de Bem-Estar Social no pós-guerra levaram a uma melhoria considerável das condições de vida e de trabalho, contribuindo para o aumento progressivo da expectativa de vida de suas populações”. Assim sendo, contribuiu diretamente para ampliação das múltiplas formas de ampliação na sociedade, entretanto de uma forma muito escassa onde o sistema capitalista tentou e tenta fragmentar.

Santos (2007) descreve “quando se fala em formular e implantar uma política social, a sociedade o faz por conta de alguma insatisfação em relação ao mercado que não consegue distribuir adequadamente a riqueza produzida pelo esforço social”.

Por esse motivo podemos pensar que política pública foi e é criada para dar respostas a insatisfação dos sujeitos em relação ao mercado, onde por sua vez não quer e/ou não consegue distribuir a riqueza oriunda da exploração dos(as) sujeitos(as) no mundo do trabalho. Sobre a distribuição da riqueza o autor ainda reitera: “essa distribuição que deve ser feita, inclusive, pelas políticas sociais do Estado é uma forma de se iniciar um processo para anteciper a libertação do ser humano da sua obrigatoriedade de lutar, durante toda a sua existência, por uma materialidade que garanta a sobrevivência da espécie”.

Segundo Faleiros 2010, ao que se refere à igualdade dos direitos sociais, essa se configura a um mínimo de garantias para manter a subsistência do sujeito em favor da minoridade, como o abono familiar ou velhice que nesse caso seria a assistência à velhice, que, contudo, não modifica a questão da distribuição de renda, porque tanto os ricos como os pobres podem receber o auxílio universal de infância ou velhice. E além dos subsídios, nos países capitalistas, há também programas sociais especiais, o autor cita que são para: “os trabalhadores de baixa renda, para os desempregados e para os excluídos de trabalho etc.”

Ainda segundo Faleiros (2010) o Estado, progressivamente, foi assumindo uma série de prestações de serviços que assegura o indivíduo do nascer ao morrer. Todavia, os benefícios às famílias são limitadas a 42% da população. O autor ainda descreve que “essas

medidas foram implantadas pelos liberais progressistas ou pelos trabalhistas; tiveram, porém, a oposição dos conservadores, que as combatiam em nome do mercado, isto é, da liberdade sem restrições para a produção e o comércio”.

Na contemporaneidade o autor salienta que há uma tendência há restrição dessas políticas sociais ao invés da ampliação das mesmas, considerando a questão da crise econômica que assola o país. Faleiros (2010) ainda descreve “os programas sociais são pagos e financiados pelos próprios trabalhadores”.

Já foi explanado o que a política social, como ela se configura na sociedade, seus objetivos e diretrizes, e suas formas de implantação e implementação. Agora iremos abordar as políticas sociais que foram desenvolvidas para os(as) idosos(as). De acordo com Scortegagna (2000) “A base das políticas públicas direcionadas ao segmento idoso se refere à ideia de exclusão social a que este grupo é submetida, uma vez que os direitos elementares deixam de ser cumpridos, e a efetivação do Estado Democrático de Direito não ocorre”.

As políticas sociais que são designadas aos idosos(as) são: Política nacional do Idoso (1994); Política Nacional de Saúde do Idoso (1999); o Estatuto do Idoso (2003); a Política Nacional de Assistência Social (2004); A política nacional da saúde da pessoa idosa (20006). É importante salientar que foi a partir da Constituição Federal de 1988, que todas as outras políticas surgiram.

Os princípios fundamentais que regem a CF de 1988 são: “I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político”. É relevante citarmos alguns princípios que envolvem os objetivos fundamentais da República do Brasil, que são: “I construir uma sociedade livre, justa e solidária; II garantir o desenvolvimento nacional; III erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais” etc. Vale ressaltar que nesse mesmo tópico é objetivo da República do Brasil garantir o bem de todos, sem discriminação, aos aspectos que envolvem a raça, cor, sexo, origem e idade e/ou qualquer outra discriminação.

E sobre os aspectos que envolvem os Direitos Sociais, na CF/88 está descrito que correspondem “à educação, a saúde, alimentação, o trabalho, o transporte, o lazer, a proteção à maternidade e a assistência aos desamparados.” Vale salientar que a CF/88 reconheceu a Assistência Social como dever do cidadão e direito do Estado.

No capítulo II, no item XXIV da CF88 está citado o direito à aposentadoria, do qual um dos princípios que rege o segmento dos Direitos Sociais da população brasileira, essa por sua vez pode ser designada também às pessoas com idade a partir de 60 anos de idade, esse direito como citado, é garantido constitucionalmente, entretanto houve alguns aperfeiçoamentos.

A aposentadoria ao que refere os aspectos de idade é medida através da idade cronológica de cada pessoa, onde fazem uma individualização das questões postas pela idade, entretanto, concomitantemente a essa situação a velhice é heterogênea, onde cada um(a) expressa sua forma de envelhecer e o sujeito da velhice, como já foi citado nos primeiros parágrafos desse capítulo, os(as) idosos(as) são sujeitos da sistematização da velhice.

Envelhecer na sociedade brasileira é algo desafiador, tanto pelo fato das políticas sociais que ainda são ineficientes, como pela forma da compreensão errônea das pessoas sobre velhice, elas ainda carregam muitos preconceitos e estereótipos que precisam ser desconstruídas. O estado por sua vez, aos passos lentos criou algumas políticas no intuito de assegurar-lhes em determinados aspectos.

Primeiramente vamos abordar a política nacional do idoso que de acordo com o Plano da Casa Civil foi criada em 4 de janeiro de 1994, com a Lei nº 8.842, tem o objetivo de assegurar os direitos sociais do(a) idoso(a), onde reconhece a pessoa idosa com idade a partir de sessenta anos de idade. No artigo primeiro está descrito que essa lei foi promovida para criar condições para promover a autonomia do idoso, integração e participação dos mesmos na sociedade. A política nacional do idoso é regida pelos seguintes princípios:

I - a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida; II - o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos; III - o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza; IV - o idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através desta política; V - as diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano do Brasil deverão ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral, na aplicação desta lei.

Podemos observar que política nacional do idoso é composta por princípios que dispõem de subsídios que asseguram os(as) idosos no qual a família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar-lhes sobre os direitos da cidadania, garantindo a participação dos mesmos na sociedade, garantindo o direito a vida, dignidade e bem-estar. É vale salientar os(as)

idosos(as) não podem e não devem sofrer nenhum tipo de discriminação de qualquer natureza.

As principais diretrizes da Política Nacional do Idoso se configuram em priorizar o tratamento e/ou atendimento ao idoso em sua própria família; capacitação dos recursos humanos dos serviços prestados na geriatria e gerontologia;

Ao que se trata das organizações e gestão o “Art. 5º Competirá ao órgão ministerial responsável pela assistência e promoção social a coordenação geral da política nacional do idoso, com a participação dos conselhos nacionais, estaduais, do Distrito Federal e municipais do idoso”.

Compete às ações governamentais que compõe o quarto capítulo do documento, essas são responsáveis por: “promover simpósios, seminários e encontros específicos; garantir ao idoso a assistência à saúde, nos diversos níveis de atendimento do Sistema Único de Saúde; promover a capacitação de recursos para atendimento ao idoso; elaborar normas de serviços geriátricos hospitalares” e entre outras ações.

De acordo com o Ministério da Justiça e Cidadania a Política Nacional do Idoso tem como intuito de garantir os direitos e cumprimentos das famílias, do poder público e da comunidade. Visa também garantir a realização dos direitos do(a) idoso(a).

Ainda de acordo com o Ministério da Justiça, os princípios da Política Nacional do(a) Idoso(a) que se destacam são “a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito, a não discriminação e à convivência familiar e comunitária”.

Em 1999 foi criada a política nacional de saúde do idoso, com a portaria de número 1.395/1999 segundo essa lei: “cabe ao setor saúde, em síntese, prover o acesso dos idosos aos serviços e as ações voltadas à promoção, proteção e recuperação da saúde mediante os estabelecimentos de normas específicas para tal”, portanto, essa lei foi criada para dar um suporte maior quanto os aspectos que envolvem a saúde do(a) idoso(a). Suas principais diretrizes são: “promoção do envelhecimento saudável; manutenção da capacidade funcional; assistência às necessidades da saúde do idoso; a reabilitação da capacidade funcional comprometida; a capacidade dos recursos humanos especializados; apoio a estudos e pesquisas”.

Posteriormente foi criado o Estatuto do Idoso com a Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, onde tem o principal objetivo de assegurar aos(as) idosos(as) quanto os seus direitos. É instituído ao Estatuto do idoso(a) destinado a desfrutar dos direitos pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Como foi citado anteriormente a Política Nacional do Idoso é relacionado ao Estatuto do Idoso, porque ambos asseguram os direitos dos(as) idosos(as) e esses direitos são regidos semelhantemente. No artigo 3º do Estatuto do Idoso está descrito que: “é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, a liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária”. Na política nacional no idoso em seu artigo 3º, inciso I, também está descrito esses princípios, entretanto com palavras distintas.

Sabemos que a partir de 65 anos de idade, a pessoa é considerada idosa, e tem vários direitos, sendo um deles o Benefício de Prestação Continuada (BPC). Vejamos o que está descrito no Estatuto do Idoso sobre os direitos:

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária [...]

Os direitos dos idosos que estão exclusivamente descritos nesse Estatuto, além dos artigos citados acima, que descrevem direitos com embasamentos legislativos, ainda dispõem de direitos como “Art. 4º Nenhum idoso pode sofrer qualquer tipo de negligência; discriminação; violência; crueldade; ou opressão e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei”. O idoso tem direito ao atendimento preferencial, tem direito ao trabalho, tem direito ao acesso livre nas instituições de ensino, tem direito à moradia digna. Sobre a questão do acesso gratuito, basta o idoso apresentar qualquer documento que comprove sua idade.

Ao que se refere ao direito de liberdade, no Estatuto do Idoso estão descritos os seguintes aspectos: “faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários ressalvados as restrições legais; opinião e expressão; crença e culto religioso;

prática de esportes e de diversões; participação na vida familiar e comunitária [...]”. Sobre os direitos referentes à profissionalização do trabalho.

Art. 26. O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas. Art. 27. Na admissão do idoso em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir. [...]

De acordo com o Ministério da Justiça e Cidadania, o Estatuto do Idoso é, portanto, uma ferramenta que representa um enorme avanço da sociedade brasileira, todavia precisa ser consolidada dia após dia. Em relação aos direitos à Assistência Social, tem-se:

Art. 33. A assistência social aos idosos será prestada, de forma articulada, conforme os princípios e diretrizes previstos na Lei Orgânica da Assistência Social, na Política Nacional do Idoso, no Sistema Único de Saúde e demais normas pertinentes. Art. 34. Aos idosos, a partir de 65 (sessenta e cinco) anos, que não possuam meios para prover sua subsistência, nem de tê-la provida por sua família, é assegurado o benefício mensal de 1 (um) salário-mínimo, nos termos da Lei Orgânica da Assistência Social – Loas.

Além de todos os artigos que foram citados, o Estatuto do Idoso ainda dispõe de outros direitos que estão divididos em tópicos e os mesmos estão subdivididos em artigos. Os tópicos são: “Direito à Vida; Direito à Liberdade; ao Respeito e à Dignidade, Alimentos; Direito à Saúde; Educação; Cultura; Esporte e Lazer; Profissionalização do Trabalho; Previdência Social; Assistência Social; Habitação; Transporte etc.”.

Cabe salientar, os direitos fundamentais que estão descritos as questões que envolvem o direito à vida como: “É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.” Já ao que se refere ao Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, o direito a liberdade designa-se à: “I opinião e expressão, faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários ressalvados as restrições legais; II opinião e expressão” e entre outros.

Cabe aqui descrever o capítulo que compõe o segmento da Assistência Social que também pertence ao título de Direitos fundamentais do Estatuto do Idoso onde está contido no capítulo VIII.

Art. 33 A Assistência Social aos idosos será prestada de forma articulada, conforme os princípios e diretrizes previstos na Lei Orgânica de Assistência Social, na Política Nacional do Idoso, no sistema Único de Saúde e demais normas pertinentes. Art 34 Aos idosos, a partir de 65 (sessenta e cinco) anos que possuam meios para prover sua subsistência, nem de tê-la provido por sua família, é assegurado o benefício

mensal de 1 (um) salário mínimo, nos termos da lei Orgânica da Assistência Social – Loas(vide decreto nº 6.214, de 2007) 35 Todas as entidades de longa permanência, ou casa lar, são obrigados a firmar contrato de prestação de serviços com a pessoa idosa abrigada. 1º No caso de entidade filantrópicas ou casa lar, é facultado a cobrança de participação do idoso no custeio da entidade. 2º o Conselho Municipal do Idoso ou o Conselho Municipal da Assistência Social estabelecerá a forma de participação prevista no 1º que não poderá exceder a 70% de qualquer benefício previdenciário ou de Assistência Social.

De acordo com a citação acima, a Assistência Social aos idosos será prestada de uma forma interligada, ou seja, articulada, haja vista aos princípios e diretrizes que compõe a Lei Orgânica da Assistência Social, na Política Nacional do Idoso, no Sistema Único de Saúde etc. Está descrito no artigo 34 do capítulo VIII, que todas as pessoas com idade a partir de 65 anos que não possuem condições para a sobrevivência, lhe é assegurado o benefício mensal de 1 salário-mínimo, ao que dita os termos da Lei Orgânica da Assistência Social. (LOAS).

Notamos que o termo velho foi totalmente esquecido em todas as políticas citadas acima. Anteriormente explicamos a origem desses termos, mas percebemos a utilização do termo idoso, até mesmo sobre os aspectos das políticas públicas uma denominação e /ou suavização da velhice. Para reforçar o pensamento, vejamos o que Barros (2000) concomitantemente aborda sobre os aspectos da aposentadoria e o termo idoso: “Se é verdade que os velhos se tornaram pessoas respeitadas através de termo idoso, este parece ser ainda mais valorizado com a criação da categoria aposentado, que introduz melhorias nas condições de vida das pessoas envelhecidas.”

A autora ainda aborda que a aposentadoria envolve questões homogêneas, ao que se refere ao corte das novas idades, surgindo então uma identidade comum em volta do universo da velhice, portanto as pessoas são classificadas como não produtiva segundo a idade cronológica. (BARROS, 2000).

Essas situações colocadas anteriormente nos remetem a pensar sobre a Política Nacional de Assistência Social instituída criada em 2004. É baseada na constituição Federal de 1988 e na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) é integrada as políticas setoriais, com o intuito de fazer um enfrentamento das desigualdades sócio territoriais, visando proporcionar a garantia dos mínimos sociais, e a universalização dos direitos sociais. Os usuários dessa política são pessoas que se encontrem na situação de vulnerabilidade social e riscos, tais como: “famílias e indivíduos com perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade; ciclos de vida; identidades estigmatizadas em termos étnico,

cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiências; exclusão pela pobreza” etc. PNAS tem os objetivos de contribuir para o acesso dos usuários aos bens sócio assistenciais visando a inclusão e equidade dos usuários. Um dos objetivos também é disponibilizar serviços, programas e projetos e a segmentação da rede de proteção social básica e especial para os usuários. Ao que envolve as ações assistenciais, assegura a centralidade no segmento família, e garante o convívio familiar e comunitário. Os(as) idoso(as) como pessoas integrante da sociedade está incluso no segmento de indivíduos que usufruem da PNAS(2004).

E sobre as questões que envolvem a qualidade de vida do idoso, vale salientar a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (2006), que foi instituída pela portaria 25/58GM de 19 e outubro de 2006 tem o principal objetivo de garantir saúde digna e adequada os(as) idosos(as) brasileiros.

Um das diretrizes que compõem a Política Nacional de Saúde do Idoso são: “Promoção do envelhecimento; atenção integral, integrada à saúde da pessoa idosa; estímulo às ações intersetoriais, visando à integralidade da atenção; estímulo à participação e fortalecimento do controle social; apoio ao desenvolvimento de estudos e pesquisas.”

É válido mencionar que apesar da garantia dessa política em razão da saúde de qualidade para os(as) idosos(a) várias questões ao que se refere essa política ainda precisam ser aperfeiçoadas na sociedade brasileira. Ainda de acordo com a Política Nacional de Saúde do Idoso: “Envelhecer, portanto, deve ser com saúde, de forma ativa, livre de qualquer tipo de dependência funcional, o que exige promoção da saúde em todas as idades.” Portanto é de total importância que haja uma ampliação, sobretudo um aperfeiçoamento dessa política, dia após dia. Na Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI) ainda está descrito:

Importante acrescentar que muitos idosos brasileiros envelheceram e envelhecem apesar da falta de recursos e da falta de cuidados específicos de promoção e de prevenção em saúde. Entre esses estão os idosos que vivem abaixo da linha de pobreza, analfabetos, os sequelados de acidentes de trabalho, os amputados por arteriopatias, os hemiplégicos, os idosos com síndromes demenciais, e para eles também é preciso achar respostas e ter ações específicas (PNSPI, 2006).

Por esse motivo a importância da ampliação e aperfeiçoamento como citamos anteriormente. A PNSPI tem a principal finalidade de recuperar, manter e garantir a independência, autonomia com fins relacionados à saúde, em acordo com as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). Os usuários dessa Política são todos os cidadãos(ãs) com idade igual ou superior a 60 anos.

E ao que tange as finalidades da PNSPI são feitas algumas considerações que se fazem necessárias citarmos, são: “o contínuo e intenso processo de envelhecimento populacional brasileiro; os inegáveis avanços políticos e técnicos no campo da gestão da saúde; o conhecimento atual da Ciência;” e entre outras.

As políticas que asseguram a saúde dos(as) idosos(as) tem um teor significativo na vida contemporânea dos(as) idosos(as), contribuindo, portanto na questão longeva da sociedade como um todo. E como já foi mencionado anteriormente, essas políticas precisa ser em sua instância ampliadas, sobretudo aperfeiçoadas dia após dia, para que assim possamos consolidar a saúde de qualidade para os(a) idosos(as).

3.3 Serviço de convivência fortalecimento de vínculos para idosos(as)

De acordo com Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDS), o SCFV está inserido na plataforma de Proteção Social Básica do Sistema Único da Assistência Social (SUAS) do qual é complementado com o trabalho social das famílias realizado através do Serviço de Proteção e Atendimento a Família (PAIF) e também do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado as Famílias e Indivíduos (PAEFI) que de acordo com o portal Pratein que aborda assuntos sobre Educação e Desenvolvimento Social salienta que o

PAIFI é um serviço de orientação e acompanhamento de famílias que possuem um ou mais indivíduos em situação de vulnerabilidade, como ameaça ou violação de direitos. O objetivo é preservar e fortalecer os vínculos familiares e com a comunidade e fortalecer a função protetiva das famílias.

O trabalho do PAEFI é em suma, identificar as famílias que possuem um mais pessoas com situações de vulnerabilidade social, como citado anteriormente pode ser como ameaça ou violação de direitos. O intuito é fortalecer os vínculos no âmbito familiar e com a sociedade, do qual possui um caráter protetivo às famílias. E ao que se refere o PAIF, segundo o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS):

O trabalho social com famílias do PAIF é materializado por meio de ações que convergem para atender determinado objetivo. As ações do PAIF devem ser planejadas e avaliadas com a participação das famílias usuárias, das organizações e movimentos populares do território, visando o aperfeiçoamento do Serviço, a partir de sua melhor adequação às necessidades locais, bem como o fortalecimento do protagonismo destas famílias, dos espaços de participação democrática e de instâncias de controle social. São ações do Serviço de Proteção e Atendimento

Integral à Família PAIF: • Acolhida; • Oficinas com Famílias; • Ações Comunitárias; • Ações Particularizadas; • Encaminhamentos.

De acordo com o Ministério de Desenvolvimento de Combate à Fome (MDS): “sugere-se que os grupos sejam compostos por cerca de 25 pessoas idosas, com uma variação de 15 a 30 participantes, sendo flexível para se adequar às condições de espaço físico, recursos humanos e demanda de usuários”. E sobre a articulação do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para as pessoas Idosas com o PAIF:

o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas – SCFVI deve ser desenvolvido em articulação com o PAIF. Ou seja, é o PAIF que identifica e realiza o encaminhamento das pessoas idosas para a inserção em SCFV e que acompanha as 37 famílias dos usuários do serviço, caso se encontre em situação de maior vulnerabilidade ou risco social. Desta maneira, os serviços devem ser desenvolvidos de forma integrada, articulada e complementar, sendo necessário um diálogo estreito entre os profissionais envolvidos.

Consideramos que o PAIF tem um papel crucial ao que se aos SCFV, pois através é através da articulação do PAIF com SCFV é que se torna possível identificar o perfil de cada participante do SCFV. Conforme com o Ministério de Desenvolvimento e Combate à Fome os Serviços de Proteção Social Básica são destinado às:

famílias em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, da falta de acesso aos serviços públicos, 34 da fragilização de vínculos de pertencimento e sociabilidade e/ou qualquer outra situação de vulnerabilidade ou risco social presentes no território. Especialmente em relação à pessoa idosa, a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais aponta que as ações do serviço devem contribuir no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de sociabilidades, no fortalecimento de vínculos familiares e do convívio comunitário e na prevenção de risco social.

Sobre a questão da participação do(as) idosos(as) ao grupo não é obrigatória, entretanto é necessário que haja um comprometimento quanto a participação ao SCFV, é importante que os(as) idosos(as) sejam pontuais, para que possam participar de todos os momentos do Grupo. Sobre esse mesmo aspecto o Ministério de Desenvolvimento e Combate à Fome, salienta: “O ideal é que as pessoas idosas ingressem no início dos encontros regulares, no Percurso I, e possam participar de todo o ciclo do serviço. No entanto, não há impedimento para entrada de usuários em outros momentos ou percursos.”. O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) é feito através de grupo com distintas idades e tipos, como, crianças, mulheres, adolescentes e idosos (as), com várias atividades, esportivas, fazem uma contribuição na esfera cultural, dinâmicas, passeios, palestras com

temas educativos, etc. Ao que se refere ao ingresso de novos participantes o Ministério de Desenvolvimento e Combate à Fome salienta:

É necessário definir, em conjunto com a equipe do PAIF, a rotina de inserção de novos usuários no serviço. Por exemplo, poderá ser definido que a inclusão de pessoas idosas no SCFVI será feita mensalmente, no primeiro encontro regular do mês. Deve-se estabelecer uma periodicidade de reuniões entre as equipes técnicas do SCFVI e do CRAS.

Segundo o MDS o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos “É uma forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais, coletivas e familiares.” Tem o objetivo de fortalecer os vínculos das relações familiares e Comunitárias e contribui para a troca de experiências e integração entre os participantes, dando uma visibilidade na valorização da vida coletiva. É, por sua vez pautado na prevenção dos direitos, defesa e afirmação e no desenvolvimento e capacidade dos usuários.

As unidades que ofertam são: Os Centros de Referências da Assistência Social (CRAS), ou nos Centros de convivência. E de acordo com a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Resolução CNAS n° 109/2009), os objetivos específicos do SCFV para idosos(as) são

Contribuir para um processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo; Assegurar espaço de encontro para os idosos e encontros intergeracionais de modo a promover a sua convivência familiar e comunitária; Detectar necessidades e motivações e desenvolver potencialidades e capacidades para novos projetos de vida; Propiciar vivências que valorizam as experiências e que estimulem e potencializem a condição de escolher e decidir. Isso contribuirá para o desenvolvimento da autonomia social dos usuários.

Observamos que o SCFV tem intuito de contribuir para a categoria de um envelhecimento ativo da população usuária, sobretudo de uma forma saudável e autônoma; Assegura o âmbito onde os grupos acontecem e promovem encontros intergeracionais com o objetivo de contribuir a convivência familiar e comunitária; identificam necessidades e motivações n intuito de fazer uma desenvolvimento de potencialidades e capacidades para novos projetos da vida do idoso; proporcionam vivências que valorizam as experiências portanto e estimulam a condição do poder de escolher e decidir. Todas esses objetivos contribuem diretamente para o desenvolvimento da autonomia social dos usuários.

O público que podem participar do SCFV para idosos, de acordo com a CNAS (2009): são pessoas com idade superior e/ou igual a 60 anos, idosos(as) beneficiário do

Benefício de Prestação Continuada, idosos de família que são beneficiárias dos benefícios de transferência de renda, e “Idosos com vivências de isolamento por ausência de acesso a serviços e oportunidades de convívio familiar e comunitário e cujas necessidades, interesses e disponibilidade indiquem a inclusão no serviço.” De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome existe a inclusão de usuários com idade inferior a 60 anos.

Em pesquisa realizada sobre os Centros de Convivência de Idosos (CCI) em 2010, coordenada pela Secretaria de Avaliação da Informação – SAGI, foi verificado que cerca de 15% dos usuários dos Centros possui menos de 60 anos de idade. A presença de pessoas com idade próxima, mas inferior ao parâmetro estabelecido pela legislação brasileira para a definição de pessoa idosa, propõe uma análise sobre a possibilidade da inclusão de outros grupos etários nas atividades de convívio do CCI, considerando a natureza dos serviços de Proteção Social Básica e a demanda existente no território.

Foi feita uma pesquisa no intuito de coletar informações sobre os perfis dos(as) idosos(as) e foi constatado que nos Centros de Convivência de Idosos(CCI) existem cerca que 15% dos(as) usuários(as) dos Centro tem idade inferior à 60 anos. Nesse sentido é importante mencionar que ainda de acordo com Ministério de Desenvolvimento e Combate à Fome: “Embora o Estatuto do Idoso classifique como idosos as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, é importante que esta definição não se torne um limite restritivo para a participação de usuários no SCFV.” Portanto, em hipótese alguma os Educadores Sociais poderão restringir a participação de pessoas com idade inferior a 60 anos. Ainda de acordo com Ministério de Desenvolvimento e Combate à Fome:

Assim, pessoas que ainda não atingiram a idade legal para ser considerada pessoa idosa podem estar vivenciando situações ou limitações físicas próprias desta faixa etária. Nesse sentido, ainda que exista uma faixa etária específica a ser atendida pelo SCFV para pessoas idosas, aquele que ainda não completou 60 anos, mas já enfrenta situações de fragilidade de vínculos, de autonomia ou de falta de acesso a direitos, poderá ser atendido pelos serviços, tendo em vista o seu caráter protetivo.

É importante assinalar que de acordo com o Ministério de Desenvolvimento e Combate à Fome, se faz necessário um estudo especificado da equipe do PAIF com SCFV para saber a se é a melhor opção incluir no SCFV ou se é pertinente transferi-lo(a) para outro grupo.

A Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais define algumas características sobre o SCFV, que precisa está pautado nesses seguintes aspectos: acolhida; Orientações e encaminhamentos; A atividade de informação; comunicação e defesa de

direitos; O fortalecimento da função protetiva da família; Mobilizar e fortalecer redes sociais de apoio; A elaboração de relatórios; Desenvolver o convívio familiar e comunitário é um dos objetivos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos; e Mobilização para a cidadania.

Por sua vez, o SCFV contribui diretamente e/ou indiretamente sobre os aspectos sociais, e até mesmo culturais, pois além das atividades que foram listadas acima, é proporcionado aos(as) idosos(as) chances de se desenvolverem, assim sendo, tornam-se atores ativos da sociedade.

No próximo capítulo iremos explicar a vivência dos(as) idosos(as) que participam do SCFV no Centro de Referência da Assistência Social(CRAS), localizado no bairro Bom Jardim. Iremos fazer uma análise desse grupo, no intuito de coletar informações sobre os aspectos relacionados as diferenças de gênero entre os(as) idosos(as).

4 A VIVÊNCIA DE HOMENS E MULHERES IDOSAS ATENDIDAS NO CRAS BOM JARDIM: ACHADOS DA PESQUISA DE CAMPO

4.1 Atribuições à velhice: apontamentos dos(as) Idosos(as) sobre os Significados Atribuídos à Velhice

Para iniciarmos essa discussão, iremos a priori, abordar as atribuições na qual os(as) idosos(as) fazem em relação a velhice, vamos abordar o que eles(as) de fato pensam sobre os aspectos que compõe a velhice, como eles(as) se sentem sendo designado pela sociedade como uma pessoa velha.

Na esfera em que é designado a atribuição dos significados da velhice para os(as) entrevistados, muitos(as) em suas falas, deixaram transparecer uma conotação negativa da velhice, onde em sua instancia, não é algo favorável. Muitos(as) disseram que não aceita a velhice, que a velhice para eles(as) é muito triste. Na maioria das vezes sentem-se desprezados(as). Fazem de tudo para não se “acomodar”, disseram que são ativos(as) e que a velhice para ele(as) não existe. Contudo, tiveram pessoas que disseram que a velhice é maravilhosa, sentem-se bem, tem mais liberdade, etc.

A velhice no contexto feminino pode nos remeter situações diferenciadas, comparada a situações dos homens. Muitas carregam entre si, o peso da viuvez, abandono, solidão. Vejamos o relato de uma idosa de 63 anos de idade, não é aposentada, sobrevive apenas com o benefício do Bolsa Família, no valor de 85 reais, solteira, não têm filhos e há 8 anos frequenta o CRAS

Ah, não é muito bom a velhice, não. Eu sei, a gente sai e tudo, mas pra ser sincera, eu não gostei muito da velhice, ela é muito triste. A gente quando é jovem todo mundo chama a gente pra passear, se divertir, eu digo de todo o meu coração pra você, eu não gosto da velhice. Eu não aceito a velhice, quando eu era jovem eu saía pra me divertir, “brincava” todo mundo abraça a gente... (choro) Não, eu não gostei da velhice. A terceira idade é a pior idade, eu acho que quando a pessoa é jovem é muito bom. Numa festa a jovem é uma princesa. Ah, eu acho muito lindo a pessoa ser jovem.

Como podemos observar, a velhice para a entrevistada citada acima se refere a algo negativo, de não poder se divertir da forma como gostaria, se sente rejeitada pela sociedade no segmento de não ser inclusa nos momentos de lazeres. Ela não aceita a forma como é tratada, pois ao dizer: “a gente quando é jovem, todo mundo chama a gente pra passear, se divertir, eu digo de todo coração pra você, eu não aceito a velhice” nos remete a pensar que se ela fosse

inclusa e/ou não fosse ‘tratada’ com indiferença por parte da sociedade, sem dúvida ela não se sentiria diferente, rejeitada, excluída.

Para reforçarmos esse pensamento Beauvoir (1970 apud MASCARO, 2004) salienta que “a pergunta de como deveria ser a sociedade para que o homem continuasse sendo homem quando envelhecesse: a resposta é simples: seria necessário que ele fosse sempre tratado como homem”. Isso sem dúvida contribuiria para uma não formação estereotipada da velhice. Pois, ao tratá-los(as) com diferença, ou até mesmo pensar que são seres incompetentes, lava-os(as) a crer que a velhice é algo triste, lamentável, sem perspectiva. Quando na verdade, essa diferença que a sociedade cria é que faz com que se sintam assim.

Em relação ao “tratamento” da sociedade sobre a questão da atribuição a velhice, podemos constatar com os relatos das entrevistas que a conotação negativa sobre a velhice é consequência de uma sociedade que tenta de todas as formas excluir todos os segmentos que compõem a velhice. Para exemplificar, vejamos um dos relatos que claramente salienta o tratamento da sociedade perante a velhice: “a idade vai passando e você vai envelhecendo, estou achando ótimo. Eu aceito a velhice, a gente sai, se diverte. O povo diz que velho é quem vive no fundo de uma rede, doente, não vale mais nada. E eu faço minhas atividades, tenho saúde, trabalho”.

Quando a entrevistada relata: “O povo diz que velho é quem vive no fundo de uma rede, doente, não vale mais nada.” podemos concluir que o que ela atribui a velhice, é reflexo e/ou consequência da visão enviesada da sociedade ao que se refere à velhice.

Segundo apontamentos de uma das entrevistadas de 66 anos, aposentada, viúva, mora só, tem 1 filho, trabalha com vendas e frequenta o SCFV há 8 anos. A atribuição que ela coloca sobre a velhice também tem um teor negativo. Ela disse: “pra mim não existe velhice não, velhice pra mim já era, é chato esse negócio de velhice, num é muito bom não, a pessoa viver nas mãos dos outros, não, num da certo não. Não aceito a velhice, velho pra mim é pano de chão, é a estrada do Maranguape. [...] mas, apesar de tudo eu me amo”.

Vejamos que se repete a negação sobre a velhice, fazem de todas as formas para que a velhice seja algo despercebido, há também uma não aceitação sobre todos os aspectos que compõe a velhice. Quando a entrevistada diz: “[...] É chato esse negócio de velhice, num é muito bom não, a pessoa viver nas mãos dos outros..” Mais uma vez a velhice é colocada como um peso, sobretudo como um aspecto negativo, sem valor moral, é visto como algo

triste, sem importância. Isso leva-nos a refletir que a velhice também é encarada como perda da autonomia.

Articulando ao que os homens idosos responderam ainda sobre a questão da atribuição a velhice, o entrevistado de 71 anos, aposentado, casado, mora com a esposa e 1 filho assinalou: “eu não me entrego a velhice não, pra mim a pior coisa que tem é a velhice. São esses(as) que se entrega a velhice, que fica em casa totalmente parado, sem fazer nada. E eu não sou assim. Eu não me entrego e não aceito a velhice, não”.

Percebemos que a velhice para ele também é considerada algo ultrapassado, é também consequência de uma pessoa de uma pessoa incapaz de fazer atividades corriqueiras da vida, onde também pode está relacionado com as questões de saúde. Contudo, o outro entrevistado de 71 anos, mora com a esposa e 1 filha, é aposentado e trabalha com reciclagem, participa do SCFV há um mês. Ele tem uma visão totalmente diferente da velhice, ele relatou: “a velhice pra mim é o começo de uma renovação, é como se tivesse sendo criança de novo, eu me sinto tão satisfeito com a minha velhice que é como se eu fosse um rapaz de 15 a 20 anos”.

A velhice é encarada na maioria das vezes como algo ruim, triste, solitário, entretanto há quem pense diferente, como foi o caso do entrevistado citado anteriormente. Certamente é algo dialético, sobretudo heterogêneo, onde cada um interpreta sua forma particular de ser idoso(a).

Ao que tange a atribuição da velhice para os homens idosos, a maioria dos entrevistados, diferentemente das mulheres, eles relataram que a velhice é algo bom, é um início de um novo ciclo, e não se sentem velhos, sentem-se como uma criança ou um rapaz. Diante dessas afirmações, nas entrelinhas desses relatos, podemos concluir que eles não carregam o peso de uma velhice rejeitada, em via de regra, podem envelhecer sem a busca incessante da juventude para serem aceitos, como as mulheres, na sociedade.

Em suma, embora eles tenham relatado que a velhice é maravilhosa, que é um início de um novo ciclo, eles também fizeram uma atribuição negativa, quando disseram: “eu não me sinto velho, sinto-me como um jovem ou criança” ou seja, a velhice é negada, ignorada, não abertamente, mas nas entrelinhas.

E para reforçarmos o que foi posto anteriormente, Mascaro (2004 apud BEAUVOIR, 19970) semelhantemente salientou “o envelhecimento e a velhice aparecem com maior

clareza aos olhos dos outros do que aos olhos de nós mesmos”. E isso se torna totalmente verídico ao nos depararmos com as respostas dos entrevistados(as) em relação a velhice. Sobre o mesmo assunto Mascaro ainda diz:

Perceber de repente o próprio envelhecimento, tomar conhecimento de que o tempo também urdiu e teceu suas tramas em nosso corpo, pode ser uma experiência marcante. Inúmeras vezes podemos sentir a vaga sensação de não termos idade alguma, de estarmos situados numa espécie de limbo, do qual somos içados meio abruptamente pela mão do outro (MASCARO, 2004, p.36).

Vejamos o relato de outro entrevistado com 65 anos, viúvo, tem dois filhos e faz “bico” como padeiro, ele semelhantemente abordou: “Pra mim não existe velhice, meu espírito é de uma criança, pra mim não sou velho. No meu pensamento eu não sou idoso, eu sou uma pessoa versátil, gosto de dançar, danço de tudo.” Aqui podemos citar as questões subjetivas da velhice, onde cada um tem uma forma diferente de expressá-la. Por isso a importância de não homogeneizarmos algo que é expresso de diversas formas. Para reforçar o que foi discutido anteriormente, Debert (2012) salienta:

Estágio de maturidade é, portanto, diferente de ordem de nascimento, posto que, apesar da diferença na data de nascimento, as pessoas podem estar autorizadas a realizar atividades próprias a um determinado grupo de idade, pode compreender indivíduos nascidos há 10 ou 20 anos. O ritual de passagem de um estágio para outro não se orienta pela idade cronológica dos indivíduos, mas pela transmissão de um status social, como poder e autoridade jurídica, cujo momento de transmissão depende, na maioria das vezes, da decisão dos mais velhos (DEBERT, 2012, p. 46)

O que foi citado anteriormente implica-nos a pensar que a cultura² influencia diretamente no autorreconhecimento da velhice, como foi falado anteriormente, cada um tem uma maneira diversificada de expressar a velhice, levando em consideração todos os aspectos, tais como: psicológico, cultural, social etc.

Ainda ao que se refere à atribuição da velhice para os homens, a minoria relataram claramente a sua rejeição em relação aos aspectos da velhice. Vejamos a descrição do relato de um dos entrevistados com 72 anos, aposentado, casado, mora com a esposa e 1 filho e não realiza nenhuma atividade profissional: “ Eu não gosto da velhice não, pra mim é ruim demais a pessoa ser velho.” De acordo com o relato posto anteriormente, podemos constatar

² De acordo com Santos(2006):

Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida a seu idioma. (SANTOS, 2006 p. 21 -22)

diretamente a total negação de todos os segmentos da velhice, atribuindo uma conotação completamente pejorativa, e na sua visão, as pessoas velhas não têm capacidade de viver bem, de serem ativos. Além de toda negação, há também uma não aceitação.

Isso implica-nos a pensar que as pessoas vivem numa busca incessante de se manterem sempre jovens, quando em suma, não é e nunca será possível, pois a partir do momento em que somos gerados passamos a envelhecer, e precisamos de uma vez por todas, desconstruir todos os aspectos e conotações negativas sobre a velhice. Pois é um processo natural da vida e é, pois a partir da aceitação é que se pode vivenciar uma velhice benéfica em todos os aspectos da vida.

E ao que tange o processo de envelhecimento na sociedade atual se faz relevante citarmos os papéis entre os sexos nos quais são divergentes e precisam ser analisadas e sobretudo discutidas.

4.2 As diferenças sociais entre o(a) homem e a mulher idosa

Iremos agora discutir os achados da pesquisa ao que tange os apontamentos dos(as) entrevistados(as), a princípio, com os relatos das mulheres idosas, em seguida, com os dos homens idosos.

4.2.1 “O homem é homem, né minha filha?”: relatos das mulheres idosas sobre as diferenças sociais

Sobre as diferenças sociais entre o homem e a mulher idosa, podemos constatar que há diferenças, essas diferenças precisam ser discutidas, entendidas na base profunda de cada caso, levando em consideração as diferenças de gênero na sociedade, que por sua vez, ao chegar na velhice a sociedade os(as) homogeneízam, sendo que, a velhice em sua instancia não pode e não deve ser singularizada. Vejamos a seguir as características ao que tange as diferenças sociais entre o homem e a mulher idosa de acordo com os relatos dos(as) entrevistados(as) dessa pesquisa.

Para iniciarmos a discussão sobre as diferenças sociais entre o homem e a mulher idosa, é relevante citarmos a situação da população idosa no recorte feminino na sociedade.

De acordo com o IBGE (2010) o número de mulheres idosas no Brasil é superior ao número de homens, as mulheres representam cerca de 54,8% da população, e os homens 44,2%. A expectativa de vida do homem é inferior ao da mulher, ou seja, as mulheres vivem mais, 77 são os anos que em média as mulheres vivem e 69 os homens. Segundo Nicodemo (2010):

As mulheres constituem a maioria da população idosa em todas as regiões do mundo, sendo que em 2002 existiam 678 homens para cada mil mulheres idosas no mundo. É bem maior o número de mulheres idosas e este índice aumenta nas últimas faixas etárias da vida. Ou seja, quanto mais alta a faixa etária, maior será a proporção de mulheres [...] Entretanto, viver mais não é sinônimo de viver melhor, já que as mulheres acumulam no decorrer da vida desvantagens (violência, discriminação, salários inferiores aos dos homens, dupla jornada e outros) e ainda têm mais probabilidade de serem mais pobres do que os homens e dependerem mais de recursos externos, [...] Acreditamos que as desigualdades por sexo promovidas pelas condições estruturais e socioeconômicas em muitas situações alteram inclusive as condições de saúde, renda e a dinâmica familiar e têm forte impacto nas demandas por políticas públicas e prestação de serviços de proteção social (NICODEMO, 2010, p.41).

De acordo com a citação acima, compreendemos que o fato da longevidade do sexo feminino ser superior à do sexo masculino não anula a dificuldade existencial na vida da mulher, como o autor diz: “viver mais não é sinônimo de viver melhor, já que as mulheres acumulam no decorrer da vida desvantagens (violência, discriminação, salários inferiores aos dos homens, dupla jornada e outros).” De acordo com essas afirmações podemos constatar que é uma situação completamente verdadeira, ao que se refere a realidade e vivência das participantes da pesquisa.

A priori, antes de começarmos com a descrição e interpretação dos relatos das mulheres idosas podemos verificar que infelizmente o machismo é fortemente vivenciado na velhice, principalmente nos lugares públicos, onde na maioria das vezes, as mulheres necessitam em via de regra, se manterem jovens para serem escolhidas pelos os homens.

Segundo os apontamentos das mulheres idosas, os homens são mais seletivos, procuram sempre se relacionarem com as mulheres mais novas, mesmo sendo idosos. Para exemplificar o que estamos discutindo, vejamos o relato de uma das mulheres idosas com 65 anos de idade, não é aposentada, sobrevive apenas com o benefício do Bolsa Família no valor de 85 reais, solteira, não têm filhos e há 8 anos frequenta o CRAS:

“O homem é homem, né minha filha? Acho que pra eles está tudo beleza, e para a mulher é diferente. O homem é mais “saído” mais conversador, se diverte vai para os cantos, vai para os forrós e só quer dançar com as mulheres novas. A mulher é mais tímida, tem vergonha, não muito quanto o homem. Agora nem todas, tem muitas de idade que sai muito, quer ser jovem. O homem eu acho que eles não se

sentem desprezados não, eu acho que é mais a mulher. A mulher é mais desprezada do que os homens.” Numa festa os velhos só querem dançar com mulheres mais novas, são “banqueiros” Os homens são mais exigentes. A conduta é diferente, toda vida o homem sempre se achou mais do que a mulher.

De acordo com o relato citado anteriormente, podemos observar que a visão da mulher idosa na sociedade ainda é classificada como algo inferior ao homem, onde os homens socialmente são mais seletivos, saem mais, são mais desinibidos. Quando a entrevistada relatou: “o homem eu acho que eles não se sentem desprezados, não, eu acho que é mais a mulher.” Isso acarreta situações diversificadas entre o gênero masculino e feminino, levando em consideração os aspectos de pobreza, e solidão.

Como descrito anteriormente, o machismo é fortemente vivenciado, com nuances claras, onde as mulheres são, por sua vez, rejeitadas, carregam entre si, o peso da solidão do abandono. E a inferioridade em relação aos homens é encarada de uma maneira natural, elas acham que a submissão ao homem é algo norma. E ao que se referem aos aspectos estéticos, elas não são inclusas aos padrões de beleza, pois esses padrões, em suma, não incluem a velhice.

Para complementar o que estamos abordando, vejamos o que Mascaro (2004) salienta: “A sociedade contemporânea ainda hoje revela seus estereótipos e preconceitos em relação à mulher idosa, que ainda é menos prestigiada e tratada com menos benevolência do que o homem idoso.” E isso traz diversas consequências, em relação a não aceitação à velhice, a solidão, e até mesmo depressão. Mascaro (2004) ainda aborda:

Ninguém quer ser ou parecer velho, e um dos maiores elogios que se pode fazer a uma pessoa é justamente dizer que ela parece ser mais jovem do que a idade que tem. [...] O adiamento da velhice está na moda e se tornou uma verdadeira obsessão. Basta ler os jornais, assistir à TV, para perceber que o assunto rejuvenescimento mobiliza a atenção e a emoção do público. Os títulos das notícias e reportagens de divulgação científica usam frases que podem emocionar o leitor e estimular sua imaginação, despertando seus sentimentos e temores mais recônditos em relação ao envelhecimento e à morte (MASCARO, 2004 p. 21-22) .

De acordo com a citação acima, na sociedade contemporânea, ninguém que ser idoso(a), excluem e/ou tentam ignorar os aspectos que envolvem a velhice. E segundo Mascaro, o adiamento da velhice está na moda, e está se tornando uma obsessão, principalmente ao recorte feminino, elas tentam de todas as maneiras excluir ou deixar passar despercebido algo que é inerente ao ser humano, fazendo uso dos procedimentos estéticos, dos produtos de beleza que promovem o rejuvenescimento. E como citado por Mascaro 2004,

um dos maiores elogios que se pode fazer a uma pessoa é justamente dizer que ela aparenta ser mais jovem.

Diante dessa realidade, e também pelo o que foi relatado pela entrevistada, podemos concluir que a mulher carrega entre si fortemente o peso da indiferença, solidão, abandono. Podemos constatar também, que infelizmente o machismo predomina. Quando a entrevistada disse: “o homem é homem, né? [...] A conduta é diferente, toda vida o homem sempre se achou mais do que a mulher.” É importante citar que a entrevistada tem 65 anos, nos compete dizer, que de acordo com a visão da entrevistada, durante toda a sua existência de vida, o homem sempre esteve no patamar superior ao da mulher. Mesmo diante de toda a luta das mulheres, mais especificamente o feminismo, ainda podemos visualizar cenas marcadas fortemente pelo machismo, sobretudo na velhice.

Ainda sobre o relato da entrevistada de 65 anos, ela afirmou abertamente, e muito segura de si, que a conduta do homem e da mulher idosa na sociedade contemporânea, é diferente, por todos os aspectos que já foram mencionados, todavia houve pessoas que classificaram essa diferença à algo relacionado a subjetividade, onde as pessoas tem uma forma única de viver, sobretudo de expressar a velhice. Entretanto é pertinente percebermos que apesar da relação subjetiva, há diferenças sociais sobre os aspectos de gênero.

Semelhantemente ao que foi apontado pela entrevistada anterior, outra idosa de 68 anos de idade, não aposentada, solteira, mora só, teve dois filhos, mas já morreram, trabalha como cozinheira e frequenta o CRAS há 3 anos, disse:

Tem muita mulher que vive aí na luta, trabalhando, e os homens vivem em casa, quando não é em casa, é no bar bebendo e quando chegam ainda bate na mulher, e elas escondem. Já presenciei muito isso, mas fico calada. [...] As vezes numa festa, os homens ficam olhando, escolhendo quem é a melhor, quem é a pior.”[...] Mas graças a Deus eu era a escolhida. Os homens são mais banqueiros do que as mulheres, eles mentem também, na festa dizem que são solteiros, quando pensa que não, as velhas chegam na festa. Por causa disso já presenciei duas brigas. Eles escolhem as mulheres mais novas, mesmo sendo idosos também. Hoje em dia as velhas não se valorizam, hoje em dia andam é se oferecendo.

Podemos visualizar diante do que foi posto pela entrevistada, mais uma vez a presença do machismo. Quando a entrevista diz: “As vezes numa festa, os homens ficam olhando, escolhendo quem é a melhor, quem é a pior. [...] os homens são mais ‘banqueiros’ do que as mulheres.” As mulheres até mesmo na velhice se encontram na posição de serem escolhidas, precisam, em via de regra, se manterem jovens, e com isso vivem a mercê das

escolhas masculinas. O exemplo bem claro, sobre as diferenças sociais, sobre os aspectos relacionados à estética, o homem no processo de envelhecimento, tanto o homem quanto a mulher passam por transformações corporais, entretanto, essas transformações não são vistas na sociedade da mesma forma.

Para exemplificarmos podemos citar algumas situações, tais como: se porventura o deixar seu cabelo ficar grisalho, ele é visto e/ou considerado como um homem charmoso, todavia se a mulher decide deixar seu cabelo grisalho, sem o uso de produtos de tingimento, essa por sua vez, é considerada desleixada, sem vaidades, fazem logo o uso dos estereótipos com classificações enviesadas sobre os aspectos que envolvem a velhice feminina.

Ainda ao que se refere a visão da mulher idosa sobre as diferenças sociais entre o homem e a mulher, ainda tivemos relatos relevantes em relação as diferenças. Uma das entrevistadas disse: “A mulher é mais caseira, tem o que fazer em casa, tem filhos, roupas pra lavar, tem tudo pra fazer... o homem nem tanto, vai pro seu trabalho, quando não, fica em casa sem fazer nada, e em casa encontra tudo feito e vai pra onde quer. A mulher é mais sofrida” Ainda podemos constatar, diante desse relato, que o papel da mulher idosa na sociedade é vista como um peso, sobrecarregada de valores negativos.

E os papeis entre os sexos das pessoas na sociedade em relação ao trabalho também é diferente. Para melhor explanarmos, vejamos a citação de Magalhães que se refere às divisões sobre as classes sociais e as divisões sexuais na sociedade:

Além de divisões em classes sociais, há também uma divisão sexual do trabalho que é afetada pelas relações de apropriação do trabalho alheio. A nosso ver, gênero e classe social não se excluem; ao contrário, complementam-se sob a determinações das relações de classe. No entanto, grande parte das mulheres aparece como se não fizesse parte da classe trabalhadora. Essa barreira social e cultural é sempre justificada por questões da natureza biológica da mulher, voltada para a reprodução biológica: gestação, parto, aleitamento. Em decorrência do tratamento que põe a mulher como fazendo parte fundamentalmente da ordem da natureza (reprodução), É comum interpretar que ela tenha como função natural cuidar do âmbito doméstico. Portanto, institucionaliza-se a imagem da mulher como zeladora do lar, esposa e mãe, devotada a família, fazendo-a assumir os serviços domésticos de manutenção da vida, como alimentar e socializar os filhos, de modo paciente, ou, mesmo, produzindo sentimento de culpa quando não é possível realizar tais tarefas tidas como naturalmente “próprias” de sua condição de mulher (MAGALHÃES, 2006, p. 4).

Como verificamos anteriormente, grande parte das mulheres aparecem como se não fizessem parte da sociedade, negando-lhes o direito de escolha, e apenas reproduzindo aquilo que foi posto na sociedade como algo preferível e exclusivamente a elas, como os afazeres domésticos, a questão da reprodução de filhos, aleitamento, ser esposa, e ainda exerce a

função de cuidar do marido e quando não consegue praticar essas funções é produzido um sentimento de culpa.

A velhice feminina é muito mais difícil, e precisa ser levado em consideração, o peso da viuvez, do abandono, da pobreza, do desamparo. As mulheres idosas precisam de uma atenção maior do poder público e, sobretudo da família. Para complementar o que estamos discutindo sobre a velhice no recorte feminino, Mascaro (2004) diz:

A existência de um maior número de mulheres na fase da velhice tem consequências importantes no plano das responsabilidades familiares. A viuvez faz com que a tarefa da fique mais pesada, cabendo a ela cuidar dos filhos, e muitas vezes dos netos e inclusive da própria mãe. Pobreza, viuvez, solidão são problemas sociais significativos entre a população de mulheres idosas e por isso a mulher necessita de muita atenção, orientação e preparação na fase do envelhecimento (MASCARO, 2004 p. 87).

Concordamos completamente com a citação de Mascaro, a mulher precisa se preparar para a fase do envelhecimento, haja vista do processo de envelhecimento que é algo natural, e que não há nenhuma possibilidade de interromper esse ciclo na qual é inerente à vida.

Outra participante da entrevista relatou algo benéfico ao que se refere a velhice feminina, ela disse: “As mulheres são mais ativas, procuramos viver mais, a gente se cuida mais, e eles ficam quieto, e faz é brigar com as mulheres porque saem de casa, mas não é, as mulheres procuram é viver mais, praticam atividades físicas, somos mais ativas, atiradas, mais espertas.”

E sobre esse relato há uma fundamentação teórica, já foi comprovado de acordo com os dados do (IBGE,2010) que as mulheres, de fato, vivem mais, e isso se dá devido ao cuidado com a saúde, com a prevenção de doenças, com prática de atividades físicas, etc. Conseqüentemente a esse cuidado com a saúde, as mulheres passam a ter um percurso de vida mais prolongado do que o homem. Ainda de acordo com Mascaro (2004):

A existência do maior contingente de mulheres na velhice tem várias explicações: a redução da mortalidade materna, resultado das melhores condições de saúde e da queda de fecundidade; a mortalidade diferencial por sexo, com uma diferença de sete a nove anos favorecendo as mulheres na expectativa de vida, e a existência ainda hoje no Brasil, de uma norma que faz com que o homem se case com uma mulher mais jovem do que ele. Outras hipóteses que podem explicar a predominância das mulheres na fase da velhice são a menor exposição a risco de acidentes de trabalho; o menor consumo de tabaco e álcool; a maior atenção e informação em relação aos sintomas das doenças; e também a maior constância na procura dos serviços de saúde (MASCARO, 2004 p.86-87).

Conforme dito anteriormente o motivo pelo qual a mulheres vivem mais são: a menor exposição a risco de acidentes de trabalho, o menor consumo de drogas e bebidas, e, sobretudo elas têm mais atenção sobre a questão da preservação de doenças e também são mais assíduas nas consultas médicas e na procura de serviços de saúde.

Segundo relatos de uma das entrevistadas: “Nós mulheres temos um comportamento mais educativo, sabemos cumprimentar as pessoas. [...] as mulheres são mais ativas, saem mais.[...] mas esses são homens grosseiros, fechados, tem uma prepotência monstra.” Ela também ressalva em sua fala que acha que as mulheres são mais ativas, saem mais, e ainda disse que são até mais educadas que os homens.

Diante do que foi posto pelos(as) entrevistados(as) em relação a mulher ser mais ativa que homem, nos remete a pensar sobre a questão dos números de participantes do SCFV do Bom Jardim. Um número totalmente distinto, e sem dúvida é um fator questionador, porque atualmente existem 86 idosos(as) inscritos, 75 no sexo feminino e apenas 11 do sexo masculino. Ao que foi observado nas visitas ao SCFV as mulheres são bem mais participativas, falam mais, são bem mais atentas as atividades. Os homens além de serem a minoria eles pouco participam menos das atividades.

Então, diante do que foi apontado por nossas entrevistadas, concluímos que as diferenças sociais existem, e infelizmente ainda é marcada fortemente pelo machismo. Em suma, essas diferenças são nada mais do que consequência de uma cultura patriarcal, onde o homem se manteve a frente das mulheres por muito tempo, e essa herança geracional implica nas questões sociais vivenciadas atualmente.

4.2.2 “O homem é como se fosse um “bicho” brabo do mato”: relatos dos homens idosos sobre as diferenças sociais entre o homem e a mulher idosa

Para iniciarmos as discussões sobre as questões que envolvem as diferenças sociais entre o homem e mulher idosa, teremos por base os relatos dos entrevistados dessa pesquisa. A priori relataram que existem diferenças, e essas por sua vez, estão relacionadas com as questões subjetivas onde cada um tem uma forma diferente de ser e agir. Contudo, a maioria relataram abertamente algumas diferenças sociais que são pertinentes, portanto iremos descrever todos os detalhes a seguir. O primeiro entrevistado de 71 anos, mora com a esposa e uma 1 filha, aposentado trabalha com reciclagem e participa do grupo há um mês disse:

Pra mim não tem diferença não. Não tem por uma razão: as diferenças entre os idosos não tem razão porque todo mundo são iguais, e ainda tem mais uma, cada mulher é diferente uma da outra e cada homem é diferente um do outro... Agora na sociedade o tratamento é diferente, as pessoas não trata a gente como é pra ser, uns tem problemas de desigualdade, outros querem ser maior que os outros.

Entendemos que nas questões físicas, na visão do entrevistado acima que todos são iguais, entretanto quando se trata das questões subjetivas, sobretudo no âmbito social há diferenças. E ainda de acordo com a visão dele, a sociedade por sua vez, os(as) tratam com desigualdade. Quando o mesmo foi indagado sobre a questão da conduta do homem e da mulher idosa na sociedade, ele relatou:

Não é igual, a mulher tem uma conduta diferente, a mulher pensa de um jeito, e o homem pensa de outro... A mulher tem seus trabalhos, suas diversões. Mas o homem sai mais, e a mulher fica mais em casa, abandonada. Não tem nem comparação, o homem é como se fosse um “bicho” brabo do mato, o homem é um “bicho” mais cruel. A mulher quando envelhece, o homem acha que ela não presta mais pra nada, e deixa abandonada em casa e não acha que ela foi uma “peça” fundamental para o homem. A mulher na vida do homem é muito importante.

O entrevistado citado anteriormente aborda abertamente diversas questões pertinentes na sociedade contemporânea, a primeira delas foi a questão do reconhecimento sobre as diferenças sociais entre os sexos, o segundo aspecto relevante se configura sobre a percepção da conduta feminina na sociedade, além dos fatores negativos em relação às mulheres, sobre fato de acharem que a velhice para elas é mais difícil porque carregam entre si o peso do abandono, e vale ressaltar que essa percepção se fez real nos próprios relatos das mulheres entrevistadas, contudo ele aponta questões determinantes ao dizer: “[...] a mulher quando envelhece, o homem acha que ela não presta mais pra nada, e deixa abandonada em casa e não acha que ela foi uma ‘peça’ fundamental para o homem. A mulher na vida do homem é muito importante.” Isso implica-nos a pensar sobre a questão da valorização, sobretudo do reconhecimento da mulher nas relações sociais. E sobre a frase: “o homem é como se fosse um “bicho” brabo do mato, o homem é um “bicho” mais cruel.” Nos chamou bastante atenção quando ele citou essa frase, pois ele se referia ao próprio sexo, deixando claro que a conduta do homem não tem comparação com a conduta da mulher na sociedade, na visão dele o homem é mais cruel e até fez uma comparação do homem a um bicho do mato.

Partindo para outro ponto de vista, ou seja, outro entrevistado com 74 anos, aposentado, viúvo, mora com a esposa, tem dois filhos e frequenta o grupo há um ano, ele relatou: “Eu acho que não tem diferença, o tratamento é igual. Quase tudo igual, mas a mulher

tem mais consideração da família, tem mais respeito. Em certos pontos a mulher é mais bem tratada que o homem”. E diante disso, podemos constatar que as diferenças na sociedade entre o homem e a mulher idosa se configuram de uma forma clara, todavia, há quem discorde, como foi o caso do entrevistado anterior, contudo, como podemos verificar ele finalizou concordando que as diferenças existem.

De acordo com a percepção do entrevistado acima, podemos interpretar que as relações sociais e, sobretudo ao que se as diferenças sociais, ele não consegue visualizar diferenças, para ele a conduta na sociedade entre o homem e mulher é a mesma, entretanto ele finalizou dizendo que no âmbito familiar a mulher idosa é mais bem tratada, tem mais aparato e mais respeito.

Diante desse relato, podemos verificar que também há diferenças no âmbito familiar ao que tange o segmento da população idosa atualmente. E isso nos compete dizer que a vivência e/ou relações de parentesco contribui diretamente nos aspectos sociais e na vida dos(as) idosos(as).

De acordo com o relato de outro entrevistado, vale lembrar que é sobre o mesmo viés, ele tem 65 anos, aposentado, tem 3 filhos, e frequenta o SCFV há 4 anos. Ele abordou: “A conduta não é igual, a mulher idosa é muito diferente do homem, na vida, no dia a dia. Antigamente a mulher só cuidava dos serviços de casa, hoje em dia elas têm os serviços de fora. Os homens são mais caseiros, as mulheres saem mais”.

O entrevistado anterior, claramente aborda seu relato apontando as diferenças existentes na sociedade, para ele as mulheres são mais ativas, no sentido de saírem mais. O entrevistado aborda também, as questões sobre as mudanças em relação à conduta das mulheres na sociedade, porque atualmente as mulheres podem exercer outras atividades, além dos afazeres de casa, e ele abordou isso com uma resistência. Disse que hoje em dia as situações mudaram e por conta disso as mulheres têm opções de saírem mais. Ele finaliza dizendo que os homens são mais caseiros.

De acordo com a visão de outro participante da pesquisa, possui tem 71 anos, aposentado, casado, mora com a esposa e 1 filho e não realiza nenhuma atividade profissional. Ele disse que sim, há diferenças, essas diferenças se assemelham com os relatos abordados anteriormente por um dos entrevistados. Ele disse: “A mulher é mais “quente”, a mulher é mais ativa, tem mais sabedoria do que o homem. A mulher é mais inteligente que o homem.”

Ou seja, há uma semelhança com o relato posto anteriormente quando ele diz: “ a mulher é mais ‘quente’, mais ativa.” De acordo com o contexto da entrevista, ele quis dizer que as mulheres são abertas às relações sexuais, e quando ele disse mais ‘ativa’ quis se referir a sair mais, a cuidar melhor da saúde, praticam atividades físicas, saem mais. Vale ressaltar que os homens também fazem as mesmas atividades, entretanto as mulheres se sobrepõem.

Ainda sobre o relato do entrevistado anterior, ele finaliza dizendo que as mulheres em relação à intelectualidade, elas são bem mais inteligentes que os homens. E sobre essa afirmação e/ou percepção não foi apenas de um entrevistado, dois ou três, falaram o mesmo. Afirmaram em suas falas que as mulheres são mais cuidadosas, inteligentes e atenciosas.

Partindo para o próximo participante com 65 anos, viúvo, tem dois filhos e faz ‘bico’ como padeiro. O entrevistado fez uma vasta contribuição com sua fala ao afirmar:

Cada pessoa é diferente e essa diferença ta no psicológico, depende da pessoa, mas os direitos são iguais tanto para homem quanto para a mulher. Os homens são diferentes das mulheres, todo homem é safado. A mulher é mais fiel e mais virtuosa, o homem é sebooso, desleixado... A mulher é mais cuidadosa, existe aquele ditado: ‘mulher no volante, perigo constante’ isso é mentira, é conversa pra boi dormir, mulher é mais cuidadosa, antes do sinal, dois quarteirões ela já tá atenta, o homem não, as mulheres são mais inteligentes, intelectuais e quanto mais o tempo passa mais experientes elas ficam.

Entendemos que o entrevistado quis dizer que há diferentes formas de viver, sobretudo de envelhecer. As circunstâncias subjetivas de cada indivíduo perpassa a igualdade, cada ser humano é único e possui sua particularidade, assim sendo, os aspectos que compõe a velhice são vivenciadas de uma forma diversificada por cada pessoa. Por isso a importância de estudarmos essas particularidades com afinco no intuito de tentarmos desconstruir essa ideia enviesada, homogeneizada e estereotipada sobre a velhice. Para complementarmos, segue abaixo a citação de Olina (2006)

[...] Sabemos que nem tudo são rosas neste reino, ou poderíamos dizer que as rosas ainda são pequenos botões à espera de cuidados que possam transformá-los em lindas flores. Mas, para tudo há um começo. Por enquanto, basta sabermos que, dentro das limitações que o envelhecimento nos impõe, é possível pensarmos e agirmos como jovens ou como velhos, de acordo com o modo como vivenciamos os acontecimentos (OLINA 2006, p. 14).

Compreendemos que independente da situação ou limitações postas aos sujeitos da velhice não impedem de agir ou pensar como jovens ou como velhos. Semelhantemente a esse contexto Beauvoir (1970) salienta:

O que torna a questão complexa é a estreita interdependência desses diferentes pontos de vistas. Sabe-se hoje que é abstrato considerar em separado os dados fisiológicos e psicológicos: eles se impõem mutuamente. Veremos que, na velhice, essa relação é particularmente evidente: ela é por excelência, o domínio do psicossomático. Entretanto, o que achamos a vida psíquica de um indivíduo só se pode compreender à luz de sua situação existencial; esta última tem também, repercussões em seu organismo; e inversamente: a relação com o tempo é vivida diferentemente, segundo um maior ou menor grau de deterioração do corpo (BEAUVOIR, 1970 p.15).

Entendemos que é crucial as questões psicológicas, e precisa em via de regra, que seja levada em consideração para que assim tenhamos resultados consideráveis sobre os aspectos relacionados à vida dos(as) idosos(as).

Para finalizarmos os relatos dos entrevistados sobre a questão das diferenças sociais entre o homem e a mulher idosa, vejamos o relato do participante que é aposentado, tem 72 anos de idade, casado, mora com a esposa, tem quatro filhos, trabalha com eventos e há 10 anos participa do SCFV. Ele abertamente explanou sua opinião:

A mulher é uma parte sofrida, o homem trabalha, mas o homem trabalhando ele fortalece tudo dele, e a mulher com o trabalho de casa traz a fraqueza pra ela. Tem mulher que teve 10 ou 8 filhos, uma mulher daquela está acabada, sofrida mesmo. Não acompanha mais o ritmo de sexo. O homem se ele não se entregar à vícios, ele será ativo até os últimos dias de vida. A mulher não, ela pega cada “abacaxi” e não pode mais fazer sexo. É pra ser igual, agora tem muitas coisas que acontece na terceira idade entre o homem e a mulher que são diferentes porque tem muitos homens que não pensa que a mulher ainda é “companheira” dele, as vezes acha a mulher chata, briga com a mulher, quer dá na mulher, e isso se torna uma má conduta da parte do homem. O homem é quem puxa a “carruagem” o homem fazendo o que é certo, a mulher não vai fazer nada de errado.

Diante do que foi posto acima, podemos observar a presença do machismo fortemente colocada na fala do entrevistado, levando em consideração a sua idade, onde seus valores e princípios estiveram fortemente ligados à questão do patriarcalismo, onde os homens por sua vez, eram considerados chefes de família, responsáveis pelos filhos e pela esposa. E essa cultura ainda é fortemente reproduzida pelos os idosos, apesar de todas as mudanças na sociedade e, sobretudo ao que se refere as conquistas das mulheres nos aspectos profissionais, educacionais, e até mesmo no âmbito familiar. Os idosos da contemporaneidade reproduzem o mesmo pensamento, e atitudes. Quando o entrevistado diz: “A mulher é mais sofrida, o homem trabalha, mas o homem trabalhando ele fortalece tudo dele, e a mulher com o trabalho de casa traz a fraqueza pra ela” Entendemos que ele quis dizer que o trabalho que a mulher exerce em casa é bem mais ‘pesado’ do que o trabalho do homem. E consequentemente, as mulheres acarretam consigo vários problemas as deixando frágeis diante das situações.

Ele cita também que as mulheres quando chega a velhice não tem mais condições de ter uma vida sexualmente ativa, pois ele acha que essa parte foi fortemente afetada pelas questões das diversas gestações. O entrevistado disse: “[...] Tem mulher que teve 10 ou 8 filhos, uma mulher daquela está acabada, sofrida mesmo. Não acompanha mais o ritmo de sexo”. Na visão dele o apetite sexual se perde em consequência das gestações vivenciadas na juventude. E para ele, o fato do homem não gerar vidas, se eles se cuidarem serão, portanto, ativos até a morte.

Ele finaliza seu relato com uma frase fortemente fundamentada com as questões machistas, ao dizer: “O homem é quem puxa a “carruagem” o homem fazendo o que é certo, a mulher não vai fazer nada de errado”, ou seja, de acordo com a percepção dele a conduta e atitude da mulher é reflexo da atitude do homem.

Para finalizar esse assunto, consideramos que as diferenças existem e elas precisam ser debatidas, discutidas, sobretudo compreendidas, levando em consideração as questões subjetivas e particulares de cada ser humano, principalmente ao que tange ao recorte de gênero na sociedade.

4.3 A Velhice na Atualidade: relatos dos(as) entrevistados(as)

A velhice na contemporaneidade foi discutida com muitos apontamentos positivos. Com unanimidade, os(as) participantes abordaram que hoje em dia é melhor, devido aos seus direitos em relação a aposentaria, relataram também a questão do lugar preferencial na filas de bancos, nos transportes públicos, ainda relataram que hoje em dia eles(as) tem mais liberdade, e opções para se distraírem, como os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos oferecidos nos Centro da Assistência Social (CRAS). Enfatizaram o quanto é benéfico para a saúde o trabalho social que o corpo de bombeiro realiza, com o projeto de ginástica, no intuito de incentivar os(as) idosos(as) a praticarem atividades físicas. Sobre essa questão da velhice na atualidade, a entrevistada de 75 anos de idade, aposentada, separada, mora só, tem 5 filhos , e frequenta o SCFV há 11 anos, disse:

Hoje em dia é difícil ver um idoso sofrendo, se lamentando. Hoje a gente vive querendo participar das coisas. Hoje em dia tem mais oportunidade, antigamente não existia esse negócio de Ginástica dos Bombeiros, CRAS, SESC, E hoje tem tudo isso pra nós, né? E eu me sinto muito bem, graças a Deus.

Podemos verificar diante do relato da entrevistada sobre os aspectos da velhice na atualidade, uma ênfase aos projetos sociais voltados para a população idosa, nos quais são extremamente necessários e benéficos para a saúde dos(as) idoso(as). Quando ela afirmou: “hoje em dia é difícil ver um idoso sofrendo, se lamentando.” Podemos perceber que sua percepção em relação a atualidade é voltada para questões positivas dos projetos sociais implantados na sociedade. Assim sendo, é pertinente citarmos que concordamos com a entrevistada. Os projetos sociais voltados para a população idosa são de extrema relevância na sociedade e contribuem para uma vida mais satisfatória, sobretudo mais saudável. Como descrito anteriormente, com unanimidade relataram que hoje em dia a população idosa tem mais direitos e privilegiados comparado ao de tempo de outrora. Vejamos outro relato de um dos participantes da pesquisa com 71 anos, mora com a esposa e 1 filha, é aposentado, trabalha com reciclagem e participa do grupo há um mês. Sobre a percepção da velhice na atualidade ele disse:

No passado nós não tinham os direitos que a gente tem hoje. No passado nós vivíamos tão empenhados no departamento das roças que os governantes não olhavam pra gente, só olhavam no tempo dos votos. O idoso hoje tem mais privilégio comparado àquela época do passado.

Podemos considerar diante do que foi posto pelo entrevistado, que nos anos anteriores, ou seja, no passado, o poder público não tinha projetos voltados para a população idosa. Ele afirma que na atualidade, os(as) idosos(as) têm mais privilégios comparado a época do passado.

Atualmente a população idosa na sociedade está a cada dia mais se expandindo, e isso requer um aparato mais especificado do poder público frente às questões do processo de envelhecimento. De acordo com a ‘Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia’: “Hoje não mais devemos atrelar a velhice à doença ou a símbolos como óculos e bengalas. Temos, na verdade, uma população idosa altamente produtiva e ativa, que atinge, em grande parte, a maior idade com qualidade de vida” Por isso, a importância dos projetos sociais voltados para os idosos, pois esses contribuem diretamente na vida social dos(as) idosos(as).

Semelhantemente aos relatos anteriores sobre a velhice na atualidade, o participante de 61(sessenta e um) anos, aposentado, tem 3(três) filhos, trabalha como Serralheiro em casa e frequenta o SCFV há 4 anos, abordou: “Hoje em dia a situação para o(a) idoso(a) está mais favorável em tudo que se refere ao idoso(a). O idoso antigamente não tinha direito a nada. Hoje em dia o(a) idoso(a) tem passe livre.” De acordo com esses relatos, percebemos que eles

deixaram transparecer uma determinada gratidão ao Estado, e sabemos que isso não é um privilégio que o Estado os(as) propõe, a aposentadoria, o passe-livre etc. são direitos dos(as) e esses, por sua vez, são assegurados constitucionalmente.

É válido salientar que a questão do “tratamento” aos(às) idosos(as) perante a sociedade, algumas entrevistados relataram que não se sentem respeitados(as), principalmente pelos jovens. Relataram que nos transportes públicos, muitas pessoas não os(as) respeitam, fingem que estão dormindo para não ceder o devido lugar preferencial que à eles(as) pertencem. Relataram também alguns motoristas de ônibus não param pra eles(as), com isso eles(as) se sentem desrespeitados.

Vejamos os detalhes do relato de um dos participantes da pesquisa, sobre o que citamos anteriormente em relação à questão da rejeição na sociedade: “Eu acho maravilhoso ser velho hoje em dia, mas as pessoas não tem mais respeito com os(as) idosos(as), levam eles(as) a ‘pagode’. Ele quis dizer que as pessoas hoje em dia não honra mais as pessoas idosas(as), além de os(as) desvalorizarem, não os(as) respeitam. E essa situação é nada mais do que a rejeição, e até mesmo exclusão social. Semelhantemente ao o que foi posto anteriormente, há quase 5 décadas atrás Beauvoir salientou:

De maneira geral, ela fecha os olhos para os abusos, os escândalos e os dramas que não abalam seu equilíbrio; não se preocupa mais com a sorte das crianças abandonadas, dos jovens delinquentes, dos deficientes, do que com a dos velhos. Nesse último caso, entretanto, sua indiferença parece, a priori, mais surpreendente; cada membro da coletividade deveria saber que seu futuro está em questão; e quase todos têm relações individuais e estreitas com certos velhos (BAUVOIR, 1970 p. 265).

Em relação ao que a Beauvoir escreveu, apesar sido há quatro décadas, a sua classificação em relação às questões sociais e sobretudo ao que se refere a atitude da população, infelizmente ainda é profundamente atual.

Outra participante da pesquisa com 63 anos de idade, não é aposentada, sobrevive apenas com o benefício do Bolsa Família no valor de 85 reais, solteira, não têm filhos e há 8 anos frequenta o CRAS relatou a mesma situação, vejamos: “Hoje em dia as pessoas idosas são descriminas pela idade, a gente chega no ônibus, têm pessoas que fingem que estão dormindo pra não dá a cadeira, as vezes o motorista não para... Antigamente eu acho que era melhor do que agora.” Essas situações infelizmente são frequentemente vivenciadas pelos(as) idosos(as) e através disso eles(as) se sentem excluídos pela sociedade. Consequentemente a

essas circunstâncias a população idosa vive numa sociedade que não aceita e não respeita os sujeitos da velhice, ou seja, não respeitam os(as) idosos(as).

É importante citarmos que a maioria das mulheres entrevistadas nos relatou que atualmente vive melhor, tem mais liberdade comparada ao tempo da juventude. Muitas nos relataram que casaram muito cedo, e os seus maridos não os respeitavam. Com unanimidade entre as mulheres o tema liberdade foi abordado, todas disseram que se sentem mais livres, podem sair sem ter hora para voltar, ainda citaram que a qualidade de vida é melhor atualmente. Para complementar, vejamos o que uma das participantes que infelizmente ainda não é aposentada, é separada, tem 6 filhos, e frequenta o SCFV há 1 ano: “hoje é melhor, tenho mais liberdade, eu vou para onde eu quero, faço o que eu quero, vou para a igreja.” Diante desses apontamentos, podemos concluir que as mulheres quando casadas se sentiam presas em casa, submissa aos seus maridos, e o pior dessa situação é que elas acham que isso era algo natural, onde as mulheres nasceram mesmo para servir os homens.

Um das entrevistadas com 66(sessenta e seis) anos, aposentada, viúva, mora só, tem 1(um) filho, trabalha com vendas, frequenta o SCFV há 8 anos também relatou que hoje vivencia uma velhice com mais liberdade, discorreu também que sofreu abuso de seu esposo, ela disse:

Agora tenho mais liberdade, é minha vida agora do que quando eu era mais nova. Eu era presa, tinha um marido que queria bater em mim, e hoje sou livre e desimpedida. Tá ótimo o tratamento da sociedade, nos ônibus as cadeiras de prioridade, temos direitos, podemos cobrar. Os(as) idosos(as) estão sendo mais respeitados hoje em dia.

Isso nos remete a pensarmos que a liberdade vivenciada hoje em dia pelas entrevistadas é consequência da separação com o marido que as prendiam. Sobre o ‘tratamento’ da sociedade, algumas opiniões foram divergentes. A entrevistada citada anteriormente citou que hoje em dia é melhor para os(as) idosos(as), ela citou que se sente mais respeitada, se sente mais segura devido aos direitos que os(os) asseguram, e que tem a possibilidade de cobrar da sociedade, e sobretudo do poder público, caso esses direitos não sejam respeitados. Entretanto, teve pessoas que se contrapôs como foi o caso dessa participante de 68 anos de idade, não é aposentada, solteira, mora só, teve dois filhos, trabalha como cozinheira e frequenta o CRAS há 3 anos, ela discorreu:

O(a) idoso hoje em dia não tem mais respeito, está com duas semanas que uma vizinha me escolhambou. Ela tem tempo de ficar em casa passando loreal, e eu não

tenho, aí outro dia a neta dessa senhora me chamou de tia, e ela disse: ‘não chame essa nega de tia, não’. Ai pensei além de não ter respeito com os(as) mais velhos(as) ainda é racista. Não me respeitam, sofro discriminação por ser uma velha negra.

De acordo com os relatos da entrevistada citada anteriormente, podemos verificar uma forte discriminação em relação à velhice, também sobre os aspectos de cor da entrevista. Diante dessa situação, cabe citarmos a questão da interseccionalidade, Nesse mesmo segmento podemos complementar a classificação de gênero incluindo o conceito de interseccionalidade, o qual não é uma temática muito discutida, entretanto, a sua explanação se faz necessária. Analisemos como se configura o conceito de interseccionalidade:

O conceito de interseccionalidade, permite dar visibilidade as múltiplas formas de ser “mulher” sem cair no reducionismo de um princípio unificador comum, mas sem, contudo, resvalar para um relativismo que desloca as relações de poder envolvidas nas diversas formas de opressão, transformando-as em mero objeto de disputa discursiva (RODRIGUES, 2013, p. 6).

Como Rodrigues nos exortou sobre o conceito de interseccionalidade, podemos concluir que se trata das múltiplas formas de ser “mulher” a singularidade de cada uma, exercendo em si sua capacidade de ser única no contexto de uma sociedade diversificada, que impõe classificações de ser ou não ser mulher.

Vale salientar que na sociedade contemporânea independente das múltiplas formas de ser do ser humano, de ser homem, de ser mulher, sobretudo a mulher idosa, todas têm direitos iguais perante a lei, sem distinção alguma. Vejamos abaixo o que está escrito na Constituição Federal de 1988, sobre esse critério de igualdade:

(Art. 5º) Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; II ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei; III ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante; IV é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato; V é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem (BRASIL 1988 s/p).

A velhice na atualidade, de acordo com a visão dos(as) entrevistados(as), todos(as) relataram que hoje em dia é melhor, por conta das políticas públicas que os(as) asseguram, como o Estatuto do Idoso, etc. Relataram também sobre o quanto é benéfico o trabalho do SCFV e os projetos sociais como projeto de ginástica oferecido pelo corpo de Bombeiros. Com unanimidade, todos(as) confirmaram que ser idoso(a) na contemporaneidade é melhor.

Entretanto, as políticas voltadas para esse público ainda são ineficientes, andam a passos lentos e precisa em sua instancia serem reajustadas.

Podemos considerar que na atualidade de acordo com as respostas dos(as) entrevistados(as) a velhice é expressa de uma forma negativa, entretanto ao que diz respeito ao ‘tratamento’ da sociedade contemporânea para com os(as) idosos(As), podemos considerar que as pessoas precisam ser educadas, sobretudo informadas em relação ao processo de envelhecimento na sociedade, haja vista que na atualmente muitas pessoas não respeitam os(as) sujeitos da velhice, os(as) colocando numa classificação enviesada, no qual fazem uso de estereótipos, os(as) excluindo e os(as) tratando como lixo social.

Essa postura culturalmente posta na sociedade precisa urgentemente ser desconstruída, para que assim a futura geração possa vivenciar uma velhice mais benéfica sem as classificações enviesadas e sem discriminação de idade.

4.4 O Termo Velho e Idoso de acordo com as abordagens dos(as) entrevistados(as)

O termo velho e idoso na sociedade embora seja designado para a mesma pessoa, podemos constatar diante dessa pesquisa que infelizmente não tem o mesmo significado, as pessoas acabam por criar classificações diversificadas em relação ao termo velho e idoso. De acordo com essas diversificações de termos, iremos explanar suas nuances divergentes de acordo com os relatos dos entrevistados.

4.4.1 “Velho é pano de chão”: abordagens dos(as) entrevistados(as) em relação aos termos velho e idoso.

Ao que se refere ao termo IDOSO e VELHO a maioria relatou que prefere ser chamado como ‘idoso, pois a denominação velho remete-os(as) a algo ultrapassado, sem respeito. Também relataram que depende muito da forma como é chamado. A maioria falaram que o termo “idoso” tem mais respeito, é um termo que para eles(as) tem mais respeito, é uma denominação mais educada.

Essas atribuições de termos é consequência de uma sociedade que denigre a denominação “velho”, que tenta de todas as formas excluir a velhice, fazendo assim o uso do

termo “Idoso” na tentativa de suavizar os aspectos que compõem a velhice, Olinó (2006) ressalva:

De maneira geral, o idoso hoje prefere ser identificado como uma pessoa pertencente à terceira idade. Faz sentido, pois, afinal terceira idade traz consigo um senso de continuidade: existe um antes e um depois. Nunca se sabe, poderá vir uma quarta idade, talvez quinta, como nos tempos bíblicos onde os anciãos viviam até 200 anos.

Vivemos numa sociedade extremamente dialética que está em constantes mudanças, e essas nomenclaturas estão sujeitas a alterações, entretanto nos atentamos somente na questão do nomenclatura velho(a) e idoso(a), que são designado as mesmas pessoas, mas com conotações diversificadas.

Vejamos a seguir relatos dos(as) entrevistados(as) sobre os significados dos termos. A participante da entrevista disse: “Não acho muito bom a pessoa pronunciar velho, não. Velho é pano de chão, é a estrada do Maranguape [...] mas, apesar de tudo eu me amo.” Percebemos que ela faz uma conotação totalmente negativa as questões relacionados a pessoa velha, que algo desprezível, inútil, comparou essa inutilidade a um pano de chão e ainda fez uma triste comparação em que “velho é estrada do Maranguape” Essas questões são fortemente abordadas pela entrevista com um teor extremamente negativo, e infelizmente não foi a única que fez essas conotações negativas à pessoa velha.

Vejamos outro relato, sobre o termo ‘velho’ essa por sua vez, não aceita a velhice, e percebemos muita tristeza quando ela relata sobre os aspectos da velhice. Ela abordou: “O termo é velho é uma ofensa, num ta vendo que sou velha então não preciso ser chamada de velha. É muito triste ser velho.” Nessa fala notamos uma extrema rejeição a velhice, principalmente ao que se referem às denominações, nos transpareceu que ela tenta de todas as formas excluir e até mesmo esquecer que é velha. Quando ela disse: “[...] num ta vendo que sou velha então não preciso ser chamada de velha.” Podemos constatar a sua total rejeição a velhice, sobretudo ao termo velho.

Semelhantemente aos relatos que já foram mencionados em relação a velhice mais uma entrevistada relatou: “Todo mundo diz assim: que velho é lixo, velho é uma coisa que a gente joga e não presta mais.” Outra entrevistada disse: “Acho que é uma ofensa, mas sou velha mesmo, mas prefiro ser chamada de idosa. O povo diz que velho é quem vive no fundo de uma rede, doente, não vale mais nada. E eu faço minhas atividades, tenho saúde, trabalho.”

Diante disso podemos interpretar que a conotação negativa em relação à velhice é algo que foi socialmente construído, e que essa designação pejorativa da velhice é consequência de uma sociedade que tenta de todas as formas excluir, denegrir a imagem da pessoa velha, fazendo assim, uso de outros termos, no intuito de suavizar todos os aspectos que diz respeito a velhice.

Mais um relato extremamente pejorativo se fez presente nos apontamentos de uma dos(as) entrevistados(as), ela explanou: “Velho não existe, velho é gente mal educado, que não sabe fazer o ‘ó com a quenga’, quando vou falar com alguém falo: ei senhora, mas velha não.” É uma situação lamentável, pois eles mesmo fazem uma atribuição negativa a eles, mesmo sem perceber, achando que os outros termos tem o poder de substituir e/ou excluir um aspecto natural da vida humana.

Concomitantemente a essas percepções negativas em relação ao termo velho, teve alguns homens que abordaram relatos divergentes. Todavia, todas as mulheres entrevistadas com exceção de apenas uma, fizeram uma atribuição negativa do termo velho.

Vejamos os apontamentos dos entrevistados que felizmente não fizeram uma atribuição negativa: “Não acho que é uma ofensa, me sinto privilegiado.” Outro participante relatou: “Eu me orgulho de ser velho, eu já vivi 71 anos e pra mim é uma vitória.” Semelhantemente mais um participante abordou: “Não acho que seja uma ofensa” Constatamos que os homens idosos não fazem uma designação negativa do termo velho, deixaram transparecer que não dão muita importância, contudo, houve relatos de alguns homens que disseram que depende muito da forma como é chamado, ou seja, da forma e ou/ do contexto colocado. Para exemplificarmos, vejamos o que os entrevistados relataram em relação a forma de como os(as) chamam: “ não acho que seja uma ofensa, mas o termo velho é para uma pessoa bem velha, mas não pode chamar a pessoa velha de nova, porque não é mais..” outro entrevistado semelhantemente abordou: “dependendo do tom de voz torna-se uma ofensa. Depende muito como a pessoa chama” e ainda outro entrevistado tornou a relatar: “Depende do jeito de se tratar o velho, a maneira como fala.” Podemos observar que há uma certa semelhança a questão da conotação do termo velho, abordaram semelhantemente que depende muito da forma como os(as) chamam.

Conforme as descrições postas anteriormente, podemos concluir que há diferentes percepções ao que tange o termo velho. Com unanimidade as mulheres fizeram uma conotação negativa e pejorativa, os homens, por sua vez, deixaram transparecer que não se

importam muito. Todavia, quando foram indagados sobre a preferência de termos, com unanimidade entre todos os entrevistados da pesquisa relataram que preferem o termo idoso. A seguir iremos discutir, descrever e analisar as designações feitas pelos(as) entrevistados ao termo idoso.

4.4.2 “O termo idoso é suave, não denigre tanto a pessoa.”: apontamentos dos(as) participantes da pesquisa sobre a designação do termo Idoso

O termo idoso passou a ser utilizado na sociedade a partir do século XX, com características diversificadas com a nova política social para a velhice, houve uma alteração na estrutura social, tornando pejorativos alguns termos, e o termo idoso passaram a ser usado com certo prestígio. Vejamos o que Peixoto (2000) salienta sobre o termo idoso:

A introdução da noção menos estereotipadas “idoso” foi bastante criticada por alguns especialistas do tema, [...] o termo idoso não é tão preciso quanto velho, mesmo que seja mais respeitoso.[...] o termo serve para caracterizar tanto a população envelhecida em geral, quanto os indivíduos originários das camadas sociais mais favorecidas. Para além do caráter generalizante desse termo, que homogeneízam todas as pessoas de mais idade, esta designação deu outro significado ao indivíduo velho transformando o sujeito respeitado. A partir de então os problemas dos velhos passaram a construir necessidade dos idosos. (PEIXOTO, 200 p.73-74)

O termo idoso na sociedade parece ter mais prestígio, respeito entretanto, como citado pelo autor anteriormente o termo idoso não é tão preciso quanto o termo velho. Conforme os relatos dos entrevistados, podemos assinalar que essas nuances sobre respeito e prestígio do termo idoso torna-se presente nas falas dos participantes da pesquisa. Vejamos o relato de uma das mulheres sobre o significado do termo idoso: “O termo idoso é suave, não denigre tanto a pessoa.” Percebemos que de fato eles se sentem mal com a classificação do termo velho, e a utilização do termo idoso suaviza os aspectos da velhice.

E semelhantemente ao relato colocado anteriormente, podemos assinalar a priori, que com unanimidade foi relatado que o termo idoso é considerado um termo que obtêm em sua instancia mais prestígio e respeito. Outra participante relatou: “Tem mais respeito a pessoa chamar um idoso, um cidadã, um senhor.” Percebemos a exclusão da velhice na utilização desses termos “idoso, cidadã, senhor” citados anteriormente pela entrevistada.

Outra participante entrevistada disse: “Acho bonita a palavra idoso, prioridade” semelhantemente um participante explanou: “É melhor, a expressão é outra, é mais bonito, né? mais saudável, mais respeitado, prefiro ser chamado de idoso.” podemos perceber de

acordo com o que foi descrito anteriormente que o termo idoso é até considerado como uma expressão bonita, se acha respeitada quando é designada com essa classificação. Mais uma entrevistada explanou: “esse termo é melhor, tem mais respeito.” A palavra respeito em consonância ao termo idoso foi posto diversas vezes pelos entrevistados, podemos até assinalar que a maioria relatou o mesmo.

Teve situações em que o termo idoso também é não visto como uma classificação respeitosa, entretanto não é visto como um termo pejorativo assim como o termo velho. Assinalou a entrevistada sobre o termo idoso: “Não gosto desse termo, mas prefiro chamado de idoso ao invés de velha.” Como descrito pela entrevistada, ela não gosta de nenhum dos termos, todavia ela menciona que prefere o termo idoso do que velho.

Conforme descrito no subtópico anterior, os participantes homens da pesquisa não fizeram uma atribuição tão negativa do termo velho, um deles relatou que se sente privilegiado ter alcançado a velhice, que podem chamá-lo do termo que quiseram como foi o caso desse entrevistado: “Pra mim não tem diferença, tanto faz me chamar de velho, como idoso, me sinto privilegiado. Me chamar de idoso é como se tivessem me dando um grande elogio”. Chamá-lo de idoso é atribuí-lo um elogio.

Outro participante da pesquisa relatou que os termos são todos iguais e que para ele não há diferenças. Ele disse: “É tudo igual.” Em relação aos termos usados na sociedade. Concomitantemente as esses relatos colocados anteriormente, existiram relatos entre os homens de que o termo idoso tem uma conotação mais respeitável. O entrevistado disse: “O termo idoso é mais respeitado, e prefiro ser chamado de idoso” podemos verificar que o discurso se iguala aos apontamentos femininos.

Conforme os relatos dos entrevistados, alguns apontaram que o termo designado às pessoas com mais de 65 anos de idade torna-se uma ofensa pela forma de como é chamado, pelo o contexto do ‘tratamento’ em si, para melhor entendermos, vejamos o que um dos entrevistados citou: “dependendo do tom de voz torna-se uma ofensa. Depende muito como a pessoa chama” outro participante semelhantemente também relatou: “O termo idoso é forte, mas depende muito da forma como a pessoa chama.” De acordo com esses relatos podemos concluir que a forma como os(as) chamam e/ou os(as) classificam é totalmente relevante para eles(as), e em suma eles(as) se importam com isso.

Aqui cabe mais uma vez citarmos o que presenciamos na primeira visita ao SCFV: Uma das participantes do grupo questionou uma das músicas que foi colocada para eles(as) nesse dia, e na letra da música tinha o termo ‘anciã’. No término da música ela olhou para todos do grupo e pediu para que não usassem o termo “ancião”, pois, no SCFV só tinha pessoas idosas com espíritos jovens. Isso nos mostrou desde o primeiro contato com o grupo que eles se importam com as classificações em que são impostas para os(as) designá-los.

E como citamos a questão do primeiro contato com os(as) sujeitos da pesquisa, isso nos remeteu a lembrarmos do último contato e/ou encontro na qual fizemos a questão de os(as) presenteá-los(as) com uma simbólica lembrancinha em forma de agradecimento. Segue a seguir a imagem que retrata esse momento final entre o(a) pesquisador(a) e os(as) sujeitos da pesquisa.

Figura 7 - Momento final



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi discorrido sobre o irrevogável envelhecimento da população brasileira, que bem como já mencionado exaustivamente nessa pesquisa, essa população tem se elevado exacerbadamente, isso porque o número de pessoas que nascem é inferior ao ritmo de pessoas que morrem. De acordo com essa realidade, é necessário que haja políticas públicas que garantam o bem estar dessa população.

Nesse sentido, podemos considerar que essa situação traz consigo a carência de algumas necessidades, nas quais são: profissionais capacitados, políticas públicas que englobem todas as circunstâncias e necessidade da vida dos(as) idosos(as), modificações no pensamento das pessoas sobre a questão dos estereótipos, pesquisas e estudos reacionados a vida dos(as) idosos(as), etc. Além dessas circunstâncias, se faz necessário também levarmos em consideração todos os aspectos, bem como (cultural, social, subjetivo) para termos capacidade de adentrarmos a essência, entendermos a situação e conseqüentemente sugerir novas políticas sociais que impulsionem modificações na vida da população idosa.

Ao que tange a vida da população no contexto atual, podemos considerar que as diferenças de gênero são expressas de uma forma elevada, e essas diferenças precisam ser discutidas para que assim as pessoas tenham conhecimento e tomem propriedade sobre assunto, possam se empoderar e lutar por uma sociedade mais justa.

A partir da análise das falas dos(as) entrevistados(as) foi possível identificar definições sociais sobre o conceito de homens e mulheres durante a velhice. Essas diferenças precisam ser analisadas, e sobretudo interpretadas na sua complexidade, necessitam em suma, serem compreendidas por todos os segmentos das sociedade contemporânea, para que assim os(as) idosos(as) possam vivenciar uma velhice igualitária, levando em consideração os aspectos de gênero. Ao invés disso a sociedade por sua vez tenta homogeneizar a velhice fazendo uso de preconceitos e estereótipos, classificando essa população como impotente ou até mesmo como lixo social.

As mulheres são mais ativas. Elas participam com mais intensidade dos projetos sociais, como o projeto de ginástica dos bombeiros, os SCFVI, etc. Percebemos também que o machismo entre os(as) idosos(as) é fortemente vivenciado, e o mais intrigante dessa situação é

que as mulheres idosas acham que isso é normal, e natural a superioridade do homem sobre a mulher idosa na sociedade.

As mulheres idosas carregam entre si o peso da viuvez, isso porque a mortalidade masculina é superior à mortalidade feminina e esse peso muitas vezes traz consigo diversas consequências que podem interferir na vida social das mulheres, como a solidão, o abandono familiar, dentre outras. Nesse sentido, a família e o poder público, necessitam ampará-las e/ou dar uma atenção especificada, não as tratando com diferença, mas com equidade.

Em algumas situações, podemos mencionar que existem diferenças relacionadas à questão de estética. Por exemplo: o processo de envelhecimento de ambos os sexos são vivenciados e/ou ‘tratados’ de formas diversificadas na sociedade, nos quais os homens tem total liberdade de aceitar, e pode assumir as transformações corporais relacionadas ao processo de envelhecimento sem ser estereotipados(as) ou discriminados(as) por isso. Ou seja, se o homem resolver escolher deixar sua barba crescer, assumirem seus cabelos grisalhos etc., ainda assim, na maioria das vezes, o homem será considerado como uma pessoa charmosa. A mulher que porventura assumir seus cabelos brancos poderá ser considerada uma pessoa desleixada, sem vaidades. A sociedade poderá classificá-la como uma pessoa descuidada, e a meu ver estes papéis sociais precisam ser desmistificados, pois assim como homem, a mulher precisa ter total liberdade de viver como quiser sem as classificações impostas pela sociedade. Concomitantemente a isso elas poderão aceitar o processo e transformações do envelhecimento sem discriminação e/ou culpa.

Sobre o contexto da velhice na atualidade, pudemos perceber de acordo com os relatos dos(as) entrevistados(as), que apesar dos desafios enfrentados, desrespeito e estereótipos, eles(as) vivenciam uma velhice melhor, nos quais os mesmos destacaram a questão das políticas sociais destinadas a eles. Contudo, essas políticas precisam ser reajustadas levando em consideração as questões de gênero.

Ao que se refere ao tratamento da sociedade para com os(as) idosos(as), eles(as) se sentem desvalorizados(as) pelas pessoas. Os(as) idosos(as) enfatizaram o ‘tratamento’ das pessoas nos transportes públicos, onde é um local em que eles(as) tem direito reservados e resguardos, mas existem pessoas que não respeitam esses direitos, fazem uso da arrogância e ignoram a presença dos(as) idosos(as).

Sobre os significados atribuídos à velhice podemos assinalar que essa atribuição teve um teor totalmente negativo, em que os(as) próprios(as) entrevistados(as) disseram: “velho pra mim é pano de chão, é estrada do Maranguape” “ [...] é muito triste a velhice, eu não aceito.” “velho é quem fica em casa no fundo de uma rede, e eu não sou assim, sou ativo.” Os(as) próprios(as) idosos(as) atribuíram-lhes mesmo sem perceber uma imagem estereotipada, achando que o termo idoso tem a capacidade de anular os aspectos da velhice. A maioria relatou que preferem ser designados como ‘idoso’ e não como ‘velho’, e essa atribuição negativa pode ser consequência de uma sociedade que exclui a velhice em determinados contrastes.

Como descrito anteriormente vivemos numa sociedade que tenta de todas as maneiras excluir as características do envelhecimento. Assim sendo, fazem uso de várias classificações na pretensão de suavizar a velhice. Em algumas situações é até considerado elogio dizer que a pessoa aparenta ser mais jovem do que a idade que realmente tem. Os produtos de rejuvenescimento são um dos mais procurados no mercado, ou seja, vivemos numa busca incessante da eterna juventude. Os idosos(as) entrevistados(as) também fazem uso da ideia estereotipada da velhice, não aceitam e até mesmo chegam a ignorar. É pertinente mencionar que podem até ignorar, tentar excluir, mas a velhice é natural em que todos(as) um dia, caso não haja interrupção, irão passar. Pois desde momento em que somos gerados, envelhecemos.

Embora atualmente alguns(as) dos estudiosos(as) e pesquisadores(as) tentem desmistificar ou se contraponham em relação ao uso do termo idoso, na realidade, podemos constatar que o termo idoso é considerado mais respeitado com características e nuances prestigiadas. Assim sendo, preferem e gostam do termo “idoso” pois na concepção deles(as) este termo não denigra tanto como a palavra ‘velho’. É válido ressaltar que as mulheres deram ênfase maior do que os homens sobre a questão dos significados desses termos. Como sabemos, a sociedade brasileira ainda é considerada machista, por questões que não nos compete mencionar aqui, e essa realidade reflete na velhice. Contudo, precisamos desmistificar essa realidade para que nos próximos anos a população idosa ao que se refere às questões de gênero possa ser considerada igual. Estamos em pleno século XXI e as questões que relacionadas aos aspectos de gênero na sociedade são minimamente discutidas e muitas vezes isso acontece por falta de conhecimento sobre assunto, conseqüentemente algumas pessoas podem achar que essas circunstâncias de desigualdades sociais entre os gêneros são inerentes à vida

E diante dessa realidade, consideramos que é crucial abordarmos, estudarmos e, sobretudo entendermos com afinco, todos os aspectos que compõe a velhice feminina masculina. Pois, como citado anteriormente, as diferenças existem e na maioria das vezes são despercebidas e ignoradas.

Embora saibamos dos limites dessa pesquisa, esperamos que esta possa contribuir para a ampliação dos estudos em relação a população idosa na sociedade. É importante salientar que esse estudo é de caráter singular, ou seja, teve o intuito de evitar a redundância teórica. Consideramos que pesquisas sobre essa temática seja de grande relevância. Sendo assim, tivemos a partir dos dados coletados nesse estudo esperamos que essa possa servir para os estudantes de Serviço Social interessados no estudo sobre a velhice, bem como para estudantes de outras áreas nos quais queiram obter conhecimento sobre essas questões.

Para finalizar consideramos que a população idosa precisa em sua complexidade ser reconhecida como cidadãos(ãs) que são, em sua instancia homogêneos e heterogêneos ao mesmo tempo, mas nunca como lixo social!

REFERÊNCIAS

ALVES, Leonardo M. **O Círculo Hermenêutico para leituras críticas**. Disponível em: <<https://ensaiosnotas.com/2014/11/20/o-circulo-hermeneutico-para-leituras-criticas/>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

BRASIL. **Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas: Orientações Técnicas**. Disponível em: <<https://craspsicologia.files.wordpress.com/2013/09/orientacoes-tecnicas-do-scfv-para-pessoas-idosas.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

_____. **Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa**. 2006. Disponível em: <<http://www.saudeidoso.icict.fiocruz.br/pdf/PoliticaNacionaldeSauedaPessoaIdosa.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.

_____. **Orientações Técnicas Sobre O PAIF**. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Orientacoes_PAIF_2.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

_____. Constituição (1994). **Política Nacional do Idoso**. Fortaleza, CEAR&AACUTE;, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm>. Acesso em: 30 set. 2016.

_____. Lei nº 1.395, de 10 de dezembro de 1999. **Política de Saúde do Idoso**. Fortaleza, CEAR&AACUTE;, Disponível em: <https://www.ufrgs.br/3idade/?page_id=117>. Acesso em: 03 out. 2016.

_____. Constituição (2003). Lei nº 10.741, de 03 de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Fortaleza, CEAR&AACUTE;, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 03 out. 2016.

_____. Constituição (2004). Lei nº 145, de 15 de outubro de 2004. **Política Nacional de Assistência Social PNAS**. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf>. Acesso em: 03 out. 2016.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Fortaleza, Acesso em: 04 out 2016

_____. **Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa**. Fortaleza, CEAR&AACUTE;, Disponível em: <<http://www.saudeidoso.icict.fiocruz.br/pdf/PoliticaNacionaldeSauedaPessoaIdosa.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2016.

_____. **Serviço Convivência e Fortalecimento de Vínculos SCFV**. Fortaleza, CEAR&AACUTE;, Disponível em: <<http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>>. Acesso em: 05 out. 2016.

_____. Lei nº 109, de 11 de novembro de 2009. **Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS**. Disponível em

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARROS, Myriam Moraes Lins. **Velhice ou Terceira Idade ?** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BRUSCHINI, Cristina. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane, (Orgs). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. 3.ed. São Paulo: Cortez,2000.

BOURDIEU, Pierre. **A "juventude" é apenas uma palavra**. Disponível em: <<http://www.observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/a-juventude-e- apenas-uma-palavra-bourdieu.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

CIDADANIA, Direitos Humanos Ministério da Justiça e. **Pessoa Idosa**. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/programas/politica-nacional-do-idoso-e-o- estatuto-do-idoso>>. Acesso em: 30 set. 2016.

DICIO. **Idoso**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/idoso/>>. Acesso em: 19 set. 2016.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

FALEIROS, Vicente de Paula. **O que é Política Social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FERNANDES, Maria Das Graças Melo. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 5, p. 705-710, set./out. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000500009>. Acesso em: 08 set. 2016

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5476>. Acesso em: 23 set. 2016.

_____. **Como vive o idoso brasileiro?** Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Arq_06_Cap_01.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2016.

_____. (2010) Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0830.pdf Acesso em: 09/10/2016

_____. **O Idoso Brasileiro no Mercado de Trabalho**. 2001. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4393:td-0830-o-idoso-brasileiro-no-mercado-de-trabalho&catid=313:2001&directory=1>. Acesso em: 20 out. 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) **Perfil dos Idosos**. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/mao-na-roda/idosos.html>> Acesso em 08 Set 2016

JARDIM, Simone. **Diferenças de gênero só se aprofundam na velhice**. 2014. Disponível em: <<http://saudebusiness.com/noticias/diferencas-de-genero-so-se-aprofundam-na-velhice/>>. Acesso em: 08 set. 2016.

LOAS **Lei Orgânica da Assistência Social**. Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://joomla.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_assistencia/Arquivos/lei_organica_assistencia_social.pdf> Acesso em: 27/10/2016

MACIEL, Priscila Cristina da Silva; PESSIN, Giséle; TENÓRIO“, Luiza Carla. **TERCEIRA IDADE E NOVAS TECNOLOGIAS: UMA RELAÇÃO DE POSSIBILIDADES E DESAFIOS**. 2012. Disponível em: <<http://www.aninter.com.br/ANAIS I CONITER/GT11 Informação, educação e tecnologias/TERCEIRA IDADE E NOVAS TECNOLOGIAS UMA RELAÇÃO DE POSSIBILIDADES E DESAFIOS Trabalho completo.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2016.

MABRE. **O que é o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para IDOSOS?** Disponível em: <<http://www.mabre.com.br/o-que-e-o-servico-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos-para-idosos/>> acesso em: 05 out 2016

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MAGALHÃES, Belmira. **Sujeito e velhice: a particularidade das relações de gênero afetando a formulação do dizer**. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/512/318>>. Acesso em: 20 out. 2016.

MANZARO, Simone de Cássia Freitas. **IDOSO, VELHICE OU TERCEIRA IDADE?** 2012. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.com/comportamentos/item/3427-envelhecimento-idoso-velhice-ou-terceira-idade>>. Acesso em: 2010 out. 2016.

NICODEMO, D.; GODOI, M. P. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. Rev. Ciênc. Ext. v.6, n.1, p.40, 2010

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; –, Paola Andressa Scortegagna; OLIVEIRA, Flávia da Silva. **TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO NA TERCEIRA IDADE**. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada9/_files/hbrpmPvR.pdf>. Acesso em: 29 set. de 2016

OLINO, Rita et al. **O idoso não quer Pijama**: Aprenda a conhecer e como tratar esse novo cliente. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006.

PITANGA, Daniele de Andrade. **Velhice na Cultura contemporânea**. 2006. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <[file:///C:/Users/sandracavelozo/Documents/Danielle Pitanga O envelhecimento.pdf](file:///C:/Users/sandracavelozo/Documents/Danielle%20Pitanga%20O%20envelhecimento.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2016.

PEIXOTO. **Velhice ou Terceira Idade ?** 2. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2000.

PRATTEIN. **Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos PAEFI**. Disponível em: <http://pratein.com.br/home/index.php?option=com_content&view=article&id=190:servico-

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: Compreendendo a natureza das políticas do Estado capitalista. Rio de Janeiro: Print Version, v. 41, n. 5, 2007. Mensal. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122007000500002>. Acesso em: 29 set. 2016.

ROLDÃO, Flavia Diniz. **A pessoa idosa hoje**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/a-pessoa-idosa-hoje-a42c40wnyrlomlpm0nbbk2mmj>>. Acesso em: 17 set. 2016.

RODRIGUES, Cristiano. **ATUALIDADE DO CONCEITO DE INTERSECCIONALIDADE PARA A PESQUISA E PRÁTICA FEMINISTA NO BRASIL**. 2013. Disponível em: <[http://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminismo negro2.pdf](http://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminismo%20negro2.pdf)>. Acesso em: 21 out. 2016.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Vanessa. **VELHICE E ENVELHECIMENTO: QUALIDADE DE VIDA PARA OS IDOSOS INSERIDOS NOS PROJETOS DO SESC-ESTREITO**. 2009. 71 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Ssocial287076.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2016.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, jan. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000100009>. Acesso em: 16 set. 2016.

de-protecao-e-atendimento-especializado-a-familias-e-individuos-paefi&catid=110:legislacao-e-politicas-publicas&Itemid=201>. Acesso em: 28 out. 2016.

. TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O Papel das Políticas Públicas no Desenvolvimento Local e na Transformação da Realidade**. Disponível em:

<http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a_pdf/03_aatr_pp_papel.pdf>. Acesso em: 23 set. 2016.

UCS. **Idoso: um novo ator social**. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewfile/1886/73>>. Acesso em: 19 set. 201

ROTEIRO DE ENTREVISTA**PERFIL**

NOME:

IDADE :

RENDA:

ESTADO CIVIL:

GÊNERO:

COM QUEM MORA:

QUANTOS FILHOS:

REALIZA ALGUMA ATIVIDADE PROFISSIONAL:

HÁ QUANTO TEMPO FREQUENTA O CRAS:

FALE UM POUCO SOBRE A SUA TRAJETÓRIA DE VIDA (**HISTÓRICO PESSOAL**)

PERGUNTAS

1: O QUE É A VELHICE PARA VOCÊ ?

2: VOCÊ ACHA QUE A SOCIEDADE FAZ DIFERENÇA ENTRE UM HOMEM IDOSO E UMA MULHER IDOSA ?

3: COMO É SER IDOSO HOJE EM DIA ?

4: NA SOCIEDADE ,A CONDUTA DA MULHER IDOSA É IGUAL A DO HOMEM IDOSO ?

5: O QUE VOCÊ FAZ QUANDO ESTÁ EM CASA?

6: VOCÊ ACHA QUE O TERMO VELHO É UMA OFENSA ?

7: E O QUE VOCÊ ACHA DO TERMO IDOSO ?

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Declaro, por meio deste Termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada: **As Diferenças Sociais entre os(as) idosos(as) que participam das atividades do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS)** desenvolvida por **Sandra Maria Cavelozo Ricardo**. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada por **Virzangela Mendes**, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº XXXXXX. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) do objetivo geral, estritamente acadêmico, do estudo que, em linhas gerais, é **Analisar as diferenças sociais existentes entre o homem e a mulher durante a velhice, na perspectiva dos (as) idosos que participam das atividades do CRAS**. Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa e que minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu (sua) orientador (a). Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Fortaleza, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do (a) participante:

Assinatura do (a) pesquisador (a):

Assinatura da testemunha:
